

ALTEROSA

FEVEREIRO • 1962

Cr\$ 40,00

Foi em BH que
os cegos se
encontraram

Anésia,
a pioneira dos
ares

Confissões de
uma curandeira



A NOVA BOSSA DO CINEMA NACIONAL
ESTUDA EM PARIS

Quando Você lava com Rinso

R-636

o seu trabalho aparece...



...porque Rinso lava mais branco!

A mamãe está toda contente! O vestidinho da filhinha é bem mais branco! Todos notam como ele está limpinho... como foi bem lavado!

Com Rinso o seu trabalho aparece... Rinso lava mais branco porque se dissolve totalmente na água e forma aquéle Môlho Super Espumoso que limpa fio por fio dos tecidos. Rinso vai buscar até o sujinho miúdo que os sabões comuns não conseguem alcançar. É por isso que Rinso lava mais branco!

E as cores lavadas com Rinso, então... que beleza! Ficam firmes, vivas e muito mais bonitas, porque Rinso não contém alvejantes. Rinso é puro, e com Rinso não é preciso esfregar muito ou bater a roupa no tanque. Rinso lava mais branco, conservando os tecidos!

Lave toda a roupa de sua casa com Rinso e veja, com satisfação, como Rinso lava mais branco!



**Rinso
ajuda
Você
a lavar
melhor !**

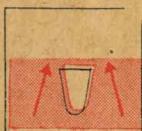
APCBH/C.1b/X-60

1962.02



o alegre
sorriso
dos
primeiros
dentes...

IA - SP 45.000
Quando você aplica Nenê-Dent, repare como seu bebê fica alegre... soridente! Com Nenê-Dent, os primeiros dentes do seu bebê nascem sem dor, porque Nenê-Dent descongestiona as gengivas e elimina a infecção. Nenê-Dent evita as perturbações ocasionadas pelo nascimento dos primeiros dentes: inquietude, sono agitado, recusa da alimentação e febre. Nenê-Dent é um preparado científico de fórmula alemã — e basta um só vidro para todo o período da denticção.



Ao nascer, o dente força o tecido, provocando tensão na gengiva.



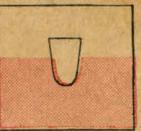
Essa tensão deixa a gengiva inflamada e irritada.



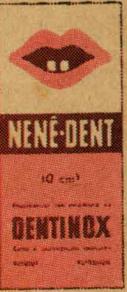
Ai surge a dor — provocada pela inflamação da gengiva.



Rompida a gengiva, os germes penetram, causando infecção. O dente nasce sem dor.



Nenê-Dent evita a irritação e a infecção. O dente nasce sem dor.



NENÊ-DENT

ALTEROSA

A revista da família brasileira

ANO XXIV

Nº 350

Propriedade da
SOC. EDITORA ALTEROSA LTDA.

Rua Rio de Janeiro, 926 — 3º pavimento
Fones 2-0652 e 2-4251 — Cx. Postal 279 —
End. Teleg.: "Alterosa" — Belo Horizonte — Minas Gerais — Brasil.

* * *

DIREÇÃO: N. M. Castro e Miranda e
Castro, diretores.

REDAÇÃO E REVISÃO: Cristiano Linhares,
Euclides Marques Andrade, Garry C.
Myers, Cosette de Alencar, Leonor Telles,
Maria Lysia e Stella Dalva Taveira.

REPORTAGEM: André F. de Carvalho,
Aristides Roriz, Dário Carrera Justo, Fernando P.
Lima, Geraldo Vieira, M. A. Camacho, Naly Burnier Coelho, Nivaldo Correa, Osvaldo Profeta, Pepito Carrera,
Ponce de Leon, Roberto Drummond, Walter José Faé e Wilson Frade.

ARTE: J. C. Moura e Jarbas Juarez
Antunes.

CORRESPONDENTES: Olga Obry, em
Paris; Orlani Cavalcanti, em Hollywood;
e Sérvulo Tavares, em Madrid.

SERVICO INTERNACIONAL: Camera
Press, King Features Syndicate, Odhan
Press, Opera Mundia, Reuter, Transworld
e United Overseas Press.

OFICINAS GRÁFICAS E FOTOGRAVURA:
Wilson Manso Pereira, gerente geral;
assistentes técnicos: Delvair H.
dos Santos, Juarez Drosghic e Oldemar
Almeida.

PUBLICIDADE

BELO HORIZONTE: Oscar de Oliveira
RIO: Ulisses de Castro Filho — Rua da
Matriz, 108 — conj. 503 — Fone 26-1881.
SÃO PAULO: Newton Feitosa — Rua
Boa Vista, 245 — 3º andar — Fone 33-1432.

ASSINATURAS

2 anos	Cr\$ 800,00
1 ano	450,00
1 semestre	240,00

Esses preços valem para todo o continente americano, Portugal e Espanha.
Para outros países: US\$ 3,00, para 2 anos;
US\$ 2,00, para 1 ano; US\$ 1,00, para um semestre.

VENDA AVULSA

Em todo o Brasil	Cr\$ 40,00
Número atrasado	50,00
Portugal e colônias	Esc. 5,00

* * *

A redação não devolve originais de fotografias ou colaborações não solicitadas.

* * *

Os conceitos emitidos em artigos assinados não são de responsabilidade da direção da Revista.

LEITOR AMIGO

É COM a maior satisfação que trazemos ao seu conhecimento uma boa notícia: está quase terminada a montagem da nova impressora que recebemos recentemente da Alemanha. É a maior e a mais moderna máquina, plana automática existente em Minas Gerais.

Dotada do moderno sistema de dupla-rotação, que permite uma entintagem mais perfeita e, consequentemente, uma impressão de melhor qualidade, essa máquina — da tradicional marca "Planeta" — mede nada menos de 8,60 metros de comprimento, 2,60 metros de largura e 2,50 metros de altura, com um peso líquido de 14,5 toneladas. Sua área útil de impressão mede 88 cm x 122 cm, permitindo, assim, a tiragem de 16 páginas de cada vez, com folga.

Ainda no decurso deste mês de fevereiro, estaremos fazendo os primeiros testes de funcionamento dessa moderna e poderosa máquina, cujo preço, ao cambio de hoje, é de cerca de dez milhões de cruzeiros.

Nestas condições, esperamos que a nossa próxima edição de abril, cuja impressão é realizada entre 1º e 20 de março, já deverá ser feita, em sua maior parte, nessa nova e moderníssima impressora, que vai contribuir para melhorar o aspecto gráfico de ALTEROSA. Até o meio do ano, com o aperfeiçoamento da regulagem dessa máquina, esperamos apresentar ao caro leitor uma revista bem melhor, na qualidade de sua impressão e no conjunto do seu aspecto gráfico. E, se a publicidade ajudar, teremos até lá outros importantes melhoramentos a apresentar, também na feição intelectual e artística da sua Revista, pois o nosso desejo é o de corresponder sempre à honrosa simpatia com que nos tem distinguido a família brasileira.

A REDAÇÃO

CAPA

Esta é a segunda vez que a simpática Angie Dickinson, prestigiosa "new-face" da Warner Brothers, enfeita uma capa desta Revista, em foto especialmente enviada de Hollywood.

SUMÁRIO

UM HOMEM SE SENTIU SÓ

ERA passagem de ano e um homem se sentiu só. Tão absolutamente só, que se matou. Havia amigos, mulher, filho. E também admiradores. Espíritooso, fazia todo mundo rir. Sua página era procurada em primeiro lugar. Havia amigos, mulher, filho, admiradores. Havia muita coisa na sua vida, pois esse homem só podia ter muita coisa na vida. Mas ele se matou, porque se sentiu só, tão absolutamente só, tão infinitamente só, que não lhe foi mais possível aquele domínio que procuramos ter a vida toda. Não lhe foi mais possível encobrir sinos, foguetes, estouros de champanha. Não lhe foi mais possível esperar o azul ou mesmo o cinza da manhã seguinte. E como é triste pensar em tudo isso!... Um homem se sentiu só e se matou. Não soube vencer aquela «hora melancólica, hora difícil» que todos nós temos.

Tenho visto pessoas se matarem por falta de dinheiro, jôgo, amor, muitas outras coisas, mas por uma solidão confessada é a primeira vez. Um sentimento sufocante toma conta da gente e nos sentimos culpados. Estamos sempre tanto dentro de nós mesmos, vivemos sempre tão voltados para as nossas próprias vozes, nossos próprios gestos, que não conseguimos estender as mãos senão para nós mesmos ou, quando muito, para os de muito perto. Possuímos uma permanente auréola de egoísmo, nada mais.

Um homem se sentiu só e se matou. É trágico, terrivelmente trágico. E ele se disse culpado, não soube fazer nada em torno de si, não soube criar presença, mas terá sido realmente assim? Os mais próximos não se sentiam cômodamente felizes e desobrigados? Não precisavam esforçar-se, desdobrar-se. Não, meu amigo, tenho a impressão de que o culpado não foi você. Devíamos ter forçado a travessia da sua solidão, devíamos ter forjado gestos, obrigado você a aceitá-los. Devíamos... Não, nada mais adianta. Angústia e desconsolo é o que nos fica de tudo isso. Um homem se sentiu só.

«No céu também há uma hora melancólica. Hora difícil...»



Maria Lysia

CONTOS

- A Moeda de Um Cruzeiro 26
O Sol, a Lua, só João e Outros 38

ARTIGOS E REPORTAGENS

- Em BH os Cegos se Encontraram 18
Extraordinária Luta de Uma Mulher 30
Confissões de Uma Curandeira 34
A Nova Bossa do Cinema 52

CRONISTAS

- Maria Lysia 3
Cosette de Alencar 64

SECÇÕES PERMANENTES

- Fonte Viva 4
Panorama 12
Poesia 16
Crianças 24
Saúde 33
Bazar Feminino 42
Fuga 48
Livros e Letras 50
Palavras Cruzadas 56
Cinema 58
Quitandinha 62

200.000 MULHERES DE ROSTOS ALEGRES SÁDIOS E FELIZES

A moderna e verdadeira ciéncia que representa a cosmética no mundo atual, criou um dos mais reputados cremes-nata que é a

DERMOCAINA

200.000 mulheres de diferentes países, orgulham-se hoje dos benefícios que lhes têm proporcionado o delicado e eficiente tratamento pela DERMOCAINA, e têm tido um gesto de solidariedade simpático, transmitindo às suas irmãs do belo sexo o segredo da feliz beleza de seu rosto.

Tôdas essas mulheres de diferentes idades, que variavam de 25 a 65 anos, antes de usar a DERMOCAINA apresentavam em sua pele flacidez (pele caída), rugas e envelhecimento, e graças à esse excelente produto podem hoje orgulhar-se de sua exuberante beleza jamais sonhada.

DERMOCAINA é portanto um poderoso rejuvenescedor da pele e um preventivo contra a velhice e flacidez.

DERMOCAINA renova a pele envelhecida rejuvenescendo-a, eliminando as rugosidades e imperfeições.

A ação da DERMOCAINA manifesta-se acentuadamente nas partes mais delicadas do corpo (seios e rosto) dando-lhes firmeza, elasticidade e uma beleza jamais alcançada.

DERMOCAINA elimina as manchas hiperpigmentadas da senilidade (envelhecimento precoce) clareia a superfície da pele, e elimina as espinhas nas primeiras aplicações.

DERMOCAINA restabelece os processos bio-químicos alterados, provocando o retorno da pele seca e oleosa ao estado normal (ação sintonizada).

Enfim DERMOCAINA cria um novo tipo de beleza feminina e um verdadeiro psico-cosmético.

Faça como as 200.000 mulheres: use DERMOCAINA e desfrute uma beleza permanente que fará de você a mulher mais bonita, alegre e feliz.

DERMOCAINA garante a beleza de seu futuro e o futuro de sua beleza, use DERMOCAINA em todo o corpo e aparente sempre 20 anos.

DERMOCAINA encontra-se à venda nas Drogarias e Farmácias em caixas de tamanho grande (150 gr) e médio.

Um produto da

FARMEDICALS — Com. Ind. Prod. Quim.
Ltda.

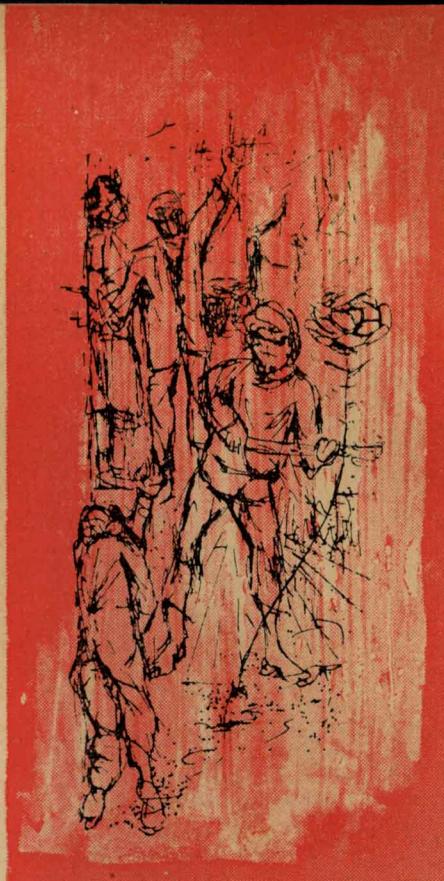
R. Francisca Miquelina, 282 — Tel. 35-1347
São Paulo

Pedidos para os seguintes Distribuidores:
PA — Agostinho M. Fernandes — Trav. Frutuoso Guináes, 457 — Tel. 2333 — Belém. CE — Jacob Elias & Filhos — R. Barão R. Branco, 1058 — Tel. 1-99-08 — Fortaleza. PE — Soc. Repr. Rodrigues Monteiro Ltda. — R. da Matriz, 36 — Tel. 2387 — Recife. BA — Commercial Lucar Ltda. — Av 7 de Setembro, 1 — 2º — s/ 208 — Tel. 5445 — Salvador. MG — Codifarma Com. Distrib. Farm. — Av. Santos Dumont, 664 — Tel. 2-3022 — Belo Horizonte. MG — Gil Cunha Campos & Cia. Ltda. — R. Santos Dumont, 161 — Tel. 2802 — Uberlândia. GB — Viktel Com. Prod. Científicos — Lgo. S. Francisco, 26 — 2º — Tel. 43-0364 — Rio de Janeiro. PR — Hostermedica Ltda. — R. Francisco Torres, 253 — Tel. 4-1706 — Curitiba. RS — Distribuidora Campos Ltda. — R. Mal. Floriano, 257 — Tel. 5284 — P. Alegre.
Corte o coupon abaixo e envie para FARMEDICALS ou qualquer de seus Distribuidores.

Solicito enviar-me grátis literatura do seu produto DERMOCAINA

Nome
Rua N°
Cidade Estado

ALTEROSA



TOLERÂNCIA

VIVE a tolerância na base de todo o progresso efetivo.

As peças de qualquer máquina suportam-seumas às outras para que surja essa ou aquela produção de benefícios determinados. Tôdas as bêncas da Natureza constituem larga seqüência de manifestações

Ascensão

* Pelo caminho da ascensão espiritual, denominado «cada dia», encontrarás variados recursos de aprimoramento, a cada passo.

* Somente quando atendemos, em tudo, aos ensinamentos vivos de Jesus, é que podemos quebrar a escravidão do mundo em favor da libertação eterna.

* Toda modificação para melhor reclama luta, tanto quanto qualquer ascensão exige esforço.

* Cada homem é uma caça espiritual que deve estar,

da abençoada virtude que inspira a verdadeira fraternidade.

Tolerância, porém, não é conceito de superfície. É reflexo vivo da compreensão que nasce, límpida, na fonte da alma, plasmando a esperança, a paciência e o perdão com esquecimento de todo o mal.

Pedir que os outros pensem com a nossa cabeça seria exigir que o mundo se adaptasse aos nossos caprichos, quando é nossa obrigação adaptarmo-nos, com dignidade, ao mundo, dentro da firme disposição de ajudá-lo.

A Providência Divina reflete, em toda a parte, a tolerância sábia e ativa. Deus não reclama da semente a produção imediata da espécie a que corresponde. Dá-lhe tempo para germinar, crescer, florir e frutificar. Não solicita do regato improvisada integração com o mar que o espera. Dá-lhes caminho no solo, ofertando-lhe o tempo necessário à superação da marcha.

Assim também, de alma para alma, é imperioso não tenhamos qualquer atitude de violência.

A brutalidade do homem impulsivo e a irritação do enférmo deseducado, tanto quanto a garra no animal e o espinho na roseira, representam indícios naturais da condição evolutiva em que se encontram.

Opor ódio ao ódio é operar a destruição.

O autor de qualquer injúria invoca o mal para si mesmo. Em vista disso, o mal só é realmente mal para quem o pratica. Revidá-lo na base de inconsequência em que se expressa é assimilar-lhe o veneno.

E' imprescindível tratar a ignorância com o carinho medicamentoso que dispensamos ao tratamento de uma chaga, porquanto golpear a ferida, sem caridade, será o mesmo que converter a moléstia curável num aleijão sem remédio.

A tolerância, por esse motivo, é, acima de tudo, completo esquecimento de todo o mal, com serviço incessante no bem.

Quem com os lábios repete palavras de perdão, de maneira constante, demonstra acalentar a volúpia da mágoa com que se acomoda perdendo tempo.

Perdoar é olvidar a sombra, buscando a luz.

Não é dobrar joelhos ou escalar galerias de superioridade mendaz, teatralizando os impulsos do coração, mas sim persistir no trabalho renovador, criando o bem e a harmonia, pelos quais aquêles que não entendam, de pronto, nos observem com diversa interpretação, compreendendo-nos o idioma inarticulado do exemplo.

Oferece-nos o Cristo o modelo da tolerância ideal, em regressando do túmulo ao encontro dos aprendizes desapontados. Longe de reportar-se à deserção de Pedro ou à fraqueza de Judas, para dizer com a bôca que os desculpava, refere-se ao serviço da redenção, induzindo-os a recomeçar o apostolado do bem eterno.

Tolerar é refletir o entendimento fraterno, e o perdão será sempre profilaxia segura, garantindo, onde estiver, saúde e paz, renovação e segurança. (Emmanuel, no livro "Roteiro").



por deliberação e esforço do morador, em contínua modificação para melhor.

* A luta e o trabalho são tão imprescindíveis ao aperfeiçoamento do espírito, como o pão material é indispensável à manutenção do corpo físico. E' trabalhando e lutando, sofrendo e aprendendo, que a alma adquire as experiências necessárias na sua marcha para a perfeição.



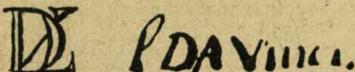
SIM, E' PRECISO HAVER UMA PAUSA PARA MEDITAÇÃO

Se luta HOJE para proporcionar aos seus entes queridos o máximo conforto, sentir-se-á feliz por deixar-lhes AMANHÃ recursos bastante para uma situação de segurança e bem-estar. Eis por que deve haver, na sua vida agitada, uma pausa para meditação. E compreenderá que sómente através do Seguro de Vida é que poderá realizar esse ideal.

Companhia de Seguros
MINAS-BRASIL
SEGUROS DE VIDA

VIDA — INCENDIO — RESPONSABILIDADE CIVIL — SEGURO COLETIVO — TRANSPORTES — ACIDENTES PESSOAIS — ACIDENTES DO TRABALHO — ROUBO — RISCOS DIVERSOS

Autógrafos famosos...



ASSINATURAS DE LEONARDO DA VINCI. ARTISTA E SÁBIO ITALIANO. PINTOR, ESCULTOR, ARQUITETO, ENGENHEIRO, INVENTOR.



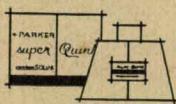
Nomes que ficam são hoje escritos com a nova SUPER QUINK. É a tinta sempre presente - nos documentos importantes... e também nos cadernos escolares... na escrita de todo dia. Com a inconfundível qualidade Parker, a fórmula ultra-aperfeiçoada da SUPER QUINK dá maior fluidez... garante escrita mais fácil, legível, segura! Em 8 lindas cores, é mais brilhante. E contém SOLV-X, que limpa e protege a caneta à medida que escreve.



Também em tamanho económico para colegiais

PREÇOS

30 cm3 - CR\$ 50,00
59 cm3 - CR\$ 60,00
473 cm3 - CR\$ 300,00
946 cm3 - CR\$ 500,00



TINTA DE ESCRIVER

PARKER
super Quink

Distribuidores exclusivos para todo o Brasil:



COSTA PORTELA
INDÚSTRIA E COMÉRCIO S. A.

Av. Pres. Vargas, 435 - 8.º andar - Rio
Subagente em Minas Gerais

JOSE HARRY LEITE

Rua dos Caetés, 652 - 1.º - B. Horizonte.

Standard Propaganda - Rio

O grumete que encabeçou uma dinastia



-SIM, temos uma vaga para grumete — disse o cap. Eric Gabrielson ao jovem chinês postado à sua frente. — Mas o trabalho é pesado.

Chai-jui, que contava 16 anos e era de compleição franzina, sacudiu a cabeça ansiosamente, demonstrando-se disposto a tudo. Assim, a 8 de janeiro de 1879, cap. Gabrielson admitiu-o no Serviço Alfanegário a bordo do contador Albert Gallatin, baseado em Boston.

Em pouco tempo todos se afeiçoaram ao rapaz. Sua memória era fenomenal e o capitão gostava imensamente de responder às suas inúmeras perguntas durante os bate-papos que sempre mantinham depois do jantar.

Assim que o capitão Gabrielson foi transferido para outro cortador, desta vez com base em Wilmington, na Carolina do Norte, Chai-jui não exerceu: solicitou sua demissão do posto que ocupava e marchou a pé, de Boston a Wilmington, a fim de encontrar-se com o capitão. Este admitiu o rapazinho na sua base e voltou a ter com ele as palestras informais após o jantar, mas sempre pensando na maneira de ajudar Chai-jui a adquirir a educação que ele tanto merecia.

Certa noite o capitão Gabrielson convidou um ministro metodista para jantar e o resultado da nova amizade foi que Chai-jui abraçou a fé cristã, recebendo o nome de Charles Jones Soong. Pouco depois, Chai-jui recebeu uma carta de demissão, ficando muito surpreso e contrariado. Todavia, o cap. Gabrielson tranquilizou-o:

— Não se preocupe, Chai-jui, isto é apenas uma formalidade: Está tudo pronto para que você ingresse no «Trinity College».

Em 1822, Chai-jui transferiu-se do «Trinity College» para a Escola de Teologia da Universidade de Vanderbilt, formando-se três anos mais tarde.

Retornando à China como missionário, em 1866, casou-se com Ni Kwei Tseng, uma bonita professorinha de 18 anos. Iniciou a impressão de Bíblias, depois entrou no ramo dos negócios, tornando-se logo um rico industrial. Seu lar foi enriquecido com o nascimento de três meninos e três meninas e todos seis desempenharam papéis de relevante importância na formação do futuro da China.

Um filho, T.S. Soong tornou-se coletor da Renda Interna do país. O outro, T. L. Soong, foi membro da Comissão de Finanças do Governo e diretor do Banco Mundial. O mais velho, T. V. Soong, fundou o Banco da China e tornou-se Ministro do Exterior.

Sua filha Ai-ling Soong casou-se com o Ministro das Finanças H. H. Kung. Ch'ing-ling Soong casou-se com o fundador da República Chinesa, Sun Yat-sen. E hoje, Mei-ling Soong, a terceira filha de Chai-jui, é a primeira dama da China Nacionalista — Madame Chiang Kai-shek.

CREMAÇÃO DE PRIMEIRÍSSIMA CLASSE

O RAJA Ide Anak Agung Ngurah Agung foi um senhor feudal muito popular entre os alegres cidadãos de seu principado de Bali. O povo de Gianjar amava-o muito pelo entusiasmo com que ele vivia e amava. Era ele grande apreciador de festas pomposas, de banquetes suntuosos com bons pratos e grande entendedor de brigas de galo. Conservou, durante sua vida, 4 espôsas oficiais e cerca de 40 concubinas.

Antes de morrer, o Rajá ordenou para si uma *Karye Pitra-Yadnje Paleron* de primeira classe, a mais festiva forma de cerimônia crematória praticada pelos hindus de Bali. O presidente Sukarno, da Indonésia, considerou logo a celebração como uma extravagância impraticável dentro do plano de oito anos de desenvolvimento da nação, mas o povo não lhe deu ouvidos. Quando o velho Rajá morreu, aos 68 anos de idade, em dezembro do ano retrasado, todo mundo pranteou-o publicamente, mas em particular, começou a sonhar com as festividades públicas que o seu *Karye Pitra-Yadnje Paleron* acarretaria.

Seis meses se passaram sem que qualquer plano para a cremação do soberano fosse elaborado. Aliás, considerando que a crença do povo de Bali admite que os corpos dos mortos permanecem em perfeito estado durante nada menos de 20 anos, antes de serem queimados, até que o período foi dos menores. Iniciaram-se os preparativos para a grande solenidade. Nenhuma economia foi feita, a fim de se evitar que o espírito mal satisfeito do Rajá viesse atormentar a família. Assim, a despesa final da cremação atingiu a casa dos 110 mil dólares, incluindo-se o preço de uma viagem do filho mais velho do Rajá a Singapura.

Enfeites de tôda a ordem foram abundantemente colocados na tórra crematória. O palácio de 200 anos da família foi redecorado e 1.200 leitões assados foram colocados à parte para o grandioso churrasco de 9 dias, que precederia a cerimônia. Em fins de agosto último, uma multidão de 100 mil pessoas reuniu-se tão logo foi o corpo do rajá colocado na enorme tórra crematória de cerca de 21 metros de altura. Um enorme dragão de papel vermelho foi colocado à volta da tórra, como se estivesse de prontidão para carregar a alma do rajá para o céu. Os sacerdotes salmodiaram e tocaram sinos. Depois o corpo do Rajá foi colocado num esquife em forma de touro e o dragão colocado por cima. Finalmente os sacerdotes acenderam as chamas crematórias.

Apesar de ter sido convidado para a cerimônia, o presidente Sukarno não compareceu. Além desta, a multidão tinha outra queixa mais importante: não obstante ter sido este o maior *Karye Pitra-Yadnje Paleron* de todos os tempos, ele parecia ser também o último. Os velhos rajás estão morrendo fora e o impessoal governador indonésiano na distante Djakarta provavelmente não constitui candidato.

"A verdade é que simplesmente não há mais corpos importantes para serem cremados" — comentou um observador.

P. A. NOVACOM - ACOR



MUSEUS OU PNEUS?

PENTES OU PRESENTES? GÁS OU SOFÁS?
BANCOS OU TAMANCOS? EXTINTORES OU
EDITORES? BANHEIROS OU BARBEIROS? CA-
NIS OU BARRIS? ARQUITETOS OU MAGNETOS?



Suave...
refrescante...
perfumado...



TALCO JOHNSON PARA ADULTOS

— com perfume criado especialmente em Paris!

Deixe que o Talco Johnson Para Adultos acaricie e refresque sua pele... envolva seu corpo num discreto e delicioso perfume. Nenhum outro talco é tão fino... feito com tanto carinho! E o Talco Johnson Para Adultos não custa mais que os talcos comuns.

Johnson & Johnson

— O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

JOÃO RACINE

Um enigma na vida do célebre
dramaturgo

ROBERTO M. TORRES

JOÃO Racine ficou órfão aos quatro anos de idade. Recebeu instrução primária num colégio de Beauvais, estabelecimento religioso ligado à abadia de Port-Royal des Champs, onde mais tarde prosseguiu seus estudos por três anos — dos quinze aos dezoito — convivendo com sua avó e sua tia a abadessa Agnê de Saint Théde-Racine.

Como se vê, os Racine distinguiam-se por sua vida religiosa e inquebrantável adesão ao jansenismo.

Em Port-Royal des Champs, Racine foi discípulo dos austeros religiosos que trataram de cultivar a vastíssima inteligência do futuro grande poeta dramático. Ali, sob a vigilância daqueles ilustres solitários, o jovem Racine aprendeu o latim e sobretudo, adquiriu conhecimentos sobre a civilização grega. Os religiosos de Port-Royal, segundo afirmam os seus contemporâneos, tinham-se especializado no estudo da Grécia antiga, oferecendo ensejo, ao seu discípulo, para que conhecesse a fundo, e por meios até então desconhecidos, a literatura e a filosofia admirável daquele povo.

Na serena tranquilidade de Port-Royal des Champs, teve por mestre, entre outros, Lemaitre e Lancelot. O primeiro ensinava-lhe díção, mal podendo imaginar que seu discípulo aproveitaria as sábias lições, para educar por sua vez, formosas e pouco recatadas artistas. O segundo era um helenista apaixonado. Não é de estranhar, que na sua época não houvesse melhor sabedor de grego que Racine.

Aliás, da sua obra transparece a grande influência do teatro grego, eterno exemplo da grandeza trágica que o bom Lancelot de certo explicara com voz trêmula, enquanto o discípulo silenciosamente, incubava a arte que o devia tornar imortal.

Já por esse tempo havia qualquer coisa no caráter de Racine que intrigava a austera religiosidade dos jansenistas. Sua impetuosa inteligência, sua extrema vivacidade e amor à vida, não se conciliavam muito bem com o sôssegó contemplativo daquele ambiente monacal. E foi assim que, fatigado de tanta leitura religiosa, lobrigou um dia, num canto da livraria abacial, um livrinho que alguma gaiata mão abandonara entre tantas obras veneráveis. Seu título era este: "Les amours de Théogène et de Clariclec". Que desafôro! Fugir dos onze pesados lumes de São Crisóstomo e devorar secretamente a prosa ligeira daquele livrinho foi coisa de momentos.

Mas, quando estava profundamente absorvido pela



leitura imoral, o sacristão Lancelot, movido por estranho fervor pedagógico, segue-lhe os passos e, num gesto feroz, arranca-lhe das mãos o livro profano arremessando-o entre as brasas. Isso não foi suficiente para desanistar o jovem Racine, o qual, por misteriosa via, obteve outro exemplar. E depois de decorar o poema, dirigiu-se ao irascível Lancelot, e sorrindo, disse-lhe, estendendo o livro.

— Podes queimá-lo.

De Port-Royal vai para Paris e contrai relações de tóda ordem. Trava conhecimento com La Fontaine e acompanha o fabulista em sua boemia e seus passeios nem sempre recomendáveis.

Le Vausseur introduz Racine no mundo teatral. Escreve a sua primeira peça "Amasis", que apesar do êxito obtido numa leitura privada, não chega a ser representada. O jovem não desanima. Consegue uma pensão e se consagra às belas letras.

A vida que ele leva em Paris deixa apreensiva sua tia e os padres de Port-Royal, e para não desagradar aos seus parentes e antigos mestres, abandona o convívio das musas e põe-se a estudar teologia com seu tio, em Uzés. Mas tudo isso só serviu para acentuar ainda mais suas inclinações próprias e pô-lo em franca luta com a moral cristã e os preceitos de Port-Royal, cujas prédicas não sufocaram os brios do seu caráter turbulento e sensual.

Cansado de tanta hipocrisia, torna à Paris. Ai se liga a Molière, a seu velho amigo La Fontaine e a Boileau-Despréaux, entregando-se, nessa camaradagem, a uma vida alegre e descuidada, freqüentando os "cabarets" da moda.

Nessa época feliz, tinha Molière uns dezoito anos mais que Racine. Já tinha escrito a maior parte de suas comédias e seu prestígio era invejável. Graças a Molière, que dirigia a companhia do Palais Royal, Racine conseguiu ver representada a sua "Tebaida" a 20 de junho de 1664.

Mas essas vitórias literárias não ecoaram bem em Port-Royal, e sua tia, a abadessa, manda-lhe uma carta patética, suplicando-lhe o seu regresso imediato, na ânsia de o livrar dos perigos de uma carreira que, na sua opinião e na dos jansenistas, nada tinha de bom. E Racine, não levando em conta estes protestos, escreve a sua obra "Alexandre".

A representação desta tragédia deu-lhe ensejo a um sério desgosto com Molière. Ou por que não lhe (Conclui na pág. 46)

E... para a delicada pele do bebê



TALCO JOHNSON PARA CRIANÇAS

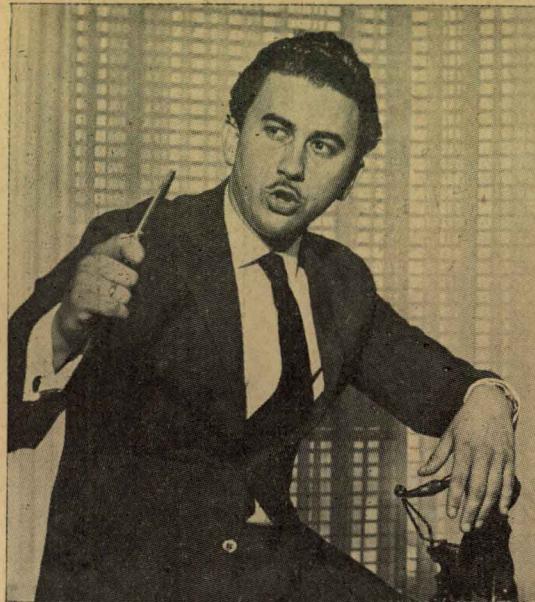
Após o banho e ao trocar as fraldas, proteja a pele do bebê com o finissimo Talco Johnson.

Macio, totalmente neutro, é o único talco feito especialmente para a pele sensível do seu bebê.

Johnson & Johnson

- O NOME QUE GARANTE QUALIDADE

Múcio Athayde foi o incorporador que realizou o milagre de erguer um clube com as proporções do PIC, em menos de um ano, ao custo de cerca de meio bilhão de cruzeiros.



REPEITANDO o emocionante "ritmo de Brasília", o Pampulha Iate Clube foi idealizado, projetado, construído e inaugurado em menos de um ano. E quando se recorda que o PIC é hoje o maior, o mais moderno e luxuoso clube do Brasil, devemos concordar que esse prazo constitui, realmente, um notável recorde que se deve creditar ao espírito dinâmico e empreendedor de Múcio Athayde, seu incorporador, e ao decidido apoio que lhe foi dispensado pelo ilustre banqueiro Gilberto de Faria, presidente do banco da Lavoura de Minas Gerais.

Com efeito, foi em janeiro do ano passado que Múcio Athayde e Gilberto de Faria, numa conversa amistosa sobre a Pampulha, chegaram à conclusão de que faltava àquele aprazível recanto de Belo Horizonte, um moderno centro de convivência social, esportiva e artística, capaz de acelerar o seu desenvolvimento, tornando-o um dos bairros de mais intensa vida social da cidade.

Assegurado o apoio do conhecido banqueiro, Múcio Athayde, com aquele dinamismo que todos conhecem, deu início ao planejamento imediato de um clube à altura dos foros de civilização já alcançados por Belo Horizonte. Reuniu nomes de categoria internacional, tais como o arquiteto Oscar Niemeyer, o pintor Cândido Portinari e o paisagista Roberto Burle-Marx, confratmando desde logo centenas de trabalhadores para os serviços iniciais de terraplenagem.

Em julho, inaugurava-se a praça-de-esportes, sem favor a maior que existe hoje

no Brasil. Em outubro, as cumeeiras do clube estavam erguidas e, em 31 de dezembro, um belíssimo "reveillon" inaugurava o gigantesco empreendimento, rigorosamente dentro do prazo que havia sido fixado e anunciado por Múcio Athayde.

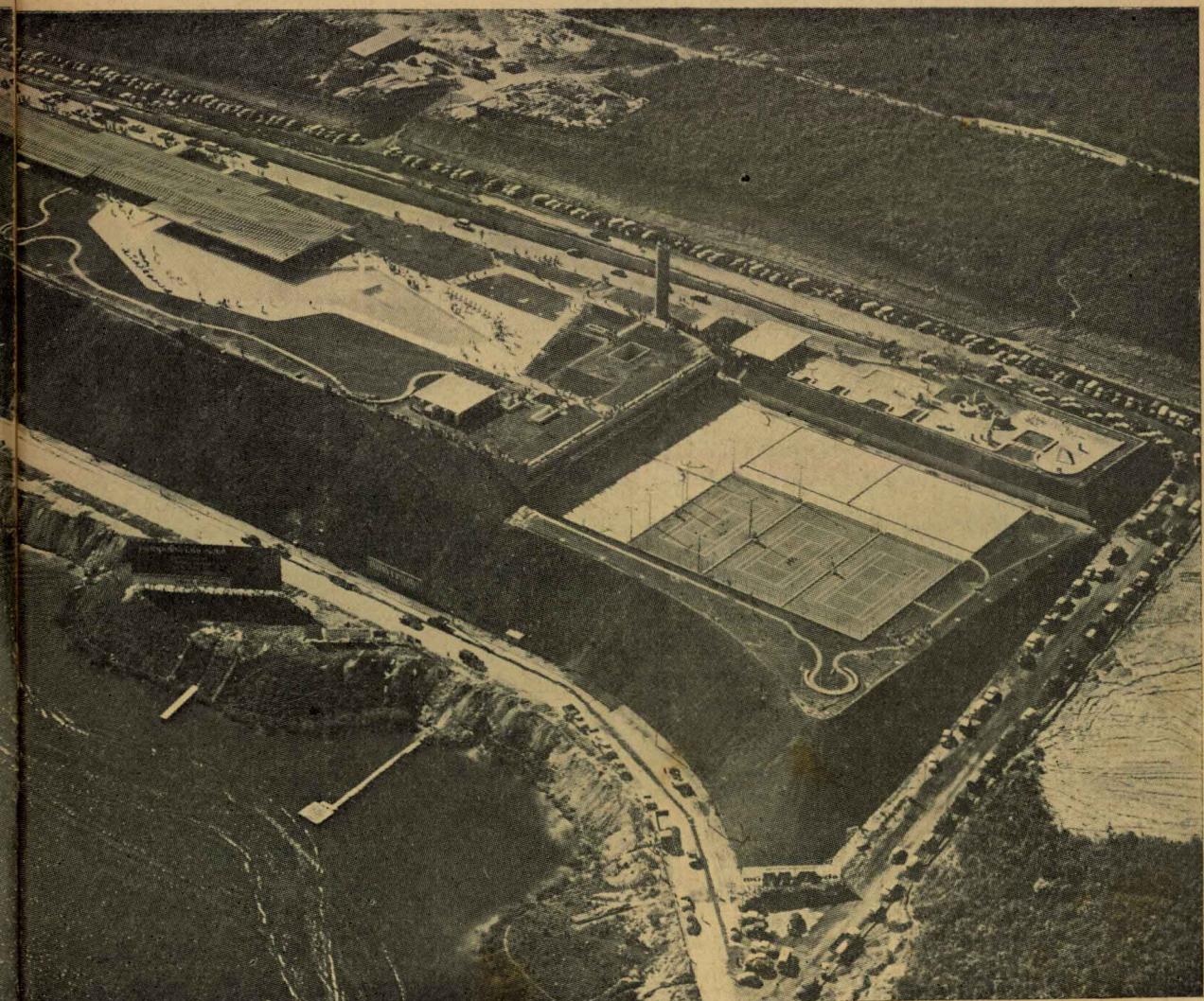
No dia seguinte, completava a cerimônia inaugural com uma solenidade a que esteve presente o senador Juscelino Kubitschek, especialmente convidado pelo incorporador Múcio Athayde, o sr. José Olímpio de Castro Filho, presidente do PIC e inúmeras pessoas gradas.

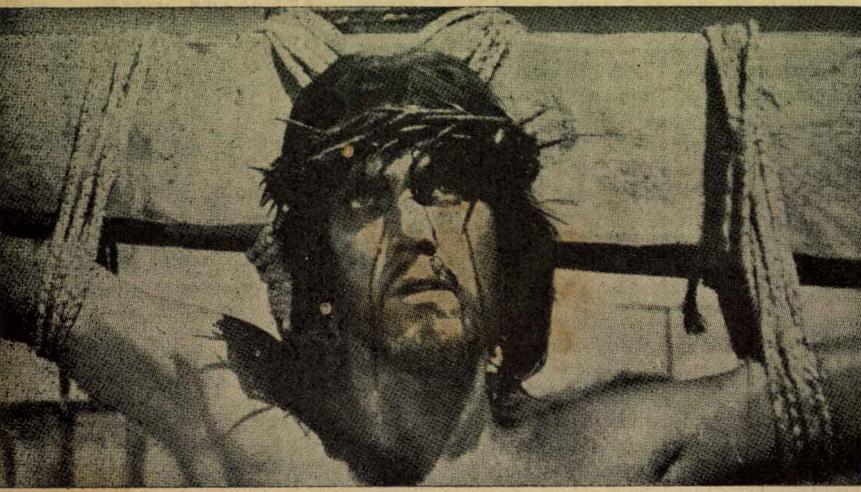
Meio bilhão de cruzeiros foram investidos na construção do Pampulha Iate Clube — uma cifra recorde, na Capital, no setor imobiliário. Essa importância dá bem uma idéia das dimensões faraônicas do projeto Niemeyer. O PIC ocupa uma área de 44 mil metros quadrados e tem, como atrações especiais, a piscina olímpica de 104 metros de extensão, além de duas outras: a de água quente e a infantil. Seu departamento de fisioterapia é o que há-de mais avançado. Para a recreação infantil, o clube tem um conjunto completo de instalações próprias, originalíssimas, desde a praça-de-esportes júnior ao "playhouse", ao "playground" e ao "milkbar". Tem ainda uma linha ultra-moderna de serviços, com salões-de-estar para senhoras e cavalheiros, salões de música, jogos e conferência, biblioteca, cabelereiro, manicura, cozinha internacional, bar e boate, chapelaria, sala de negócios, centro telefônico parque privativo para automóveis, concha acústica, etc.

44 mil metros quadrados de área ocupada, piscina olímpica de 104 metros de extensão, piscinas de água quente e infantil, além de avançado departamento de fisioterapia, fazem do PIC uma das maiores atrações recreativas do País. As crianças, como convém a um clube social de importância, possuem instalações próprias originalíssimas. Aos adultos reservou-se linha ultra-moderna de serviços, com todo o necessário ao conforto, à alegria e à elegância dos momentos de descanso. Há dois meses atrás, em pleno «rush» de trabalho, o Pampulha Iate Clube já dava uma visão panorâmica de sua grandeza.



Inaugurado o **PAMPULHA IATE CLUBE**





A crucificação em o novo
"Rei dos Reis".

Crítica
condena
«O REI
DOS REIS»

EMBORA conte com tóadas as possibilidades de se converter num êxito de bilheterias sem precedentes, a nova versão, recentemente concluída, da vida de Jesus Cristo, intitulada "O Rei dos Reis" (a primeira, com o mesmo título, foi realizada em 1927 pelo saudoso Cecil B. de Mille) está sendo objeto de causticos e, às vezes, irônicos comentários por parte da crítica americana mais respeitável.

A produção foi por inteiro rodada na Espanha, sob a direção de Nicholas Ray que, no entender de alguns críticos, não soube ou não conseguiu obter do roteiro, dos recursos e dos intérpretes a seu dispor, resultados que contribuissem para uma transposição aproximadamente fiel do ambiente em que Cristo viveu.

O roteiro do filme, de autoria do teatrólogo Philip Yordan, foi articulado competentemente, embora se lhe possa opor reparos, pelo fato de ter omitido a maioria dos milagres de Cristo, lacuna sensível, que deve ter roubado ao filme alguns elementos do mais alto teor dramático.

O produtor Samuel Bronson inverteu na pe-

lícula a soma de oito milhões de dólares (cerca de dois bilhões e meio de cruzeiros), inversão bem compatível com os 396 cenários usados na filmagem e os vinte mil figurantes que dela participaram. Os papéis mais importantes couberam a atores e atrizes de fama pouco acima de média, como Jeffrey Hunter (Jesus Cristo), Siobhan McKenna (Virgem Maria), Robert Ryan (João Batista), Brigid Bazlen (Salomé), etc.

Um dos mais lidos críticos americanos taxou a imitação cinematográfica de Cristo como pouco melhor do que uma blasfêmia, ao passo que Moira Walsh, crítica especializada de um semanário católico, foi mais contundente ao afirmar: "O Rei dos Reis é a culminância de uma gigantesca fraude perpetrada pela indústria cinematográfica contra o público que vai ao cinema. Cristo ali se encontra como uma presença física mas o seu espírito está ausente. É óbvio que Bronston, Ray e Yordan não têm opinião alguma sobre o tema que é Cristo, salvo que Ele é um promissor investimento para o sucesso de bilheterias".

FIDELIDADE À FÔRÇA

pouco tempo, depois de tolerar calado as fraquezas de seus colegas, mas não resistindo à ofensa que estes faziam aos seus princípios, o presidente Ydígoras descurrou-se como um raio sobre o Ministro do Interior:

"Rumores públicos baseados na evidência dos fatos — escreveu ele — mostram que muitos funcionários não só possuem amantes, mas são vistos com elas em público, arvorando o desrespeito para os seus lares".

Mas, o mais interessante de tudo foi a sugestão do presidente guatemalteco, numa tentativa de conseguir a prática da fidelidade por decreto, quando acrescentou, finalizando sua nota:

"Uma vez ser improvável que um funcionário ganhe dinheiro suficiente para manter duas casas, é necessário que, em casos de prova infotismável de infidelidade, sejam os faltosos dispensados sem considerações".

MORMONS AUMENTAM SUAS FILEIRAS

NA sitiada cidade de Berlim, encontram-se 56 missionários, jovens americanos, cujas idades variam de 19 a 22 anos. Sua

NA Guatemala, onde o namorar se aproxima do estado de um esporte nacional, o atual chefe do governo, Presidente Miguel Ydígoras Fuentes, é um severo defensor da monogamia. Há

função é difundir a religião dos Mormons, contando apenas com o sustento que lhes dão suas famílias e os amigos.

A construção da primeira igreja Mormon, edificada em Berlim, teve início há 11 anos. Já no ano passado foi construído um novo templo, de desenho totalmente moderno e há planos para o levantamento de duas outras.

Os missionários Mormons são todos voluntários, e todos esperam sua vez de servir. O estágio nos Estados Unidos deve ter a duração mínima de 2 anos, ou 30 meses, quando há possibilidade de se aprender uma nova língua.

Um exemplo típico de boa vontade americana é David Owens, que se encontra em missão em Berlim. Ele tem 22 anos, natural de Berkeley, na Califórnia, e vive atualmente com uma família alemã, que lhe cobra uma pequena pensão. Às 6 horas da manhã ele se levanta e, junto com seu parceiro — os missionários Mormons trabalham aos pares — dedica uma hora aos estudos de alemão, Sagrada Escritura e planos de aula. Às 9, partem de motocicleta para visitas intensivas a domicílio, gastando com isso 3 horas. As noites são devotadas ao exame de prospectos que lhes são enviados pelos outros. Evitando reuniões, danças e até mesmo natação, passam as tardes escrevendo e não é raro trabalharem 70 horas por semana.

O batismo dos novos convertidos é feito todas as semanas, por meio de imersão total no lago de Grunewald. Os novos adeptos não estão sujeitos a nenhuma instrução elaborada. Apenas declaram-se em harmonia com os seguintes princípios básicos:

1 — Jesus Cristo é filho de Deus.

2 — O fundador do Mormonismo, Joseph Smith, foi convocado por Deus para conduzir a razão à verdade divina.

3 — Através do Mormonismo a Igreja de Jesus Cristo foi restaurada em sua pureza original e tem todo o poder para alcançar a ordem necessária à bem-aventurança dos homens.

4 — O livro dos Mormons foi dado ao mundo por inspiração divina.

Os Mormons calculam em 5 mil os membros de sua seita na Alemanha Oriental, mas são discretos em seus contatos com eles. Os adeptos de Berlim Oriental não têm igreja própria, mas encontram-se em um prédio alugado.

PANORAMA



Dr. Ledeberger

DO ESPAÇO CONTRA A TERRA

JOSHUA Ledeberger, geneticista laureado com o Prêmio Nobel, é um homem preocupado com invasores procedentes de outros mundos. Não o preocupam hipotéticos marcianos ou homens de Vênus tripulando discos voadores. O perigo, a seu ver, está nos micro-organismos de outros planetas, os quais podem chegar à terra, sem serem notados, em espaçonaves, em viagens de retorno.

Argumenta o Dr. Joshua que os tripulantes de regresso de um planeta exterior serão um perigo potencial para toda a vida existente na terra, pela possibilidade de convidarem em si micro-organismos de outros mundos. A esterilização das espaçonaves, quando de sua chegada aqui, poderá eliminá-los, mas sendo ela impraticável nos tripulantes, os micro-organismos terão livre trânsito para a terra, onde se converterão em agentes letais.

Ledeberger sabe perfeitamente que a vida extra-terrestre se aniquila quando exposta ao ambiente terrestre, mas assinala que os nossos cientistas conhecem apenas um tipo de vida: o da terra, baseada em amino-ácidos relacionados com moléculas protéicas. Trata-se de uma vida que reclama ambiente dotado de água, e restritos limites de temperatura. Mas no cosmos, pode haver, em lugar não sabido, organismos desprovidos de amino-ácidos e sem exigências pela água, razão por que podem prosperar e multiplicar-se em temperaturas extremas, frio ou calor. Admite-se também que esses organismos venham a prosperar na terra com mais intensidade do que os que nela existem.

Lembra o cientista que decorre invariavelmente uma situação de instabilidade quando dois sistemas ecológicos entram em choque. Registra para exemplo, o ocorrido aos ilhéus do sul do Pacífico, no sé-

culo passado, quando foram virtualmente aniquilados por sarampo, coqueluche e outras moléstias relativamente inócuas ao homem branco.

Dentro do programa da Administração Central da Aeronáutica, órgão do Governo dos Estados Unidos, o Dr. Ledeberger está trabalhando no projeto de um artefato que não terá retorno depois de lançado à lua, para investigar sobre os indícios de vida porventura existentes naquele planeta. Sofrárá a aparelhagem, antes do lançamento, meticulosa esterilização, tendo em vista proteger a lua contra os organismos da terra. O artefato será assim como uma espécie de tamanduá mecânico, dotado de uma língua comprida e viscosa, que sugará a poeira lunar, depositando-a sob um microscópio, para ser examinada, da terra, por intermédio de uma câmara de televisão. Se revelada na poeira a presença de esporos que possam transformar-se em vida, cuidar-se-á de evitar que eles sejam transportados para a terra, quando se fizer a primeira viagem à lua, em aeronave tripulada.

O laboratório sem retorno deverá ser atirado para a lua por volta de 1964, prevendo-se para três anos depois o envio à Marte de um instrumental mais bem aperfeiçoado, para investigações sobre a vida por lá.

Sem embargo de suas preocupações com o problema, o Dr. Ledeberger tem por que se alegrar, pois sabe que a primeira viagem tripulada à lua, nos dois sentidos, provavelmente só ocorrerá daqui a dez anos, no mínimo. E quando os seres humanos reentrarem na terra, retornados de Marte pela primeira vez, nesse dia os biólogos daqui já deverão conhecer a vida marciana com tantas minúcias que poderão impedir-lá de causar danos ao nosso mundo.

PANORAMA

RUSSOS no Conselho das Igrejas



O arcebispo Nikodim entrando no Conselho Mundial das Igrejas.

AO admitir, como seus membros, a Igreja Ortodoxa Russa e três outras igrejas ortodoxas da "Cortina de Ferro", o Conselho Mundial das Igrejas acrescentou uma nota sensacional ao seu programa de estudos e debates, por ocasião do ciclo de reuniões que manteve em Nova Delhi, Índia, em novembro último.

Anteriormente, quando da fundação do Conselho, ainda nos tempos de Stalin, a Igreja Ortodoxa Russa recusara-se a inscrever-se como filiada, argumentando que o Conselho ocultava, por trás dos seus objetivos declarados, o propósito real de dominar as igrejas. Mas, posteriormente, já no período de Kruschev, o Patriarca Alexei, de Moscou, fêz saber que, afinal de contas, o Conselho não podia ser tão mau. Os líderes ecumênicos redobraram de esforços para obter a filiação dos russos, o que, afinal, acabou de se verificar.

Dois motivos são apontados como principais responsáveis pela aceitação da ortodoxia russa no Conselho: a) viria em apoio da alegação de que o Conselho Mundial, no dizer dos seus próprios organizadores, englobava toda a Cristandade, exceção de Roma; b) inclemência, na Rússia, o moral da igreja e o fervor pela religião.

A medida que se sucediam as reuniões em Nova Delhi, um considerável número de veteranos líderes ecumênicos foi incapaz de ocultar sua apreensão ante o volume e a importância do bloco ortodoxo agora introduzido no Conselho, cuja inspiração e sentido é de caráter nitidamente protestante.

O próprio Arcebispo Nikodim, chefe da delegação russa, calculou que se trata de cinqüenta milhões de ortodoxos russos, com vinte mil paróquias, setenta e três bispedos e quarenta mosteiros, a que se

acrescentam seis milhões de ortodoxos búlgaros, treze milhões de rumenos, e quatrocentos mil poloneses. A influência de um bloco assim numeroso não pode ser desprezada, seja do ponto de vista eclesiástico, seja do ponto de vista político.

Alguns delegados ocidentais chegaram a impregnar-se da desconfiança de que os dez membros da representação eclesiástica russa bem que podiam ser agentes comunistas disfarçados sob batinas, mas informações seguras vieram a demonstrar que as suspeitas não procediam. Já o mesmo não se podia necessariamente dizer dos seis leigos russos que os acompanhavam, principalmente no tocante ao intérprete V. Zaitsev, que dava a impressão de impor ordens aos seus compatriotas, com alguma freqüência.

Mas o Arcebispo Nikodim, de apenas trinta e dois anos de idade, fez com que todos sentissem, em repetidas ocasiões, que era ele o homem que realmente comandava. Expressando-se com um inglês bem superior ao dos seus compatriotas, o prelado ortodoxo tornou-se porta-voz da "mistura russa", que freqüentemente mencionava, explicando-a como formada de cristianismo e de algo que denominava "socialismo".

Ficou evidenciado, no transcorrer das reuniões, que a ortodoxia russa estava determinada a fazer valer a sua presença, tanto que propôs, ao longo dos dezoito dias de conferências, firmes conceitos que guardavam relação com problemas das

FLAGRANTES

• Em certa zona de Kwangtung, China Comunista, as autoridades comunais fornecem ao povo apenas um ataúde de madeira por mês. Quem primeiro morrer ocupá-lo-á, mas os que depois se fôrem terão de ser enterrados em caixões mortuários de papelão. Augumas famílias reunem, de pedaço em pedaço, madeira suficiente para fazer um caixão triangular, que é mais econômico.

• A exemplo de Marilyn Monroe, Elizabeth Taylor, Sammy Davis Jr. e May Britt, grande número de norte-americanos está-se convertendo ao Judaísmo, no que parece ser uma autêntica «febre de conversões». Atualmente, de uns tempos para cá, mais de dois mil cristãos trocam o Nôvo Testamento pelo Velho.

• Palavras da Rainha Elizabeth ao Primeiro Ministro MacMillan, a respeito dos riscos de sua viagem (já efetivada) a Ghana: «Não sou uma atriz cinematográfica, Sou a cabeça da Comunidade Britânica, e sou paga para arrostar quaisquer perigos decorrentes do cargo. E não

o digo irrefletidamente. Não se esqueça que tenho três filhos».

• Durante as últimas comemorações da revolução bolchevista, em Moscou, o veterano comunista Kliment Voroshilov — que se confessara, publicamente, autor de equívocos «anti-partidários» e que, talvez, se julgava perdoado — tentou aproximar-se dos figurões comunistas reunidos no mausoléu onde agora se encontra apenas Lenine. Um guarda armado barrou-lhe o caminho. Voroshilov fez nova tentativa, querendo passar por uma porta lateral do mausoléu. Foi expulso do local por policiais à paisana.

• Foi inaugurada, há pouco, pelo

áreas de ação social, relações internacionais e "fé e ordem".

Não foi sem motivo o comentário formulado por um dos eminentes membros ocidentais do Conselho: muita gente estava inclinada a pensar que os russos — considerada a sua condição de estudiosos que presumivelmente levam uma vida tranquila no seu próprio mundo — seriam tão somente silenciosos participantes do Conselho Mundial, com escassa presença nos seus trabalhos. Mas, o que se viu foi algo exatamente ao contrário...

BASHIR

O Cameleiro

EM sua recente viagem pela Ásia, Lyndon Johnson, vice-presidente dos Estados Unidos, fez parada numa estrada do interior do Paquistão e ali, cumprimentou um paupéríssimo e analfabeto condutor de camelos, de nome Bashir Ahmad, cujo riso competia em amplitude com as longas pontas do seu bigode. No calor dos cumprimentos, disse-lhe o político: "Não quer fazer-nos uma visita?"

Um jornalista de Karachi ouviu sobre o convite e forçou a situação, publicando: "Ora, Bashir é, de fato, um sujeito de sorte. Vai hospedar-se no Waldorf Astoria". Lyndon Johnson não demorou a compreender que o convite informal tinha sido aceito e que lhe importava cumprir os seus deveres de anfitrião. Quando Bashir (40 anos) chegou a Nova Iorque em outubro

último por avião a jato, estava usando sapatos pela primeira vez em sua vida. De inglês não sabia uma palavra sequer.

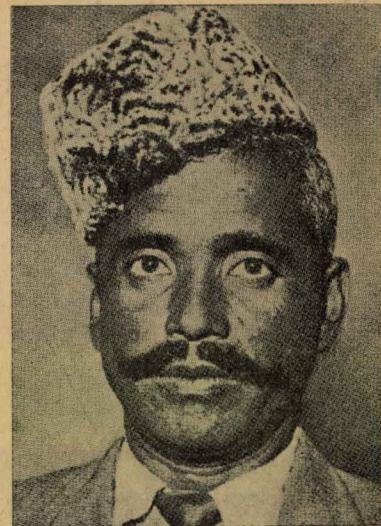
Meio pálido, meio apreensivo, Johnson o aguardava no aeroporto. Sem razão, pois, mal transposta a porta da aeronave Bashir desmontou que era um homem muito de receber. A imprensa o assaltou com perguntas, mas, usando um insinuante barrete de pele de cabra, uma túnica elegantemente talhada, e um sorriso de quinhentos watts, o cameleiro portou-se com a imperturbável calma de um potentado. Nervoso, é certo, Jonhson pediu-lhe desculpas, por ser aquêle um dia frio, replicando Bashir: "O frio não importa, mas, sim, o calor que está no coração das pessoas".

E lá se foi em viagem pela América o Cameleiro, soltando borboletas, que o eram, em colorido e leveza, as palavras que lhes fluíam da boca em vividos comentários. Em um churrasco no rancho de Lyndon Johnson, no Texas, Bashir contou que a sua filhinha era a favorita dentre suas outras crianças, porque "em família, uma filha é como a primavera entre as estações". Quiseram saber do seu camelo que, como propalado, estava nostálgico, ansioso por seu retorno. Bashir não respondeu de pronto, mas pouco depois: "Um camelo é como uma mulher — nunca se sabe qual será o seu próximo passo". Disse Bashir a uma jornalista que, quando ela falava alguma coisa, caiam-lhe pétalas da boca. E as dêle, profusamente dispersas por toda parte aonde ia, do Texas ao Gabinete do Presidente Kennedy, era o mais puro encanto para os norte-americanos.

Alguns jornalistas manifestaram a suspeita de que um cameleiro assim tão bem falante não podia ser analfabeto, admitindo outros a possibilidade de que alguém o houvesse treinado para a excursão, por quanto tinha repledido com certa

frequência algumas de suas frases mais populares nas diferentes cidades que tinha visitado. Nenhuma especulação era, contudo, suficientemente válida para nem de longe abalar a realidade de que a viagem de Bashir tinha sido um sucesso espetacular.

Quando se aproximava a hora de regressar, o Cameleiro como-veu-se até às lágrimas, ao receber um telegrama de Lyndon Johnson informando-o que lhe arranjara a oportunidade de visitar a santa cidade de Meca, no itinerário do seu



Bashir, o Cameleiro.

retorno ao Paquistão. Entre lágrimas, Bashir Ahmad, muçulmano, que sobre o Corão tinha jurado que levaria sapatos e barretes para seus quatro filhos, gritou, exultante: "Alah Seja Louvado".

Presidente Adolfo López Mateos a ferrovia que, por cem anos, tem sido um sonho acalentado pelos mexicanos e agora tornado realidade. O caminho de ferro, primeira ligação eficaz entre o norte do México, rica de minérios e algodão, e a costa do Pacífico, transpõe, no seu itinerário, a formidável cadeia de montanhas da Sierra Madre.

• Reflexos da degradação póstuma de Stalin: foi cancelada uma partida de futebol entre as equipes de Volgogrado (ex-Stalingrado) e de Tiflis, capital da Geórgia, província natal de Stalin. As autoridades temiam que os torcedores de Tiflis, admiradores do ex-líder vermelho,

provocassem arruaças ante a presença dos jogadores da cidade que perdeu o nome de Stalin.

• Ante um tribunal londrino que o julgava por trafegar com o seu automóvel Daimler em contra-mão, o que ocasionou um choque com outro veículo, o Marechal-de-Campo Lord Montgomery, agora com 74 anos, justificava-se: «Já dirigi diversas espécies de veículos, de El-Alamein até Berlim, sem causar transtornos a ninguém, exceto aos alemães». Apesar do atenuante, o tribunal impôs uma multa ao lendário cabo de guerra.

• Aos 63 anos, Pola Negri, a ex-deusa do cinema mudo, famosa por seu romance com o sempre lembrado

Rodolfo Valentino, revelou, em entrevista recente, alguns detalhes de sua ligação com o astro italiano, inclusive fazendo curiosas observações sobre o gosto culinário do galã, que morreu faz trinta e cinco anos.

• Entre os que ainda promovem uma luta sem quartel contra o regime de Fidel Castro, na província de Pinar Del Rio, já se tornou famoso o guerrilheiro conhecido apenas como «Cara Linda». Alguns cubanos dizem que ele já foi morto, outros afirmam que se trata de um mito, e, no entanto, tudo indicava, até há pouco tempo, que «Cara Linda» continuava em ação contra Fidel.

Mulher e rosa são flores
de diferentes perfumes:
Não há rosas sem espinhos,
nem mulheres sem ciúmes.

CLOVIS ERNESTO CORRÉA

Nenhuma dor neste mundo
Creio possa se igualar
A da mãe cega impedida
Do próprio filho enxergar.

CREMILDA CORRÉA COSTA

Quis rasgar o teu retrato;
Mas que tristeza, que sina!
— Até no papel, o ingrato
Do teu olhar me domina...

BENNY SILVA

POESIA

POEMA FÚNEBRE

Na rigidez corpórea,
Os olhos parados
São mundos vazios
Retratando o nada
Na simplificação de tudo...

Os lábios fechados
Falam de amor...
Falam em ciência...
O cansaço os lacrou
No resumo fantástico
Do silêncio de agora!

As mãos estão frias...
Crisparam-se na vida
Na loucura da busca
De impossíveis desejos...
E quedaram-se vencidas...

L. RODRIGUES

ETERNA TRISTEZA

A vida, pára mim, tem sido apenas
Uma eterna tristeza que não passa.
Ao lado destas minhas duras penas,
Caminha, imperturbável, a desgraça.

No mundo, para mim, nada tem graça...
Nem mesmo as avezinhas tão serenas,
Que outrora me encantaram, nesta praça,
Ruflando as asas tímidas e amenas.

E assim vou prosseguindo na jornada,
Nesta eterna tristeza que entedia
E torna a existência mais pesada.

Pois a tristeza de ontem, vil, pagã,
É a mesma tristeza dêste dia
E encherá o vazio de amanhã...

ANTONIO ZOPPI



CÉREBRO ELETRÔNICO MAIS AVANÇADO

A INTELIGÊNCIA humana tem imaginado grande variedade de cérebros eletrônicos que resolvem de maneira impressionante, problemas complicados com incrível rapidez. Alguns podem até jogar xadrez, traduzir idiomas e compor músicas. Entretanto, apesar de todas essas proezas, eles continuam como simplórios incorrigíveis. Antes de poderem resolver os mais elementares problemas, seus dirigentes humanos precisam ministrar-lhes laboriosas explicações, por meio de um processo pré-estabelecido, a respeito do que se espera deles.

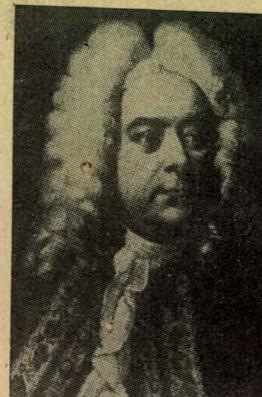
Há pouco tempo, a Companhia Raytheon, de Lexington, exibiu com orgulho um cérebro eletrônico que, de acordo com o operador, é capaz de beneficiar-se de seus próprios erros.

— Não tentamos duplicar o trabalho reticular nervoso do cérebro humano — disse Richard Witt, chefe do avançado sistema de comunicações da Raytheon. — Ao contrário, duplicamos o processo do conhecimento humano — experiência, ensaio, êrro, correlação de fatos novos com experiência passada.

O Cybertron K-100 recebe auxílio exterior: é equipado com um botão mecânico que o operador humano aciona quando a máquina comete algum êrro. Depois de receber este aviso, ele não repete o engano. Um dos primeiros testes feito com a máquina foi para distinguir sinais acústicos emitidos por submarinos, porcos-marinho, etc. Até um computador elementar poderia resolver o mesmo problema, mas só depois de ser instruído a respeito de como fazê-lo. O Cybertron estava simplesmente sustentando uma variedade de sons — alguns milhares. Depois da diligente atuação de Witt junto ao botão mecânico, ele aprendeu a discriminá-los com precisão. Suas respostas dadas por meio de luzes faiscantes no aparelho podem fornecer, além do "sim" (submarino) e do "não" (porco-marinho) uma grande variedade de "talvez" (sons como os do submarino).

A inteligência adaptável do Cybertron não termina aí. Depois de aprender a maneira de solucionar um problema dado, ele deixa que a resposta escorregue para uma divi-

HANDEL, MÚSICA E DINHEIRO



PELO Natal, orquestras e coros do mundo inteiro se ocupam em repetir «O Messias», de George Frederick Händel. Esta sua grande obra acabou-se tornando uma das músicas típicas das festas natalinas. Foi sucesso desde quando apresentada pela primeira vez em 1742. A fim de que todos pudessem presenciar o acontecimento, pediu-se às mulheres que não aparecessem vestidas com saias do tipo balão, e os cavalheiros, que deixassem em casa as suas espadas. O sucesso financeiro foi também grande, tendo sido revertido por Händel para uma instituição de caridade.

Aliás, Händel experimentou muitos outros sucessos financeiros. A maior parte resultante de óperas esquecidas logo após a estréia. Sua produtividade era enorme, sendo necessários mais de 100 volumes para abrigar toda a sua obra, maior que as de Bach e Beethoven somadas. Um de seus primeiros êxitos remonta à sua infância. Seu pai, um barbeiro de Halle, Alemanha, que contava 63 anos, quando do nascimento de Frederick tentou, por todos os meios, desviar o garoto da música. No entanto, Frederick tinha oito anos, quando seu extraordinário talento como organista foi descoberto acidentalmente pelo duque da Saxônia, que convenceu o pai a permitir que o filho continuasse os estudos. Dez anos mais tarde, poderia ter-se tornado organista vitalício da Igreja, sucessor do famoso Buxtehude, em Lübeck, se este cargo não implicasse na obrigação de se casar com a filha mais velha de seu predecessor.

Desapontado, tentou a sorte com uma ópera, que viu coroada de sucesso em Hamburgo, marcando uma nova orientação de sua carreira para este gênero. Em 1706, Händel foi para a Itália. Lá, entrou em contacto com os grandes mestres da ópera italiana, assimilando seu estilo e granjeando fama bastante para receber um convite para reinar na corte de Hanover. Ele aceitou, com a condição de poder ir à Inglaterra para uma temporada. Mas, uma vez em Londres, «o Saxônico», como era chamado na Itália, lá permaneceu, para tornar-se o maior compositor da Inglaterra. Como estivesse fugindo da corte de Hanover, ficou apavorado, quando o soberano cujos serviços rejeitara, tornou-se Rei da Inglaterra. Entretanto, acabou sendo perdoado.

Quarenta e uma óperas trazem o nome de Händel. Como empresário, mostrou-se grande conhecedor dos negócios, ambicioso, e com bom faro para investimentos garantidos. No entanto, desdenhava as cabalas e o mau humor do pessoal do teatro. Certa feita, tendo uma prima-dona se mostrando muito recalcitrante, ele agarrou-a e sacudiu-a à janela, até que pedisse desculpas.

Duas vezes foi à bancarrota, mas se safou delas com galhardia. Enquanto isso, não descuidava das outras músicas, além das óperas. Escreveu músicas para princesas e, ocasionalmente, compôs «oratórios» e outras peças sacras. Todavia, todas as suas composições bíblicas, entre estas «Israel no Egito», «O Messias», «Judas Macabeu», e «Salomão» foram produzidas em seu último período. Têdas foram escritas entre ataques de enfermidades que o afigiam com paralisias, cegueira e desordem mental. Nos seus últimos oito anos de vida ficou definitivamente cego. Estava doente quando escreveu estas notas para um côro: «Quão obscuros, oh Deus, são os Seus designios... Tôdas as nossas alegrias se voltam para a tristeza... como a noite sucede ao dia».

Famoso e novamente próspero, Händel faleceu em 1759, aos 74 anos. Um povo reconhecido sepultou-o na Abadia de Westminster.

(Conclui na pág. 41)



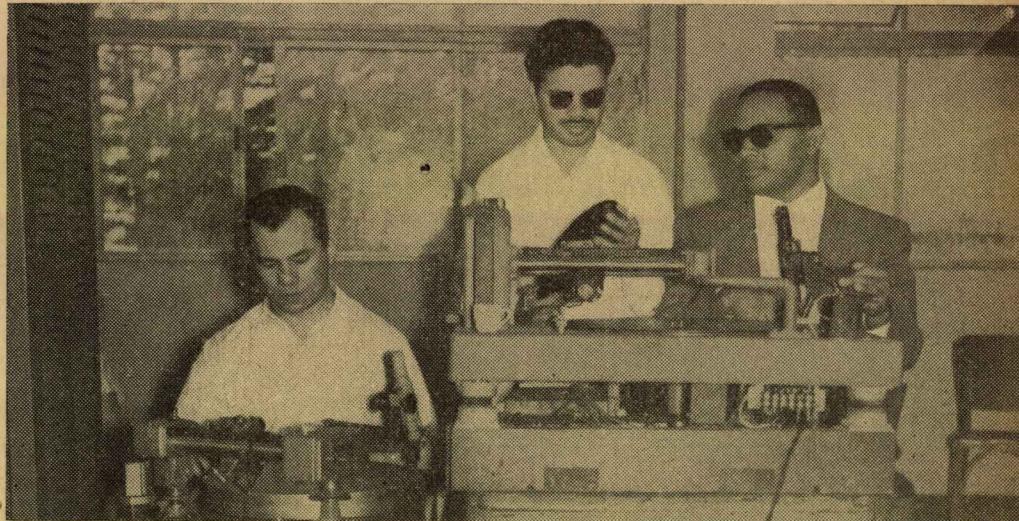
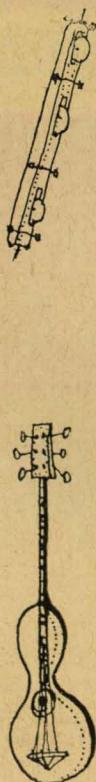
Eis os Titulares no seu próprio estúdio, sorridentes, durante um ensaio. Da esquerda para a direita: Domingos Angelo de Carvalho, mineiro; Francisco Neponuceno de Oliveira, mais conhecido por Chico, cearense; Sóter Cordeiro, mineiro, João Cândido, mais conhecido por Brito, mineiro; Joaquim Alves, o popular Baiano, nascido na Bahia; e Geraldo de Oliveira, cearense de Fortaleza.

“Titulares do Ritmo”

Em Belo Horizonte os cegos se encontraram

**Três mineiros, dois cearenses e um
baiano compõem o conjunto famoso**

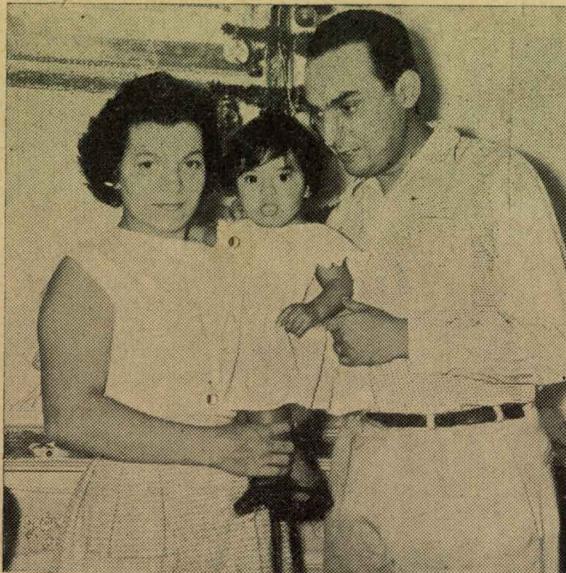
Texto e Fotos de
WALTER JOSÉ FAÉ



Joaquim Alves, Sóter Cordeiro e Domingos Ângelo de Carvalho, nos estúdios de propriedade dos «Titulares do Ritmo».

MUITO já se escreveu a respeito desse grupo de cegos. Não pelo fato de serem cegos, mas porque formam um dos melhores conjuntos da América do Sul: os «Titulares do Ritmo». E são titulares, realmente. Dos seis, nenhum tem complexos. Homens normais em todos os sentidos; na arte, na vida coletiva ou particular, na rua ou em casa. Todos têm os mesmos desejos, as mesmas aspirações que nós outros, os dotados de visão. Cada qual tem o seu passatempo favorito, o seu clube predileto, manias e inclinações, conforme contaram ao repórter de ALTEROSA.

Sóter Cordeiro, mineiro de São João Evangelista, onde nasceu no dia 27 de março de 1927, é o orador da turma. Fala como um baiano e tem a simpatia de todo bom mineiro. Com dez minutos de conversa o interlocutor tem a impressão de que o conhece desde os bancos escolares. É um autêntico «boa praça». Revelou-nos toda a história do conjunto.



Geraldo de Oliveira, a espôsa dona Nilza de Oliveira, irmã de Joaquina Alves, e a filhinha do casal Nilza Helena, nascida em 1959. Geraldo casou-se em São Paulo. Lua-de-mel em Buenos Aires. O João Cândido (Brito) ao lado da espôsa, dona Carmem Cueva Cândido, irmã de dona Míriam, e das filhas: Márcia e Cláudia. Residem à rua São Joaquim, 252, Liberdade.

TITULARES DO RITMO

Soubemos que os «Titulares do Ritmo», evidentemente ainda sem o nome definitivo, apresentaram-se pela primeira vez na Rádio Inconfidência, de Belo Horizonte, graças ao carinho e empenho de Elias Salomé, a quem devem a estréia no rádio. Sóter frisa bem: «Sem o amigo e anjo da guarda, Elias Salomé, não seríamos nada hoje». E lembra, meio comovido: «Foi em 3 de setembro de 1945, no aniversário da Emissora. A nossa primeira audição foi um sucesso. Também, nós tínhamos ensaiado muito, bastante mesmo. Por essa época o nosso repertório era constituído de 25 músicas, muitas escritas por nós mesmos. Ainda estávamos internos no Colégio São Rafael, em B. Hori-

zonte mesmo, onde fizemos o curso primário e o ginásial, além de estudarmos música. Aliás o programa de lá, naquela época, era igual ao do Conservatório Mineiro. Por isso aprendemos muito».

«No começo do ano letivo, em março de 1945, quis Deus que o destino de cada um de nós se ligasse de tal forma que os seis formassem um só grupo. E assim foi. Lá nos encontramos para o resto da vida. A gente fazia brincadeiras na hora do recreio, cantando em conjunto, sem pretensões. Depois o entusiasmo acabou levando-nos a ouvir e estudar as composições dos «Quatro Ases e Um Coringa», dos «Anjos do Inferno» e outros conjuntos. Começamos a compor. Veio

depois a oportunidade que o Elias nos deu. E o caminho abriu-se como por encanto».

Sóter pede-nos para não esquecer o nome do jornalista João de Paulo Pires, a quem a turma também muito deve, pelo estímulo recebido, pelas palavras de conforte. João de Paulo era funcionário do Colégio e jornalista.

Mas, o êxito da primeira apresentação em público levou os cegos ao profissionalismo. Seis meses depois estavam cantando na Rádio Inconfidência. Salário: 100,00 (CEM) cruzeiros mensais a cada um. Em 1946 era um bom dinheiro, principalmente para elas que ainda estavam no colégio.

E não pararam aí. Pouco tempo mais, e vamos encontrá-

los na Rádio Guarani, já percebendo 200,00 cruzeiros cada um, mensalmente. O triunfo era realidade.

Sóter diz-nos que «a vida artística em Minas já não os satisfazia inteiramente. Numa das férias resolveram seguir para São Paulo, apenas «para tomar contacto com a praça». Foi em janeiro de 1948. Visitaram as Rádios Gazeta, São Paulo e Cultura, onde fizeram vários programas e receberam aplausos. Também na metrópole paulista o êxito era certo.

Concluído o curso em Belo Horizonte, nesse mesmo ano seguiram para São Paulo, definitivamente. Sómente no dia 27 de julho de 1950 conseguiram gravar o primeiro disco. E Sóter, ao lado dos companheiros, que parecem rememorar saudosos e tristes aquela época, fala-nos: «Naqueles dias a gravação de um disco era quase impossível. Entrar numa gravadora era o mesmo que ganhar na loteria. Hoje, não! Qualquer um grava disco, sempre em detrimento da Arte, que se viu relegada a plano inferior. E' só ter «conversa». A arte fica pra depois...»

O primeiro disco era de 78 rotações, sôlo «Odeon». De um lado «Llanto de Luna», bolero, versão de Roberto Corte Real, e do outro, «Nêga Distinta Ta aí», samba-bipop, letra e música de Francisco Nepomuceno, o popular Chico do conjunto.

A primeira gravação foi a



Joaquim Alves é o filósofo do conjunto. Raramente ri, quase não fala. Fica a ouvir as conversas em silêncio, os dedos a tamborilar sobre os joelhos, talvez compondo nova música. Só ri quando tem Nilza Helena (sua sobrinha) nos braços. Aliás, dizem que ele é a babá de Nilza. É o único solteiro da turma. Está morando com o Geraldo, enquanto reformam-lhe a casa no Sumaré. Como os outros Titulares, gosta muito do padre Júlio Martins Serra, a quem ajudam nas festas religiosas, na igreja da Parada Inglesa, dando «shows» e recitais gratuitos.

varinha mágica que levou os «Titulares do Ritmo» aos pincaros do sucesso. Até agora já gravaram quase 70 discos, sendo 5 L.Ps. e o restante em 78 rotações. Desses total, 12 pertencem ao sôlo Victor, 8 Odeon, 15 Copacabana, 2 Colúmbia e outros Continental e Chantecler. A última gravação do conjunto é da Copacabana: chama-se «Jóias» e é constituída só de músicas brasileiras.

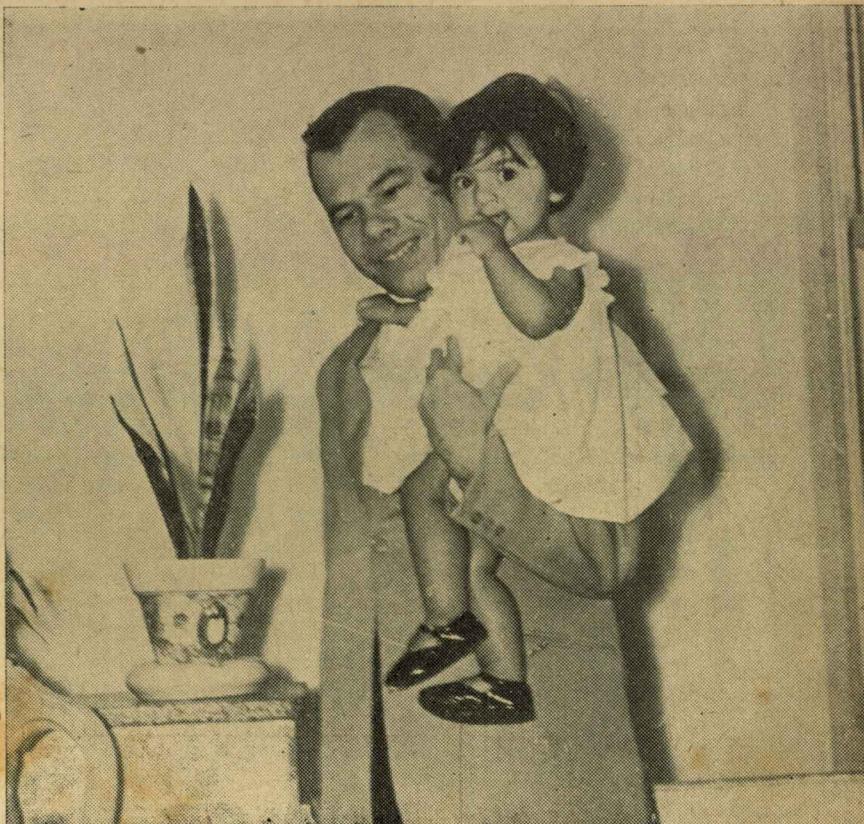
Devemos frisar, aliás, que os Titulares são autênticos defensores da música do Brasil. Por sinal que, em fins de 1957 estiveram excursionando por Buenos Aires e Mar Del Plata, onde ficaram durante dois meses, defendendo o prestígio de nossa música.

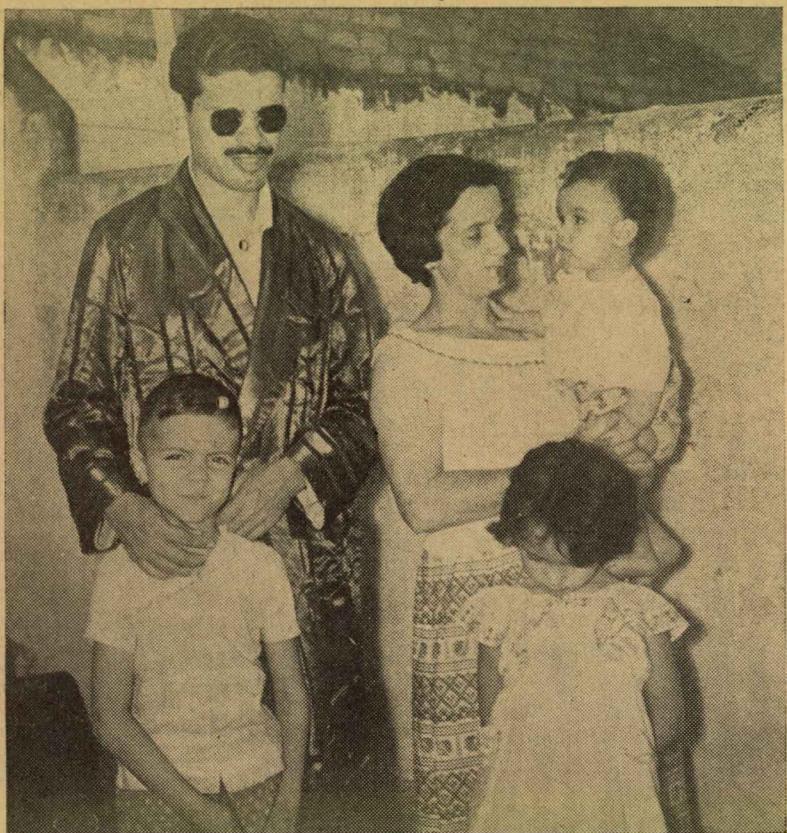
Pretendem, neste ano, visitar a Europa, principalmente Portugal, onde a música de capela (só vozes) é gênero

muito apreciado. Acha Sóter que poderão assim ser úteis ao Brasil e aos brasileiros, mostrando ao mundo as belezas de nossa música.

Atualmente os «Titulares do Ritmo» cumprem contrato nas Emissoras Unidas Rádio e TV Record, mas já passaram pela Rádio Bandeirantes, onde atuaram durante oito anos; TV Tupi, canal 4 (antes canal 3) onde permaneceram quatro anos. Não há conjunto mais premiado do País.

São portadores de 7 «Roque Pinto», 3 medalhas de ouro «Jornal Equipe», 3 «Tupiniquim» (Emissoras Associadas), 2 «Euterpe», do Rio, prêmios ganhos sem estarem lá, oferecidos pela Prefeitura do ex-Distrito Federal e pelo Jornal «Correio da Manhã», 1 «Otávio Gabus Mendes», oferecido pelo Governo de São Paulo, 1 «Tiradentes», oferta





Sóter Cordeiro junto da esposa, dona Araci Lapi Cordeiro, funcionária pública, e dos filhos: Adilson Roberto (segundo ano primário), Lígia Marina (jardim de infância) e Mário Alex, quase dez meses. A família reside no Cambuci, rua Diogo Vaz, 28.



Sóter tem verdadeira paixão por curiós e bicudos. Gosta de colecionar pássaros «de fibra» como nos diz. Tem um bicudo que lhe mandaram de Barretos, outro de Praia Grande. O curiô que aparece nesta gaiola (clichê) dá 30 a 40 repetições; veio de Piracicaba, e Sóter já «senjeitou» por ele 30 mil cruzeiros. Tem um outro procedente de Buri, custou-lhe 12 mil. Só não tem nenhum das alterosas... Aos domingos «vem muita gente aqui em casa ouvir os meus bicudos e curiós; alguns querem fazer negócio, mas eu não vendo passarinho...» — diz o boa praça Sóter Cordeiro.

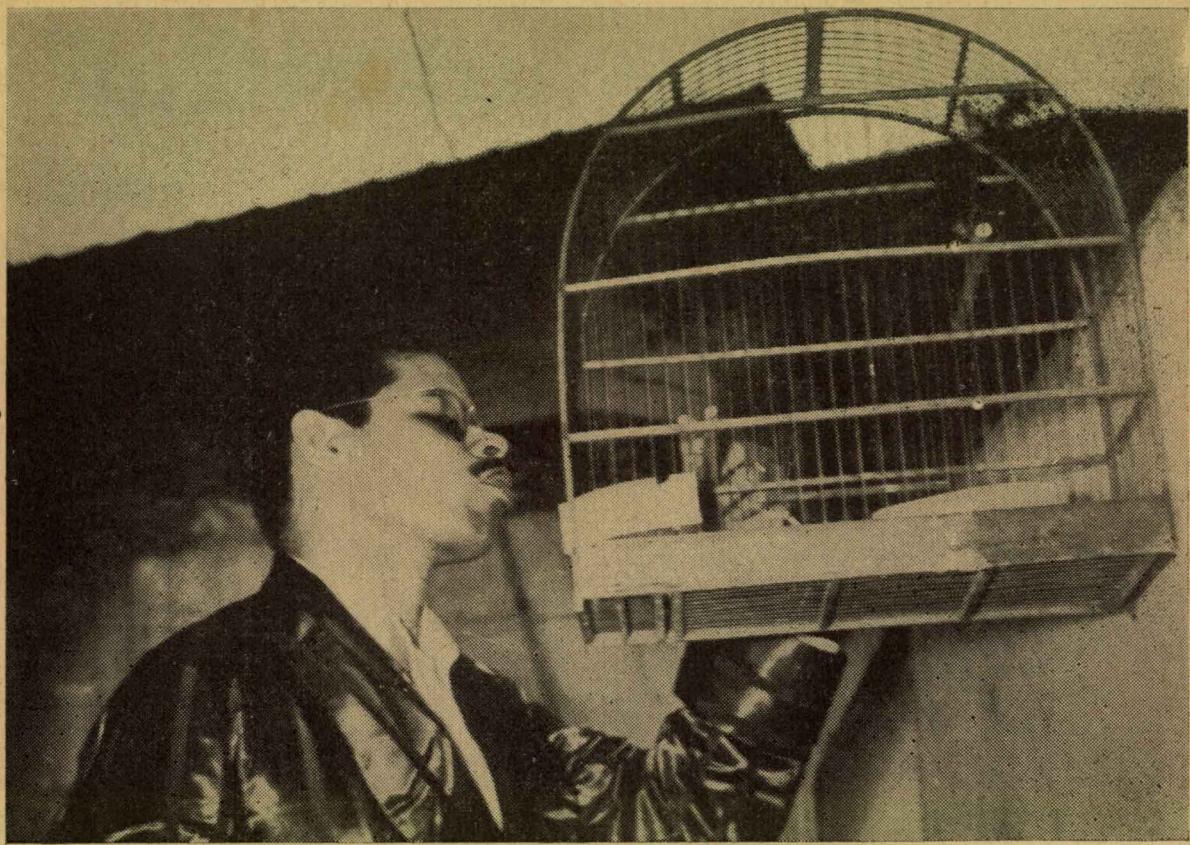
da Prefeitura e Associação de Jornalistas de Minas, prêmio entregue durante as festas de aniversário de Belo Horizonte.

Não bastasse os triunfos artísticos, buscaram os Titulares o sucesso também no comércio. E fundaram, faz sete meses, a Pauta Gravação e Propaganda Ltda., situada em São Paulo. Os cegos fazem tudo, embora tenham dois sócios, Luiz Alberto Sodré e Francisco Miguel Garcia, aquél responsável pelo contato, e este pelo setor técnico e material eletrônico. A aparelhagem do estúdio é moderníssima, o que levou os Titulares a ganhar até concorrências de congêneres sediadas no Rio. São especialistas, por enquanto, em *jingles*. Sóter afirma que puseram a alma e o coração nessa empresa e que em

breve esperam ter o sêlo próprio, passando a gravar discos de qualquer espécie.

Nos estúdios do conjunto, naquela tarde escura e chuvosa, fomos conhecendo um a um. Saíram do elevador em fila, assobiando e cantando. Gente feliz. Vejamos a identidade e as características de cada um. O único solteiro da turma é Joaquim Alves, mais conhecido por baiano. Nasceu em Valéncia, estado da Bahia, em 1921. Apaixonado por música brasileira, tem uma discoteca invejável. É muito afetuoso e por isso chamam-no «a babá» de Nilza Helena, filhinha de Geraldo de Oliveira, com quem sua irmã Nilza é casada. O seu «fraco» é a Poesia. Adora Castro Alves e Bilac. Compositor inspirado, tem feito belíssimas letras para as músicas do conjunto.

TITULARES DO RITMO



Geraldo de Oliveira — também compositor. Irmão de Chico Nepomuceno. Nasceu em Fortaleza, em 1931. É torcedor, quase fanático do Palmeiras. Gosta de pratos italianos. Casado com dona Nilza de Oliveira. Tem uma filha: Nilza Helena. Toca vários instrumentos, entre êles a flauta boliviana. Dá a vida por uma boa praia.

Francisco Nepomuceno de Oliveira — primo do famoso compositor Alberto Nepomuceno, é mais conhecido por Chico. Nasceu em Fortaleza, em 1927. Casado com dona Miriam Cueva de Oliveira. Tem duas filhas: Fátima e Mônica. Torcedor do Corinthians. Inspirado compositor. É o responsável pelos ensaios, além de **Crooner** do conjunto.

João Cândido — é conhecido por Brito. Mineiro de Ca-

ratinga, onde nasceu em 1928. Casado com dona Carmem Cueva Cândido, irmã da esposa do Francisco Nepomuceno. Sempre que lhe é possível, tira uma longa «pestana» nas areias da praia. É o seu fraco. Tem duas filhas: Márcia e Cláudia. Tem sobre si a responsabilidade de tesoureiro do conjunto. É tido como bom eletricista. Prato favorito: feijoada com chopp gelado.

Domingos Ângelo de Carvalho — mineiro de Moeda, onde nasceu em 1921. Casou-se em S. Paulo, com dona Maria Margarida de Carvalho, mineira de Ouro Fino. Torce pela Portuguesa de Desportos. É louco por uma boa feijoada. Gosta de praticar esportes; nada, pula de trampolins e dá saltos mortais melhor do que muita gente por aí. Tem dois

filhos: José Luís e Antônio Carlos.

Deixamos para o fim o **boa praça**, sem desmerecer os demais, Sóter Cordeiro, com quem começamos esta reportagem. É casado com dona Araci Lapi Cordeiro, e tem três filhos: Ligia Marina, Adilson Roberto e Márcio Alex. Toca pandeiro, flauta e outros instrumentos. Torcedor da Portuguesa. Ademarista. Gosta de tutu de feijão com linguiça. Tem um «hobby» incurável: colecionar curiosos e outros pássaros nacionais.

Para finalizar, e atendendo à natural curiosidade dos leitores, esclarecemos que todos os cegos casados têm filhos sadios e normais. Com exceção do Sóter, que perdeu a visão aos dois anos, após apanhado um resfriado, todos os Titulares são cegos de nascença.

Participação da criança no orçamento da família

CRÍANÇAS



HA' casos em que o chefe da família se vê repentinamente sem emprêgo ou é obrigado a afastar-se de suas atividades por motivo de doença. Seja por que motivo fôr, situações como estas não deixam de acarretar alguns problemas para toda a família, principalmente no que se refere à sua situação econômica. As crianças acostumadas a ter tudo que desejam, inclusive boa porção de dinheiro para gastarem à vontade, correm o risco de ficarem abatidas e transtornadas quando, de uma hora para outra, muitas coisas lhes são negadas por força das circunstâncias.

Como evitar que isto aconteça?

Quando as crianças já são mais crescidas e capazes de compreender a situação, elas não terão qualquer dificuldade em se adaptarem racionalmente às privações repentinas, se seus pais tiverem o cuidado de sentarem-se com elas e lhes explicar os motivos que determinam tais restrições, apontando a renda disponível da família e também suas limitações.

Acostumadas desde cedo, mesmo ao tempo em que as coisas andavam melhores, a participar da vida da família, as crianças estarão prontas a apertarem o cinto nesses casos de emergência, cooperando no que fôr necessário. Quando não estão habituadas a esta participação, é difícil conseguir sua pequena cota de sacrifício sem contrariedades.

O ideal seria que todos os pais jovens começassem a exercitar as limitações na importância gasta com roupas e outras utilidades para seu primeiro filhinho, lembrando-se também de limitar a quantidade de dinheiro colocada à sua disposição quando ele já souber despendê-lo. A medida que a criança fôsse crescendo ou outros irmãozinhos fôssem chegando, os pais deveriam continuar no propósito de não lhes conceder facilmente tudo que desejassem. Seria bom também que o casal discutisse a respeito da porção do orçamento da família a ser distribuída com as crianças, lembrando-se, todavia, de contrariar sua inclinação natural de elevar suas vistas a plano muito alto, preparando condições para que a criança exija e espere cada vez mais.

Excelente medida também é conceder à criança, desde que ela entra para a escola primária, uma pequena mesada, disciplinando-a a prender-se rigorosamente a ela. Isto a ajudará no respeito às limitações, quando estas fôrem forçosamente necessárias.

— Dr. Garry C. Myers.



HOMENAGEM À MÃE BRASILEIRA

Como o marco mais significativo da passagem do seu 40.º Aniversário, Produtos Nestlé dedicaram especialmente à Mãe Brasileira um belíssimo bronze de 125 cm de altura por 56 cm de largura. Sua legenda: "À MÃE BRASILEIRA, DE CUJO AMOR E ABNEGAÇÃO TANTO DEPENDEM AS GERAÇÕES DE AMANHÃ, DEDICAMOS ESTE BRONZE, AO COMPLETARMOS 40 ANOS A SERVIÇO DA FAMÍLIA BRASILEIRA — PRODUTOS NESTLÉ — 1921 — 1961".

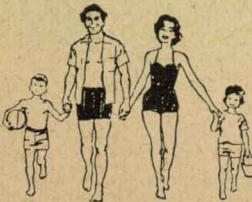


AS CINCO COLUNAS

A lei moslêmica exige de seus fiéis o cumprimento de cinco obrigações, que se denominam "as cinco colunas do Islam". A mais conhecida do ocidental é a *hadj*, ou peregrinação à cidade de Meca. As outras são: oração, doação de esmolas, abstenção de alimentos ou água durante o dia (não durante a noite) em todo o mês de Ramadan, testemunho da unicidade de Alá e da preeminência de seu profeta, Maomé.

JARAGUÁ INFORMA:

COUNTRY CLUB



NOVOS PREÇOS PARA OS SEUS TÍTULOS DE SÓCIO-PROPRIETÁRIO APENAS ATÉ 28 DE FEVEREIRO!

Concluída a terraplenagem e estando em fase final as fundações, o Jaraguá Country Club marcha celeremente, dentro dos prazos previstos e com pleno êxito, para entregar suas instalações aos associados ainda no corrente ano. Dispõe, ainda, de um número limitado de títulos, o Jaraguá Country Club vai oferecer-lhos pelo novo preço da:

PLANO E
CR\$ 150.000,00

Trata-se de uma excelente oportunidade — pois a valorização dos títulos do Jaraguá Country Club é um fato atestado pelos muitos compradores que os adquiriram na fase de lançamento.

Adquira seu título agora, pois, além de desfrutar do conforto que lhe oferece o mais moderno, clube de campo de Belo Horizonte, ele estará garantido por uma valorização constante.

Jaraguá COUNTRY CLUB
o seu lugar ao sol



INFORMAÇÕES E VENDAS:

Edifício Bandeirantes, Rua Tamóios, 200 - 8.º Andar - Tel. 4-4088

BELO HORIZONTE

MÁRIO Pena das Neves distinguia-se dos outros rapazes pelas suas manias. Antes de tomar café, derramava no pires, metade do conteúdo da xícara; após acender um cigarro, cortava, com as unhas, o palito de fósforo em pequeninos pedaços que jogava à rua; ao acabar o cigarro, lançava-o ao chão, esmagava-o com os pés até que dêle nada restasse senão retalhos de papel e fiapos de fumo.

Manias inocentes, na verdade. Eu poderia, aqui, enumerar centenas delas, mas não quero tomar o tempo de quem me lê. Direi apenas que Mário Pena das Neves tinha, para cada costume seu, uma explicação pitoresca ou curiosa.

— Por que faz isso com o café? — perguntávamos, zombeteiros.

Ele não se ofendia.

— É porque não estou habituado a tomar café.

— Heim? como?

— Eu não bebo mais do que dois ou três cafèzinhos por dia, — explicava, — pois sei que as pessoas não acostumadas com essa bebida, sentem, ao ingerí-la em demasia, aumentar a pressão sanguínea e a excitabilidade nervosa.

— Ah, é isso?...

— Exatamente. Entretanto, como vocês mesmos devem saber, o café age como calmante nas pessoas que dêle fazem uso constante.

Fazíamos a mesma pergunta em dias espaçados. Mário não se zangava. Dava sempre a mesma resposta, como se a tivesse decorada.

Saiamos do café: lá estava ele a esfacelar o fósforo. Ficávamos a contemplá-lo interrogativamente.

— Vocês sabem: as crianças andam por aí à caça de brinquedos, especialmente as pobres. Não quero que elas apanhem este palito, que poderiam, por exemplo, pôr na bôca. Creio que, se tôdas as pessoas adotassem este meu hábito, evitar-se-iam muitas doenças e enfermidades.

E os cigarros?... para que inutilizá-los dessa maneira?

— A resposta é a mesma: as crianças pobres estão quase sempre procurando tocos de cigarros na rua. Não só as crianças; alguns homens também... Gostaria de extinguir tôdas as possibilidades de encontrarem elas esses tocos e fumá-los inescrupulosamente.

Tais eram as eternas explicações de Mário Pena das Neves para os seus hábitos esquisitos. No entanto, a mais original e fantástica, ouvi-a eu, quando subímos, apenas nós dois, a ladeira que conduzia ao bairro em que residíamos.

Desde algum tempo, eu notara que ele jamais conservava no bolso as moedas de um cruzeiro que recebia de trôco nos bares ou cafés. Apressava-se sempre em gastá-las ou permutá-las. Esta era a mania mais recente que eu lhe descobrira. Quis, por isso, saber-lhe a origem. No meu íntimo, duvidava de que ele pudesse dar-me o porquê daquilo.

— Ouça, Mário, — disse eu.

— Tenho observado, nestes últimos dias, a sua idiossincrasia pelas moedas de um cruzeiro...

— Ah! — exclamou. — Vocês não deixam escapar nenhum dos meus gestos... As moedas de um cruzeiro...

— Vamos, não se faça de misterioso: conte-me.

O caso começou, deixe-me ver, há um mês e três dias precisamente. Foi numa terça-feira, tenho a certeza. Eu me havia despedido de você, na mesma esquina onde habitualmente nos separamos, e ia para casa, quando me lembrei de que não comprara cigarros. Fiquei aborrecidíssimo. Esses botequins que há por aqui têm muito pouco movimento, e geralmente os cigarros ficam velhos nas prateleiras. Tenho verdadeiro nojo de cigarros velhos. Mas, como não podia ser de outro modo, entrei numa casa que se faz de bar ali próximo à minha residência.

— Escute, eu queria saber apenas das moedas... — disse eu, já prevendo longa e enfadonha narrativa (normalmente, ele era tão conciso...). — Você me está falando de uma coisa que já aconteceu comigo várias vezes...

— Chegaremos lá, — continuou. — Como eu ia dizendo, entrei naquela espelunca e pedi um maço de cigarros «Miragem». Você sabe que o preço é dois cruzeiros e cinqüenta centavos. Dei uma nota de cinco ao velho que estava atrás do balcão, e ele, lógicamente, me voltou dois cruzeiros e cinqüenta centavos. Repito: dois cruzeiros e cinqüenta centavos. Não sei porque, porém, me deu na cabeça de perguntar ao ancião se fazia bom dinheiro com aquele seu negócio. Ele me olhou de modo esquisito. Talvez desconfiasse das minhas intenções...

Ignoro o que ele pensou no momento, mas em todo o caso me respondeu:

— Não. Para falar a verdade, a minha venda aqui não vai além de sete ou oito cruzeiros por dia. Deduzindo os impostos e outras despesas, não me sobra nada...

Fiquei intrigado:

— Tem família? — perguntei.

— Se tenho família? Nove filhos e a mulher! Casei-me muito tarde, com trinta e dois anos, e o mais velho deles está com quinze anos. Ainda não trabalha. Os nove filhos vieram pontualmente, infelizmente, um cada ano. A sorte foi que há seis anos parei com a «brincadeira»: o mundo já tem gente demais...

— Mas...

— Eu sei: o senhor quer saber como consigo manter tôda a minha família ganhando apenas essa ninharia.

— Realmente, — concordei. — Creio que o senhor faz milagres...

Ele riu de novo:

— Milagre? Claro que é milagre! E' isso mesmo: um milagre!

— Como assim?

— Bem, se eu explicar, o senhor não acreditará. Acharam-me-á, por certo, um velho caduco, que só sabe inventar histórias para contar às crianças

Eu estava curiosíssimo:

— Não tem importância: conte-me. Eu gosto muito de histórias infantis...

O velho estendeu a mão sob o balcão e pegou um cachimbo, que acendeu calmamente, como se, demorando a dar-me a história, quisesse exasperar-me. Arrancou duas longas baforadas que soprou para o teto, e disse:

— Quatro anos atrás, eu montei este barzinho aqui. No princípio, estava muito esperançoso, e tinha algumas economias com as quais poderia garantir minha subsistência por seis meses, no mínimo. Caso o negócio não prosperasse inicialmente, eu poderia fechá-lo ou vendê-lo, e procurar outro meio de vida. Durante um mês, a renda foi esta: sete ou oito cruzeiros, invariavelmente. Eu já tinha decidido: se passasse mais um mês com esse lucro tão mesquinho, levantaria a tenda, fugiria. Mas... aí é que chega a parte incrível. Uma tarde, estava eu sentado aqui, neste mesmo lugar, tirando as fumaças do meu cachimbo, quando uma velha rabisqueta apareceu de repente à porta, ali, tôda curvada, pele muito encarquilhada e suja, rou-

1.º PRÉMIO NO CONCURSO DE CONTOS DA «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

A MOEDA DE UM CRUZEIRO

Conto de
MILTON COSTA

Ilust. de
JARBAS JUAREZ

Qual dos quatro era o louco ?



pas cheias de remendos berrantes, um pano encardido na cabeça, pés descalços exibindo grossos dedos, quase chorando e me pediu um pedaço de pão. Eu tenho o costume de não dar pão propriamente a essas pobres criaturas que drapejam por aí. Pego-as logo pelo braço e ponho lá dentro junto com os pequenos, junto com minha família. E' a única herança que me veio do pai: a bondade. Confesso que me orgulho dela. Quem faz o bem a alguém faz um grande bem a si próprio também. E' uma felicidade que sinto. Pois bem: a mulherzinha sentou-se à mesa, muito acanhada, muito humilhada, pareceu-me, mas, quando veio o prato, comeu avidamente, esquecendo todos os presentes. Estava esfomeada, a desgraçada. Nenhuma expressão é suficiente para descrever o modo exagerado pelo qual ela me agradeceu. Falou em Deus, Nossa Senhora, todos os santos, e terminou por dizer que eu nunca seria rico, mas nada nos faltaria, pois ela ia pedir aos céus que me protegessem... Eu não queria nada, porque já estava satisfeito com meu ato. Mas a mulher fez uma coisa que quase me enfureceu. Introduziu a mão esquelética no saco que trouxera às costas, pôs qualquer coisa sobre o balcão e falou algo sobre pagamento insuficiente de sua gratidão! Falou e saiu apressadamente, como se tivesse medo de que eu não aceitasse a dádiva. Sabe o que ela deixou no balcão? Não se assuste: uma moeda de um cruzeiro... Não sei por que, mas, desde então, à tarde, quando vou tirar da gaveta, acho duzentas, trezentas moedas de um cruzeiro... No começo fiquei até com medo... Nunca fui supersticioso, mas aquilo parecia bruxaria, feitiçaria... Acredita nisto, senhor? O desejo da velha se realizara sob as minhas barbas! Até hoje não comprehendo, não consigo entender, embora o tente, esse fato extraordinário. Tem alguma explicação?...»

Observei Mário por um instante. Ele jamais ia tão longe...

— Percebo, — comentou ele, notando o meu olhar. — Você vai zangar-se comigo... Repare que estou dizendo o mesmo que o velho me disse antes de começar a narrar o seu conto fabuloso...

— Vai dizer-me, por acaso, que acreditou naquela conversa-mole do velho?

— Sou coagido a tal, — afirmou ele.

— O quê?! — exclamei. — Que disse? E' verdade que acredita? Francamente!

Houve pequena pausa. Mário Pena das Neves jogou o resto do cigarro ao chão e o esfacelou.

— Deixei o velho, — prosseguiu, sem fazer qualquer comentário. Não disse que cria ou descrevia. Fui para casa. Queria fazer a barba e tomar um banho frio. O dia estava quente... Tirei a roupa e dirigi-me para o banheiro. Todavia, notei um fato estranho: ao esvaziar os bolsos desses objetos que a gente usualmente carrega, vi que tinha quatro cruzeiros e cinqüenta centavos no bolso dos niqueis. Fiquei desconfiado... Eu tinha certeza de

tória do velho?... Teria ele, inadvertidamente, dado a sua preciosa moeda de um cruzeiro de trôco ao homem que se ria ao ver-lhe a espelunca?... Seria verdade... Estaria eu doido?... Não sei, meu amigo. No meu desespere, esqueci-me de que estava nu, corri, afobado, para verificar as moedas, apalpá-las uma por uma, senti-las, para ter a certeza de que não passava tudo de uma miragem. Fiquei mais surpreso, atoleimado: as moedas eram reais! Examinei-as todas: havia uma moeda antiga de um mil-reis, que o velho também me dera, uma de cinqüenta centavos, e o resto era tudo de um cruzeiro...

Interrompi-o, batendo-lhe nas costas:

— Bem, Mário, já me vou...

— Espere!

— Para quê? Já me explicou tudo.

Na verdade eu estava indignado. Nós sempre tínhamos zombado de Mário pelas suas manias. Decerto ele pretendia fazer outro tanto comigo. Intimamente, porém, eu achava divertido, pois a sua zombaria era muito pueril. Tentei afastar-me, mas ele me agarrou o braço e me obrigou a escutar:

— Sabe o que fiz depois? Queria ver se era um fato aquela mágica. Afinal, eu tinha quase presenciado a incrível multiplicação! Apanhei as moedas todas, menos a de mil-reis e a de cinqüenta centavos, meti-as num cofre que tenho, fechei-o cuidadosamente, e fiquei durante quase duas horas, fitando o cofre. Ninguém lhe tinha posto a mão. Depois desse lapso de tempo, abri-o. Espanto! O cofre não continha mais a importância que eu lá deixara; o que estava lá dentro era a quantia exata de dezenove cruzeiros, novinhos em fôlha, iguaizinhos, irmãos gêmeos perfeitos, com a mesma efígie no verso e o mapa do Brasil no reverso, com a mesma data de emissão: 1946! Desde aquêle momento, comecei a temer pela minha razão. Se não me acutelasse, ficaria doido varrido. E não era para menos...

— Está bem, está bem, — fiz eu, impaciente. — Mas você não me disse qual o motivo de sua aversão pelas moedas de um cruzeiro. Ao que vejo, você deveria, pelo contrário, ter-lhes afeição...

Ele apreendeu o meu sarcasmo:

— Sei que você está querendo é rir, caro Francisco, mas o que eu disse é verdade. Não tenho aversão pelas moedas de um cruzeiro, ou melhor, não é propriamente aversão o que lhes voto.



que, antes de entrar naquele barzinho, não levava nenhum dinheiro metálico... Dera uma cédula de cinco cruzeiros ao velho e ele me voltara dois cruzeiros e cinqüenta centavos, como já disse e frisei. Porém, procurei pensar em outras coisas. Podia ser um engano meu. Deixei a pequena quantia sobre o criado-mudo, juntamente com a carteira, a caneta, o lápis, etc... Barbeei-me, Banhei-me, e voltei ao quarto para vestir-me. Abri o guarda-roupa e retirei outro terno. Casualmente, olhei para o criado-mudo. Que era aquilo?... Estaria eu sendo vítima de uma alucinação?! Digo-lhe sinceramente: lá não estavam mais os quatro cruzeiros e cinqüenta centavos, mas, cauculei rapidamente o dóbro dessa importância! Fiquei estupefato. Seria real a his-

Dá-se o seguinte: o outro quarto de minha casa está cheio, superlotado de moedas de um cruzeiro. Se você não crê no que lhe digo, vamos até lá e eu lhe mostarei. Quer ir?

Fiz que não com a cabeça e perguntei-lhe, zombeteiro:

— Por que deixa você acumularem-se tantas moedas assim? Lembre-se dos amigos, caramba! Os amigos, afinal, servem para alguma coisa...

— Já o teria gasto todo, Francisco, — respondeu, sério, — se soubesse qual, dentre elas, é a moeda mágica!

Fiquei surpreso de repente. Ele tinha uma expressão tão honesta, tão sincera! Teria perdido o bom-senso?

Resolvi continuar ajudando-o a representar a sua farsa:

— Então você não sabe qual é a moeda mágica?

— Como haveria de sabê-lo? São elas tão iguais!

Dei-lhe umas palmadinhas nas costas:

— Está certo, Mário. Qualquer dia dêsses vou até lá.

— Até logo, Francisco.

Afastou-se, cortando, com as unhas, o outro palito de fósforo com que acendera o cigarro.

Eu estava cansadíssimo. Não há coisa que nos fadigue tanto como uma conversa destas... Eu nunca fui à casa de Mário. Nem fiquei curioso. Uma crianga teria ido, talvez... Já li muitas histórias para crianças, quando eu era criança... Eu também já vivi num mundo de fantasias. Mas a realidade da vida é inexorável, destrói os nossos mais belos sonhos, as nossas mais lindas ilusões.

Aqui com os meus botões, refleti: «Se eu fôsse à moradia de Mário, a primeira coisa que ele faria, por certo, seria levar-me para ver o tal quarto. Abriria a porta: eu olharia para dentro, displicemente, mas nada enxergaria, garanto. Mário, todavia, pegar-me-ia do braço, «Está vendo?...» diria, triunfante. «Acredita agora?...» Dizem que as pessoas que têm hábitos estão menos propensas à loucura do que as outras. As vêzes fico pensando se êsses hábitos, essas manias, essas eternas e contínuas repetições do mesmo gesto, das mesmas palavras, das mesmas atitudes, não concorrem para uma atrofia do cérebro.

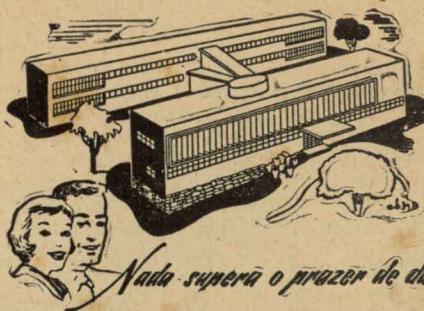
Mas isto é uma digressão impertinente. Convém expor parte do diálogo que mantive com outro amigo mais tarde, naquele mesmo dia, e que tem relação com Mário.
(Conclui na pág. 32)

**Alívio,
Frescor
e Higiene**

EM CADA GÓTA DE

LAVOLHO

PARA SEUS OLHOS



Nada supera o prazer de dar

A nossa capital será dotada agora de uma moderna organização hospitalar para a recuperação dos doentes mentais pobres, pelos processos nais modernos da ciência médica, aliados à aplicação da assistência espiritual recomendada pelos ensinamentos do Mestre. Iniciando essa obra de amor cristão, apelamos para os corações que sabem sentir o amor ao próximo, esperando que enviem os seus donativos ao

HOSPITAL ESPÍRITA «ANDRÉ LUIZ»

SECRETARIA: Rua Rio de Janeiro, 358 — Sala 34 — Fone: 2-8360
— Caixa Postal 1718 — Belo Horizonte.

O anúncio em ALTEROSA custa sempre menos, considerado em relação à tiragem e às classes de leitores que serão atingidos. Aproveite bem suas verbas de propaganda, anunciando sempre em ALTEROSA.

DR. GLAUCO FERNANDES LEÃO

CLÍNICA DE CRIANÇAS — NUTRIÇÃO

Consultório: Rua Carijós, 244 — 10º andar — Sala 1004

Fone: 2-1394 — Residência: 2-0161

BELO HORIZONTE

DR. JOSE CHIABI

Clínica e cirurgia de
Ouvido, Nariz e Garganta



Edif. Banco Crédito Real —
13º pav. — Sala 1302 — Rua
Espírito Santo, 495 — Telefó-
ne: 4-4040.

Dr. J. Schembri

CLINICA HOMEOPÁTICA
Adultos e Crianças



Av. Afonso Pena, 526 — Edifício
Mariana, 8º andar — Das 15 às 18
horas — Fone 4-1791 — Residên-
cia: 4-5965.

**Estava entre os primeiros
a defender os doentes
mentais e lutou apaixonada-
mente para provar que
estes sofredores também
eram humanos.**

NAQUELE dia frio e tempestuoso de janeiro de 1843, a professorinha primária de 40 anos, solteira e que se educara sózinha, devia ter pensado que tudo conspirava horrivelmente contra ela. Seus médicos lhe tinham dado apenas mais seis meses de vida. Mesmo assim, ela decidiu invadir com ousadia um mundo masculino. Dada a sua fragilidade e timidez, Dorothea Dix escolheu uma amiga influente para transmitir sua crucial mensagem ao corpo legislativo do Estado de Massachusetts, nos Estados Unidos.

Um pesado silêncio dominou a enorme sala enquanto os legisladores ouviam suas palavras:

"Prossigo, senhores, para chamar a vossa atenção para o estado atual das pessoas insanas dêsse Estado, que se encontram em quartos minúsculos, jaulas, celas, porões e cocheiras, acorrentadas despidas e espancadas com varas e chicotes".

Os legisladores remexeram-se nervosamente em seus lugares, quando a enorme lista de abusos foi apresentada:

"Uma jovem acha-se confinada numa asquerosa cabana em Danvers, semi-nua e coberta de feridas.

"Em Berkeley há um homem preso numa cela cuja temperatura está abaixo de zero e cujas paredes estão recobertas de neve;

"Um maníaco acha-se acorrentado numa jaula em Sandisfield e é freqüentemente açoitado;

"Em Lincoln há uma mulher idosa acorrentada numa cocheira imunda, tiritando de frio".

As palavras soaram desafiando os ouvintes a atender "os fortes clamores daquela gente sofredora". Quando a mulher terminou sua exposição, o recinto continuava em pesado silêncio. Dorothea Lynde Dix acabava de vencer a primeira batalha da extraordinária guerra de uma única mulher, que ela sustentou implacavelmente durante cerca de meio século. Considerando sua devassante acusação, Massachusetts imediatamente liberou verba para ampliar os asilos estaduais. Amplas investigações foram iniciadas; um público chocado exigiu melhoramentos e as reformas se seguiram sem perda de tempo.

Nesta primeira batalha, Dorothea Dix aprendeu a estratégia que lhe garantiu sucessivas vitórias na América do Norte, na Inglaterra e na Europa: investigações incansáveis, amontoado de provas e escolha sábia de porta-vozes. Suas táticas ajudaram-na a levantar mais dinheiro para filantropia em sua vida do que qualquer outra mulher conseguira antes.

Dorothea Dix nasceu em Hampden, Maine, a 4 de abril de 1802. Quando criança, era frágil, melancólica e quieta, mas o povo afirmava enxergar força por detrás daqueles melancólicos olhos cinza-azulados. Aos 12 anos ela se revoltou contra a tirania do pai e foi morar com uma avó em Boston. Dois anos mais

tarde, abriu uma escola para crianças filhas de famílias abastadas da sociedade bostoniana. Logo depois abriu uma segunda escola — desta vez destinada às crianças pobres da redondeza.

Cuidando da avó, fazendo o trabalho caseiro e lecionando, numa atividade constante que ia das 5 da manhã até depois da meia noite, a meninota chegou cedo aos domínios da exaustão. Aos 19 anos era forçada a inclinar-se sobre uma cadeira enquanto lecionava e aos 22 começou a manifestar sintomas de congestão pulmonar com tendência à hemorragia. Seus médicos afirmaram que ela jamais seria capaz de trabalhar como dantes.

Eles não avaliavam as possibilidades do indomável espírito da meiga Dorothea. Depois de um descanso forçado de dois anos, ela voltou a lecionar. Cinco anos mais tarde estava a pobre moça vomitando sangue e com seu distúrbio pulmonar em condições muito mais graves. Os médicos apontaram-lhe duas alternativas: ou abandonar de vez todas as suas atividades extenuantes ou morrer. Relutantemente, ela consentiu em repousar, mas não por muito tempo.

Em 1841, quando contava 39 anos de idade, o curso da vida de Dorothea Dix mudou completamente em consequência de um quadro que ela viu num dia gelado de março em East Cambridge, Massachusetts, onde fôra para lecionar a uma classe de Escola Doméstica, numa prisão.

Num quarto úmido retirado da prisão, Dorothea viu dois detentos insanos tiritando de frio. Per-guntou ao carcereiro o motivo pelo qual suas celas não dispunham de aquecimento.

— Pessoas insanas não podem sentir frio, senhorita — respondeu êle.

Com o sangue a ferver-lhe nas veias, mas sem dizer palavra, Dorothea Dix prometeu a si mesma fazer alguma coisa a favor dos doentes mentais. Os dois anos que se seguiram ela passou investigando calma e detalhadamente cada asilo e cada prisão de Massachusetts.

Acompanhando os resultados de seu discurso diante da Câmara em 1843, os médicos aconselharam-na uma vez mais a parar. Ela agradeceu os cuidados dêles, concordou, mas ignorou seus conselhos. Durante os quatro anos seguintes, a jovem professora de Maine viajou cerca de 50 mil quilômetros em diligências através de estradas terríveis, visitando centenas de prisões e asilos, de Estado em Estado.

Sua mala de viagem continha um martelo, pregos, barbante e fortes correias de couro para reparos, quando o carro estragava em algum ponto deserto. Quando bandoleiros paravam sua carruagem, Dorothea apoiava-se à janela, passava-lhes uma descompostura e ordenava ao cocheiro que prosseguisse. Dormia quando podia.

Na cidade de Little Compton, em Rhode Island, ela encontrou Abraão Simmons, um "maníaco", acorrentado ao solo de uma minúscula cela coberta de gêlo. Havia três anos que êle se encontrava ali. Como ela relatou em suas notas cuidadosamente guardadas, êle tinha "apenas palha molhada para deitar-se e uma camada de gêlo com que se cobrir".

Dorothea insistiu para entrar na cela.

— Certamente êle a matará, senhorita — advertiu o carcereiro. Todavia êle abriu a porta. O "maníaco" encolheu-se a um canto. Aproximando-se dêle, a moça aqueceu suas mãos nodosas entre as dela. Lágrimas abundantes percorreram a face de Abraão Simmons.

Deixando apressadamente Little Compton, Dorothea foi à procura de Cyrus Butler, o homem mais rico do Estado e notadamente o mais sovina. Uma vez frente a frente com Butler, a frágil, mas destemida professora, fêz uma descrição minudente da situa-

ção dos asilos de Rhode Island. O homem ficou atordoado.

— Afinal de contas — disse-lhe ele — que espera a senhora que eu faça a esse respeito?

— Quero que o senhor dê 50 mil dólares para o ampliamento do hospital de doentes mentais desta cidade — respondeu ela, calmamente.

Depois de um longo silêncio, Butler respondeu:

— Pode contar comigo, senhora.

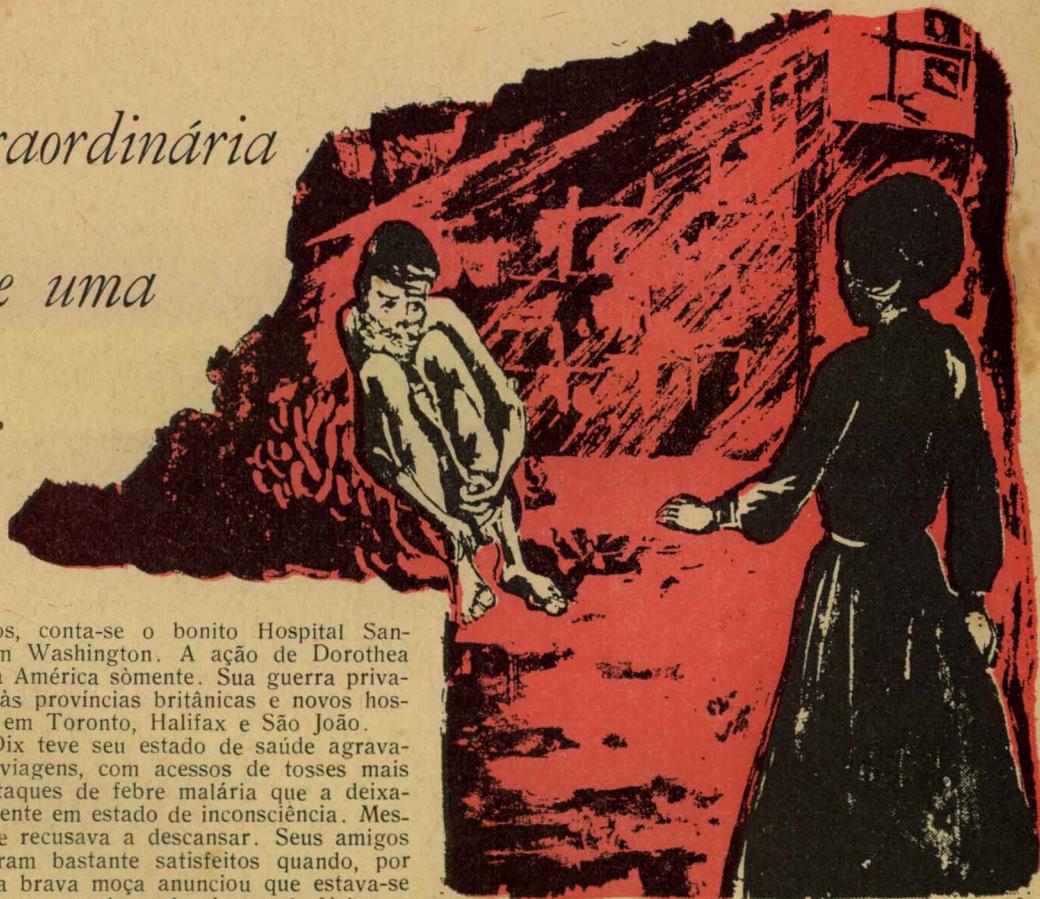
Imediatamente foram iniciadas as obras de construção do famoso Hospital Butler de Rhode Island, para doentes mentais. Então, o devotamento de Dorothea transformou-se numa verdadeira cruzada. Viajando de carroça, ela visitou diversos estabelecimentos na Pensilvânia, Indiana, Illinois, Kentucky, Missouri, Tennessee, Mississippi, Lousiana, Alabama, Carolina do Norte, Maryland e Washington. Na década que se seguiu, pelo menos um hospital novo ou remodelado surgiu anualmente graças ao seu trabalho.

quando chegou ao gabinete do secretário geral, soube que Dorothea Dix havia chegado na noite anterior, tivera sua entrevista e conseguira a nomeação de uma comissão real para investigar as condições dos hospitais em Edimburgo.

Em Roma, ela conseguiu uma audiência particular com o Papa Pio IX, deixando-o fortemente emocionado diante das notícias a respeito do que se passava com seu rebanho. No dia seguinte, os asilos oficiais de Roma foram surpreendidos por uma visita inesperada. Sem se fazer anunciar, o Papa empreendeu um giro completo pelos presídios e asilos. Menos de uma semana depois, um médico nomeado pelo Vaticano seguia para Paris com a finalidade de estudar os mais modernos métodos de tratamento e cuidados para insanos. O Vaticano ordenou ainda a compra de um terreno para a construção de um novo e moderno sanatório, medidas executadas sem demora.

Dorothea Dix retornou ao trabalho na América

A extraordinária luta de uma mulher



Entre os muitos, conta-se o bonito Hospital Santa Elizabeth, em Washington. A ação de Dorothea não se limitou à América somente. Sua guerra privada estendeu-se às províncias britânicas e novos hospitais surgiram em Toronto, Halifax e São João.

Dorothea Dix teve seu estado de saúde agravado durante as viagens, com acessos de tosse mais acentuados e ataques de febre malária que a deixavam freqüentemente em estado de inconsciência. Mesmo assim ela se recusava a descansar. Seus amigos e médicos ficaram bastante satisfeitos quando, por volta de 1854, a brava moça anunciou que estava-se preparando para uma prolongada viagem de férias na Europa. Entretanto, suas propaladas "férias" foram gastos em inspeções dos maiores asilos e prisões de Londres, Edimburgo, Paris, Roma, Nápoles, Viena, Constantinopla, Stocolmo, Copenhague, Bruxelas e Amsterdam.

Em Edimburgo, Dorothea encontrou asilos cujas condições eram tão más quanto as vistas na América. Quando o superintendente geral encolheu os ombros diante do seu apelo para a reforma dos estabelecimentos hospitalares, ela resolveu levar o caso ao conhecimento do Secretário Geral, em Londres. Sabendo de seu plano, o superintendente tomou o trem da manhã para aquela cidade, a fim de contar a sua versão da história primeiro que a moça. Todavia,

quando estourou a Guerra Civil. Com quase 60 anos de idade, ofereceu-se para ajudar em Washington, tendo sido nomeada Superintendente das Enfermeiras, cargo que ocupou até o término da guerra.

Em dezembro de 1866, decidido a reconhecer oficialmente o serviço prestado por Dorothea Dix, o Secretário de Guerra Edwin M. Stanton perguntou-lhe se ela preferia receber um certificado público conferido pela mais alta Administração Oficial ou um presente em dinheiro dado pelo Congresso. Ela respondeu desejar receber as bandeiras de seu país. Presentearam-na com as bandeiras dos Estados Unidos confeccionadas especialmente para este fim e ela as deu

ao Harvard College, tendo sido as mesmas hasteadas à entrada principal do educandário.

Terminada a guerra, Dorothea continuou seu trabalho por mais 15 anos. O número de hospitais devidos a ela elevava-se a 34. Ao atingir a respeitável idade de 80 anos ela comprehendeu estar encerrada sua carreira de trabalho. Colocaram um quarto à sua disposição no hospital que ela havia fundado em Trenton, Nova Jersey.

Naquela tarde quente de 17 de julho de 1887, o dr. John Ward, médico do hospital, entrou no quarto.

— Exatamente no momento em que abri a porta — disse ele mais tarde — ela deu um leve e calmo suspiro e deixou a terra para sempre.

O modesto funeral de Dorothea Dix no cemitério de Mount Auburn, nas proximidades de Boston, foi acompanhado por apenas alguns dos seus mais íntimos amigos. Notificando ao mundo a sua morte, o dr. Charles H. Nichols, seu amigo de muitos anos, disse: "Morreu serena e descansa sem qualquer ostentação a mais útil e extraordinária mulher que a América já produziu". — Donald John Giese.

☆ ☆ ☆

A Moeda de Um Cruzeiro

Conclusão da pág. 29

rio Pena das Neves. Eu conversava com Carlos Matos sobre assuntos sem importância, quando ele me perguntou, de súbito, se eu estava ao corrente da última mania de Mário.

— Refere-se à aversão que ele tem pelas moedas de um cruzeiro? — disse eu.

— Aversão... — tornou ele. — Não se trata disto. O que ele tem é «mania de fingir aversão pelas moedas de um cruzeiro», o que é muito diferente.

— Fingir? — fiz, curioso.

— Sim, ele finge, por um motivo que ignoro. O pior é que ontem me impingiu uma história absurda sobre a origem das...

— Ah, sim! Já a conheço... Contou-me, também, hoje, antes do almoço. Estou de acordo: é absurda. Mas... por que julga que ele finge aversão?

Carlos me olhou bem nos olhos:

— Não estive em casa dele?

— Não...

— Pois eu estive. O que penso é que ele finge aversão, talvez para não despertar a curiosidade

alheia para o que mantém trancado naquele quarto. Imagine você o trabalho que ele deve vir tendo para colecionar tantas moedas de um cruzeiro da mesma emissão... E isto apesar de reüssar todas as...

— Mas escute, Carlos: você está falando sério? Você disse «colecionar»?

— Sim, e daí? Digo-lhe que ele tem no quarto uma verdadeira montanha de moedas de um cruzeiro, e basta. Vamos dar uma volta na praça?...

☆ ☆ ☆

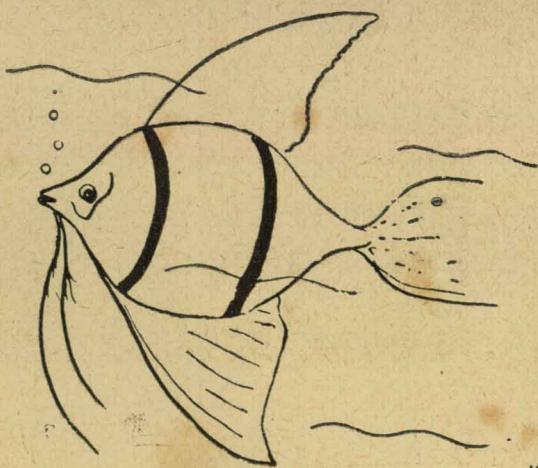
SER E NÃO SER

Foi lembrando-se da definição que Voltaire deu ao Sacro Império Romano ("nem sacro, nem romano, nem império"), que o dr. A. Segaloff, pesquisador de uma fundação médica de Nova Orleans, descreveu a mais nova arma contra o câncer no seio. De acordo com o que disse, é "uma substância sintética que pertence à família dos hormônios sexuais mas que não produz efeito algum nas características sexuais e que não é na verdade um hormônio".

☆ ☆ ☆

"O amor de Mãe, pão maravilhoso que Deus reparte e multiplica, chega para todos os filhos, todos o partilham e cada qual o tem inteiro". (Victor Hugo).

O MAR... E SEUS SEGREDOS



O Cangulo Rainha é encontrado nas Caraíbas. Pode levantar sua nadadeira de trás ou conservá-la trancada. Sua pele muito áspera não tem escamas. Quando pescado, ele resmunga e por esta razão é às vezes chamado: Mulher Velha!



Por que ficamos vermelhos?

O HOMEM é o único animal capaz de ruborizar-se", dizia Mark Twain, com sarcasmo. Já o dr. S. Sandor Feldman, da Universidade de Rochester, diz que o enrubescimento é sinal de saúde. Aliás, após estudar acuradamente o assunto, este médico chegou à conclusão de que o fenômeno é difundido por toda a parte, sendo observado até mesmo entre os silvícolas mais primitivos. O que faz o sangue subir às nossas faces, entretanto, não é propriamente a vergonha ou a verdade posta ao conhecimento de todos, mas, um sentimento de culpa por estarmos escondendo esta mesma verdade.

Quando a verdade está sendo oculta, acabamos cometendo uma traição contra nós mesmos, ao ficarmos vermelhos. E só por isto ficamos vermelhos. Tanto assim que as crianças, que não conhecem a falsidão nem a mentira, não costumam fazê-lo, e só depois de mais velhas, quando vão tomando contacto com as artimanhas e a hipocrisia humanas, começam a contrair este hábito. Tudo indica que o dramaturgo inglês do século XVIII, William Congreve, tinha razão quando dizia: "Sempre tive o enrubescimento como um indício de culpabilidade ou de uma educação defeituosa". Mas, afinal de contas, consideradas todas as hipóteses, quem sai mesmo ganhando é a mulher moderna: ostentando as faces sempre muito maquiladas, torna-se difícil saber se ela está dizendo a verdade ou não.

★ ★ ★

O AMOR

"Quem é capaz de dizer quanto ama, na realidade ama muito pouco". (Petrarca)



AÇÚCAR E FUMO

É PONTO pacífico que o fumo é capaz de provocar uma baixa considerável na porcentagem de açúcar da corrente sanguínea dos grandes fumantes, chegando mesmo a originar graves enfermidades hipoglicêmicas. Naturalmente, nada mais estupefaciente, para um indivíduo de boa saúde, que estas indisposições que se fazem acompanhar de vertigens e suores, chegando mesmo a provocar síncope.

Pesquisadores americanos observaram recentemente que a nicotina absorvida em doses muito elevadas, é capaz de paralisar temporariamente a ação das glândulas supra-renais, não causando, entretanto, qualquer lesão de tecidos. Sómente um remédio é aconselhado pelos autores da descoberta para evitar esse mal: a renúncia completa ao fumo.

Sendo assim, é bem provável que muitos fumantes inventados prefiram comer, de tempos em tempos, um pouco de açúcar.

GLÓBULOS VERMELHOS E ALTITUDE

ESTADA nas montanhas é de grande benefício para a saúde, pois a melhor oxigenação obtida, não pelo aumento da taxa de oxigênio que é, ao contrário, ligeiramente reduzida, mas pelo maior desenvolvimento do perímetro torácico, melhora a tolerância aos glucídios e facilita a eliminação dos excedentes aquosos. O apetite é estimulado e as pessoas que padecem de eczemas, bem como as hepáticas e as que sofrem da região rino-faringéia, encontram grande benefício em tais atmosferas. Sem dúvida, uma distinção se impõe entre a montanha média e a montanha alta. Se a primeira não comporta qualquer contra-indicação, a segunda, ao contrário, é estritamente interditada aos cardíacos, às pessoas atacadas pela arteriosclerose, aos insuficientes renais e aos hepáticos graves.

A extrema pureza dos cumes, a intensa irradiação dos raios ultra-violetas, as variações às vezes bruscas de temperaturas, aliadas às exaltações de flores particularmente ativas concorrem para estimulações físicas consideráveis. É assim que os glóbulos vermelhos aumentam em número e que a taxa de hemoglobina se eleva acentuadamente.

CÁPSULAS

* Conquanto sejam diversos e múltiplos os fatores capazes de ocasionar fortes dores de cabeça, quatro são, em suma, os principais: alérgico, digestivo, hormônico e nervoso. * A alergia é evidente quando a dor de cabeça se manifesta logo após a ingestão de certos alimentos. * Pessoas que permanecem por muito tempo nas altas montanhas expõem-se a uma verdadeira doença por excesso de glóbulos — a poliglobulia de altitude.

SOU uma curandeira. Não por minha vontade, mas que sou uma curandeira não há dúvida, pelo menos na conceção de algumas pessoas. Tudo começou há sete anos, quando voltei para as montanhas de Chiapas, no sul do México, onde vivi quando criança. Minha intenção era plantar chocolate, café e fruta naquele deserto além da fronteira, onde meu

altura da situação. Possuia apenas conhecimentos limitados e alguma prática de medicina.

A pequena aldeia, distante uma hora a cavalo, era habitada por uma súcia de assassinos, muitos dos quais escapados de sangrentas "escaramuças", em outras regiões. Noutros tempos, eles se tinham mostrado muito hostis para conosco, chegando a queimar nossos

golpeando-lhe as cordas, sempre gritando. Tentei ignorá-la. Assim que apliquei a injeção de penicilina, a mulher virou-se para mim, procurando atingir-me com a correia de couro. Um velho que se encontrava perto segurou-lhe as mãos e obrigou-a a retroceder com uma desculpa qualquer.

— Qual é o problema? — perguntei.

CONFISSÕES DE UMA CURANDEIRA

pai mantivera uma plantação há tempos. Eu esperava encontrar serenidade e adquirir novas forças através de um "modus vivendi" bem afastado do furioso tumulto da "civilização".

A respeito de força, tenho aprendido alguma coisa. Quanto à serenidade, busco-a sempre na calma da tarde ou da noite, deitada em minha maca. A maior parte de meu tempo, porém, é gasta numa correria medonha. Ao invés de escapar do problema da luta humana, estou cada vez mais envolvida por um sem número deles.

Minha vida de "curandeira" começou numa manhã bem cedo, no primeiro ano em que me encontrava de volta aquelas plagas. Estava tomando o meu café na varanda, quando um menino aproximou-se assustado.

— Uma nau-yaca mordeu meu irmão esta manhã. Será que a senhora não tem alguma coisa que o possa ajudar? — implorou ele.

Nau-yacas são cobras altamente venenosas. Pessoa alguma nessas selvas, até então, tinha sido capaz de salvar um homem ofendido, depois que o veneno lhe penetrasse o corpo. Eu não dispunha de nenhum dos soros tão eficazes hoje, mas arranjei uma garrafa de "anti-viporina", espécie de herva benigna, obtida de um anticoagulante que, em muitos casos, quando as condições não são das piores, ajuda.

Corri em busca da garrafa e enfeiei-a nas mãos do garoto.

— Olhe aqui — disse-lhe eu, bem mais agitada do que ele — seu irmão tem que beber a metade disto. Meia hora depois, deve tomar o resto. Irei lá imediatamente.

Excitado pela veemência de minha voz, o menino voou para casa e eu comecei a considerar se minha promessa não teria sido irrefletida. Não obstante, que mais poderia eu fazer para ajudar? Não dispunha de equipamento médico à

campos de milho e até a atirar nos transeuntes, de emboscada. Para eles, eu não passava de uma estranha. Além disso, desde que eram foragidos da lei, minha presença representaria uma ameaça, ainda mais que comigo iriam outros forasteiros.

Enverguei minhas roupas de montaria, embora sabendo, com certeza, que estava me dirigindo para o perigo. E se com o medicamento que eu aplicasse, o homem morresse? seria acusada de tê-lo assassinado? Bolando mil coisas, cavalguei na direção do matagal montanhoso, rumo à aldeia de Aguazul.

O jovem enfermo jazia numa rede. A perna ofendida tinha inchado horrivelmente e já começava a tomar um colorido arroxeados. Era evidente que agonizava, apesar de seus lábios não emitirem som algum. De quando em quando, cuspiu uma golfada de sangue.

Fiz um balanço mental, olhando-o, com a família toda amontoada ao meu redor, na pequena cabana de sapé. Do lado de fora, ouvia-se o murmúrio do choroso comentário dos aldeões em expectativa. Minha chance de salvar o enfermo era mínima. Dispunha de penicilina, que poderia talvez contribuir para vencer a infecção já evidente na perna paralizada. O enfermo tinha tomado a anti-viporina, mas os sintomas não haviam desaparecido.

Com a lâmina de uma navalha, fiz incisões acima do ferimento e improvisei uma ventosa com uma seringa. Assim que retirei meia xícara de um sôro amarelo, um murmurio escapou do grupo. Era uma advertência de que eu não deveria parar ali.

De repente, dando um grande grito, uma mulher começou a correr com um pedaço de sandália de homem na mão, batendo-a ritmicamente contra as paredes, dirigindo-se para a maca do enfermo e

Suas curas eram batalhas ganhas na luta entre a fé e a ignorância.

— Nenhum. Ela está apenas procurando proteger a senhora contra o espírito da nau-yaca. A senhora está tentando salvar o homem e a nau-yaca vai querer vingar-se. Esta sandália que tocou a cobra tem agora poder contra ela.

— Não tenho certeza de que o homem sobreviverá — apressei-me em dizer. — Não há qualquer indício a respeito.

O velho olhou-me com espanto.

— Mas a senhora fêz as marcas da cruz no pé dêle! Eu vi!

Ele tinha razão. Eu havia feito uma cruz que tocava as duas marcas da punctura. Havia duas cruzes então, uma convergindo para a outra.

Naquele momento comecei a compreender alguma coisa a respeito da força de sua fé em minha "mágica". Pedi um pouco de limonada fria para o homem. Ele tomou-a com prazer, mas pediu-me primeiro que lhe segurasse o copo, antes de tocá-lo. Então a mulher trouxe novamente a correia de couro, insistindo comigo para que



eu a pisasse. Recusei-me a fazê-lo, naturalmente, explicando-lhe que o fato de eu pisá-la, de nada adiantaria. O velho balançou a cabeça e disse: — Ela não precisa pisar na correia, pois seu poder é muito superior ao destas coisas.

Minha preocupação com o enfermo foi aos poucos cedendo lugar à preocupação com a crença que aqueles aldeões alimentavam. Revolvi minha mente em busca das coisas que aprendera em minha infância a respeito das montanhas de Chiapas e ensaiei um pequeno discurso.

— Aldeões — comecei — este homem pode sobreviver ou morrer. Será “como Deus quiser”. Não tenho poder algum. Se o que fiz fôr aceitável aos olhos de Deus, ele ficará curado. Nenhuma dessas coisas tem poder — disse, apontando para a correia de couro e o pequeno charco de sangue no chão, já rodeado de brasas pela mulher. Ergui as mãos e continuei: — “Só o Deus”, apenas Deus pode ajudar.

Enxugando a testa, notei que a expressão de agonia abandonava lentamente a face do jovem. O silêncio do povo que observava co-migo começou a tomar um aspecto de sabedoria, como se a concentração de suas mentes em mim e nas minhas intenções fôsse uma coisa viva, penetrando todo o meu ser.

Como não houvesse mais nada para eu fazer, dei instruções a respeito dos cuidados que deveriam manter para com o homem e parti. A viagem de volta através da selva foi feita ao som de tambores — tocando para mim ou contra mim?

O homem sobreviveu. Poucas horas depois cessou a infiltração de sangue na garganta e uma se-

mana depois ele estava de volta ao trabalho. Os tiros de emboscada ao longo da estrada cessaram e nossas plantações não sofreram mais qualquer dano. Há muito eu era pessoa indispensável, mas agora via-me transformada numa “bruxa”, numa “curandeira”!

A partir daquele dia, uma leva de doentes, feridos e até moribundos começou a percorrer o extenso trilho que ia da selva à minha plantação. Ser indispensável tinha seus méritos, é verdade, mas o perigo do povo acreditar em meus poderes curadores estava aumentando cada vez mais.

Por várias vezes, desde aquela primeira “cura”, acordei com um grupo de homens agachados do lado de fora do portão, afiando seus machetes. A pergunta dêles era sempre esta: “Quando é que a senhora vai ver a mulher — ou o homem, ou a criança — quem quer que estivesse em dificuldade? O assentimento em ir representava várias horas de caminhada no lombo do cavalo. E tinha mais: eles me chamavam a qualquer hora do dia ou da noite, muitas vezes em meio a pesadas tempestades.

Mandei providenciar equipamentos e remédios. Construí um salão grande de sapé onde instalei uma enfermaria. Famílias inteiras costumavam ficar ali, pageando seus enfermos. Comecei a manter correspondência com médicos das cidades próximas mais adiantadas, solicitando informações, na esperança de poder um dia extirpar o medo e a falsa credicice da mente do povo.

Certo dia chegou ao meu “hospital” uma senhora grávida, exatamente na hora em que eu fazia uma injeção numa outra senhora gra-

vemente enferma. Assim que viram a senhora grávida, os parentes da moribunda ficaram alarmados e disseram que lhe faria mal ser olhada naquele estado.

— Nada — disseram êles — nem mesmo a “mágica” será capaz de curá-la agora.

Carregaram-na imediatamente para fora numa rede e no dia seguinte elas morria. Diante disto, decidi encetar uma campanha acirrada contra a crença na feitiçaria. Curar aquêle povo fisicamente não era o bastante.

Construí uma pequena capela perto da enfermaria. Comecei por dizer-lhes que eu não podia fazer coisa alguma sem a ajuda dêles. Eu não estava tentando mudar



CONFISSÕES DE UMA

"Curandeira"





deixa sua pele
"RESPIRAR"

A expressão é exatamente esta. Sua pele precisa "respirar", através de poros limpos, livres de cravos, espinhas, panos, manchas e outras imperfeições. Só assim você terá uma pele suave, aparentando um viço permanente... um frescor juvenil... o brilho de uma pele bem cuidada. Para manter sua pele imaculada, experimente o Creme de Alface Brilhante. Em poucos dias, você notará a diferença. Para seu encanto de mulher fascinante use o



Creme de
ALFACE
Brilhante

LABORATÓRIO ALVIM & FREITAS

APRENDA A DANÇAR



Em apenas 10 dias pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 13ª Edição, melhorada, contendo 195 gráficos, que permite a V.S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembólo, à Livraria Teixeira, Caixa Postal 258 — São Paulo, Cr\$ 350,00. Encontra-se também à venda em tôdas as Livrarias do Brasil. Em Belo Horizonte: LIVRARIA REX.

O Prof. Gino Fornaciari, mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 às 22 horas à Avenida da Liberdade nº 120 — 2º andar — Conj. 8 — Telefone 37-2414 — São Paulo.

lhes a religião, pois eles não acreditariam em outra. Disse-lhes que poderiam ajudar-me pedindo a Deus que me desse força e fiz questão de frisar-lhes que Deus atenderia suas orações de acordo com a vontade d'Ele. Pedi-lhes que se ajoelhassem em frente à cruz que eu tinha colocado na capela e pedissem a Deus, que amava a todos os homens, que nos desse fé e nos livrasse do temor.

Não sei o que eles pensam ou rezam lá. Todavia, sei que eles ficam em silêncio e que suas faces irradiam esperança quando, depois de meia hora eles retornam à enfermaria para darem uma olhadela

em seus enfermos e saberem o que estou fazendo.

Quando lhes entrego o filhinho sorridente, com novas forças, ou digo a um homem idoso que sua esposa já está em condições de voltar para casa, lembro-lhes de que não existe "sôpro do diabo" e nem "olho mau", capazes de contrariar a afirmação de que o amor possui maior poder de curar do que a bruxaria de arruinar.

Agora, estão começando a acreditar em mim. Pode ser que ainda leve muito tempo, mas tenho esperanças de um dia deixar de ser uma simples "curandeira". — Karena Shields.

LIVROS NOVOS

EDITORA VECCHI — A Editora Vecchi está distribuindo agora os seguintes livros: "O Imperador que Um Índio Mandou Fuzilar", romance histórico de Egon Conte Corti, em tradução de Celestino da Silva; "O Pateta Wilson", romance de Mark Twain, traduzido por Galvão

Queirós; "O Sexo Infiel", uma arguta e deliciosa análise das artimanhas empregadas pelos homens em sua eterna caça às mulheres, por Nina Farewell, com ilustrações de Roy Doty; "Poeira de Estréelas", poesia de Edgar Resende, da Academia Fluminense de Letras.

FUMANTES AMERICANOS

SEGUNDO dados estatísticos agora publicados nos Estados Unidos, 1959 foi um ano "record" para os fumantes americanos, que consumiram um total de 456 bilhões de cigarros, com um aumento de 4,5 por cento em relação a 1958. Cada americano de ida-

de superior a 15 anos fumou, em média, 188 maços de cigarros no correr do ano.

Para 1960 foi previsto, não obstante a grita de alarme lançada pelos médicos, um aumento de 8 por cento.

A HISTÓRIA FAZ HUMOR

A Rainha Vitória e Albert de Saxe-Cobourg formaram um dos mais harmoniosos casais da história da Inglaterra. Sucedeu, contudo, que, certo dia, uma rusga se levantou entre eles, e Albert, aborrecido, recolheu-se a seus aposentos.

Passado um instante, Vitória bateu-lhe na porta:

— Abra — disse ela, rispidamente. — E' a rainha.

Não houve resposta de Albert. Vitória mordeu os lábios e voltou a bater, acrescentando com voz de meiguice:

— Abra, Albert! E' sua esposa.

A porta se abriu no mesmo instante.

Um poeta, que cantara em versos a glória de Napoleão Primeiro, com igual entusiasmo cantou, após, a glória de Luís XVIII. Mas lhe dizia o Rei, deixando ver que não era um simples:

— São belos versos! Quase tão belos quanto aquêles que você escreveu em louvor de Bonaparte.

— O meu Rei tem tôda razão, — respondeu o vate, — mas Vossa Majestade sabe muito bem que um poeta sempre tira melhores efeitos da ficção do que da realidade.



Sudão

OSUDÃO, ponto de formação definitiva do Nilo, com a junção do Nilo Branco e o Nilo Azul, imensa região de 2.496.150 quilômetros quadrados, situa-se entre o Trópico de Câncer e o Equador.

Grande parte do país é constituída pelo planalto Kordofan, de cerca de 300 metros de altitude, que encontra ao noroeste o Deserto da Líbia e a nordeste o Deserto da Núbia e as serras que costeiam o Mar Vermelho; a leste, a região montanhosa de Darfur. Possui uma flora tropical, com desertos e pântanos no sul, como o imenso Sudd, onde o Nilo quase desaparece. A fauna é bastante rica e apenas no Sudão encontra-se o rinoceronte branco, insígnia da República.

O solo é fértil, a maior parte, e, nas regiões mais áridas, fertilizado pelo Nilo e por um sistema de irrigação.

O clima varia do desértico, no norte, ao equatorial, no sul. A capital é Kartum, com 250.000 habitantes, formada por três cidades: Kartum, Omdurman e Kartum do Norte. Daí ser cognominada «Tríplice Capital».

A história primitiva do Sudão confunde-se com a Núbia, que foi dominada pelos Faraós de XVIII Dinastia (1580 a. C.), durante 10 séculos. Esteve sob a influência romana do século VI ao XV, quando passou o poder ao reino de Fungi, que adotara o Islã-mismo. Em fins da I Guerra Mundial, começou a desenvolver-se um movimento nacionalista pela independência, culminando com a proclamação da República, em dezembro de 1955. No ano seguinte foi admitido na Organização das Nações Unidas.

A República do Sudão tem uma população de 10.262.506 habitantes sendo que, ao norte, predomina a raça camita e, ao sul, as tribos negras.

A educação vem sendo desenvolvida desde a proclamação da República. O currículo escolar começo aos 7 anos de idade e a instrução primária é obrigatória. O ensino superior é ministrado na grande Universidade de Kartum, no Instituto Técnico de Kartum e no Instituto de Educação de Bakt-er-Ruda.

A língua oficial é o árabe, mas as tribos do sul falam vários dialetos nilóticos. O país possui 5 bibliotecas públicas, 11 jornais diários e mais 27 periódicos.

O governo é provisoriamente exercido pelo Conselho Supremo das Forças Armadas, mas a Constituição provisória declara que o Sudão é uma república democrática.

A base principal da economia sudanesa é o algodão, de que o país é um dos maiores produtores mundiais. Proporciona-lhe mais da metade de suas exportações. Depois de um período de crise ocorrida nos anos de 1957 e 1958, a exportação do algodão retomou, em 1959, um ritmo acentuado de progresso, fazendo com que, nesse ano, a balança comercial se apresentasse favorável, com um «superávit» de 9,9 milhões de libras (a libra sudanesa é equivalente à esterlina) das exportações sobre as importações.

Com a situação do seu principal produto atualmente assegurada, o Sudão, lança-se a um crescente desenvolvimento de outras fontes de riqueza, sobretudo pelo caminho da industrialização.

Possui, na área de Gezira, um dos maiores sistemas de irrigação do mundo, que fertiliza cerca de 400.000 hectares. Além disso, nessa mesma área, constrói-se uma estação hidrelétrica, ao custo de 4,5 milhões de libras.

Apenas com cinco anos de vida independente, já o Sudão se alinha decididamente entre as nações que lutam contra o subdesenvolvimento e marcha firmemente para um futuro de bem-estar e progresso.

Sugestões

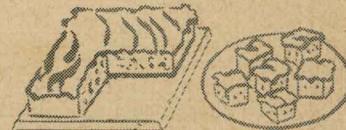


MAIZENA



“SOUFFLÉ” DE FRANGO

Dissolva 3 colheres de “Maizena” e 2 colheres de farinha de trigo em 1 copo de leite. Adicione mais 3 copos de leite, sal e 1 colher de manteiga. Leve ao fogo para engrossar, mexendo sempre. Retire do fogo, junte 3 gemas, misture tudo e leve novamente ao fogo. Despeje metade do creme no prato de servir e por cima coloque o frango (já anteriormente cozido com todos os temperos, desossado e desfiado) misturado com 2 latas de ervilhas. Cubra com a outra metade do creme. Enfeite com rodelas de tomate e leve ao forno para dourar.



BÔLO DE ÁGUA

Bata 6 gemas, junte 4 xícaras de açúcar e 20 colheres de água. Acrescente, a seguir, 3 xícaras de farinha de trigo, 1 xícara de “Maizena”, 2 colheres de fermento em pó e 1 colher (chá) de açúcar de baunilha. Por último, adicione 6 claras em neve. Asse em fôrma untada.



CREME DE MAIZENA E GEMAS

Leve ao fogo para fervor 3 xícaras de leite, 1 colher (chá) de baunilha e 3/4 de xícara de açúcar. Bata 6 gemas e sobre as mesmas despeje o leite fervente. Acrescente 4 colheres de “Maizena” dissolvida à parte, e volte ao fogo fraco para cozinhar. Não deixe fervor. Sirva gelado.



MANJAR DE CHOCOLATE

Ferva 2 xícaras de leite com 4 colheres de açúcar. Dissolva 2 colheres de “Maizena” e 1 1/2 colher de chocolate em pó em um pouco de leite frio e junte ao leite fervente. Leve ao fogo e mexa continuamente até engrossar. Tampe a panela e cozinhe em banho-maria durante uns 20 minutos. Despeje em fôrma molhada com água fria e sirva gelado com creme de leite.

1-61

A NOITE se debruçava sobre a Terra apagando pouco a pouco os rastros do Sol, que toda tarde, aquela mesma hora, se enfiava pela estrada do Poente. Sorria-lhe a esperança de encontrar do outro lado da Terra algum astro, a Lua, por exemplo, com quem pudesse entreter-se para dissipar a monotonia da caminhada. Há séculos e séculos aquela mesma rota sem encontrar ninguém, nada que o impedisse de cumprir aquela terrível ordem divina.

«O Sol não gira em redor da Terra», dirão. Sim, talvez seja o Sol um eterno incompreendido...

Mas a Lua não tardava a surgir do outro lado, e sua fisionomia lânguida mostrava tristeza e o desapontamento de um novo encontro frustrado com o Sol. Ninguém comprehende a angústia desses astros. Não será a Lua assim triste porque não consegue alcançar o Sol, e o Sol não é às vezes intratável e feroz porque cansa-o buscar a vida inteira a Lua, a sua bem-amada?

Decididamente, para nós, criaturas humanas, é algo belo e romanesco embora um tal encontro de amor custe a destruição do Universo. Entre os astros passa quase despercebido, pois, não têm elas a felina preocupação de esmiuçar a vida alheia...

A noite surgiu, as imagens tornaram-se levemente difusas apesar do pálido luar que ia se escorregando pelas fôlhas, pelos galhos, pelas copas das árvores...

Na baixada alguém vinha vindo pela estrada branca e arenosa.

— Quem será?

— Talvez o Ogusto. Ele invém do lado da venda.

Os cachorros latiram, o vulto foi chegando, tomando forma. Depois no chão o saco que trazia às costas.

— Boa noite, só João, Boa noite, gente.

— Uáí Ogusto!

— O toicinho subiu.

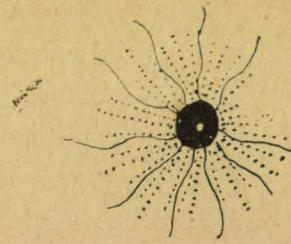
Um último latido se escoou pelo ar; uma brasa crepitou lá dentro na fornalha.

— Prá quanto?

— Cento e cinqüenta. Outro dia memo nós comprava toicinho de vinte mil réis; hoje tá dêsse preço. E se fôsse só isso pra comprá... Mais não; a gente precisa de muita coisa, sabe, Deus é ladino, dá uma vida só pra gente, e a gente quase morre de trabaiá pra dá conta dela. Se num fôsse isso eu já tinha chutado a minha e arranjado otra.

Um toro de paineira servia-lhes como rústico assento. Augusto assentou-se e seu João, talvez o mais idoso dêles, se arredou um pouco do seu lugar enquanto meditava nas palavras do recém-chegado. Sim, Deus era ladino e irônico. A sua ironia era muda e se manifestava da maneira quase imperceptível.

Se a vida não fôsse única, pensava ele, deixava de existir a razão de viver e o mundo seria tomado de uma inconstância e de um descontentamento terríveis. Aquèle tronco de paineira... Pensar que um dia a sua copa florida sobressaía ao denso verde da mata e ele a sustentá-la, vigoroso, hercúleo, enquanto as florzinhas côn-de-rosa vinham cair em suas raízes, misturando-se com outras já murchas e descoradas! Agora era um tronco seco, mudo, sem vida, sem dúvida destinado à serraria... Mas era necessário que ele ali estivesse naquele estado para que, antes, fôsse admirado na plenitude de sua vida e beleza.



O SOL, A LUA, SÔ JOÃO E OUTROS...

Se a vida não fôsse única, haveriam de se dividir essas pequeninas coisas que tornam tão misteriosa! E isso seria o fim. Deus é inteligente, irônico, mas essencialmente bom.

Seu João volta à realidade:

— Pra quem ocê vai amanhã, Ogusto?

— Num sei não, só João. Acho que vou dá uma segunda na minha lá do outro lado.

— Não; ocê vem pra mim. Pode sê à minha custa, mais vem. Farta só uns cinco sirviço.

— Tá certo, só João, tá certo.

De vez em quando um fósforo acendia um cigarro de palha e alumiaava uma fisionomia: barbas e cabelos grandes, a pele trigueira e, num rosto feio e rude, dois olhos mansos e sem brilho. Tirava uma fumaça, ajeitava o pito com a unha do polegar e fitava na imensidão da noite uma estréla, uma só, observando atentamente como piscava, perscrutando o que lá se escondia (por certo os sonhos habitam as estrélas, pois só aparecem à noite com elas, e de dia, com elas, desaparecem). Olhava uma luzinha distante vindia de algum rancho, pensava ainda na estréla, depois a copa de uma macaúba, as táblias do curral, os pés descalços e sujos...

— Fiz o negócio com o compadre; vortei a marrao pintada e quatro dia de sirviço.

— Pois o cavalo é bão; já foi meu, e cavalo meu num escurrega e é bão de sela.

Um menino chorou lá dentro, a velha continuava a mexer o seu tacho de farinha no terreiro e a limpar os olhos por causa da fumaça.

Um cavaleiro veio chegando. Rangeu a porteira do curral e os cachorros latiram novamente.

— É o Pedro Braga.

— Boas noite, gente.

— Uái, Pedro! Pra que isso?

— Violão. A noite hoje tá boa pra tocá...

O rapaz apeou, passou a mão no violão e assentou-se frente ao velho.

— Sô João, vê se lembra desta...

Todos ouviram absortos e o velho falou:

— É, Pedro, essa é das boa. Faiz a gente lembrá...

Pedro Braga ainda tocava quando Tonico falou:

— O véio do tio Rodrigue é que gostava dum toque! Certa vez nôis tava capinano roça no Grotão

2.º PRÉMIO NO CONCURSO DE CONTOS DA «CIA. DE SEGUROS MINAS-BRASIL»

**Deus é inteligente, irônico
mas essencialmente bom...**

Conto
FAUSTO WELINGTON LOPES
Ilust. de
JARBAS JUAREZ



O Sol, a Lua, só João e outros...

Conclusão da pág. 38

e tinha um forró no rancho do Mané Varga. Lá chegando, incontramo o tio Rodrigue, e só veno o seu intusiasmo! «Pois é, moçada, ocê pode falar o que quizé, mais eu num tenho de deixá uma dama no meio do salão!» Pisquei pro Candinho, Candinho piscou pra mim. O Paixão tava na sanfona. Chegamo no seu uvi-
do e falamo: «Tio Rodrigue qué dançá.» Chamamo a Maria do Raimundo Varga, cabrocha bem nutritida, e tio Rodrigue intrô na dança. E dançô uma berada... Piscô pro Paixão, Paixão nada. Passô perto e arriscô baixinho: «Pára, chega!».

O Paixão tocava.

«Pára, Paixão! gritô ele. Num agüento mais! Pára que o meu subaco já tá incalavado de dançá...»

Todos riram. O Tonico era bom para contar casos. Tudo era mentira, sabiam.

— Coitado do tio Rodrigue! Pra quê caçoá tanto!...

Apareceu o café, chicara sem asa, menino agarrado à saia de dona Júlia.

— Mais, só João?

— Não, menina; tá bom mais num quero mais não.

— Mais, Juca?

— Mais um gulinho, sá Júlia.

— Dexa eu vê seu fumo, Zé. E' daquèle bão ainda?...

Fumavam. Mais uma vez os sons graves do violão se fizeram ouvir. A música os fazia melancólicos e pensativos.

— Vi dizê que o Rumão vai casá?!

— E muié trabaidera, a moça. E' fia do Venâncio.

— Mais... Dizem que é proquê...

— E'. Fica facilitano. Facilitá cum muié sortera, num pode.



O tempo se escoava. A noite era adorávelmente linda. Ora conversavam, ora fitavam o céu, ora recordavam.

— Ta boa a prosa, mais eu já vô ino. Levantá cedo amanhã.

Um a um foram se despedindo, enxada ao ombro, calados. Levavam no rosto os sinais do cansaço. Dormiriam logo, levantariam cedo. Depois... tudo se repetiria. Era a ânsia de conservar a vida numa cruel incerteza de um dia não poderem retê-la.

O velho João e o Tonico, dono do rancho, ainda ficaram.

— Pois é, Tonico, a gente fica olhando o Sol sumi, a Lua dispontá, as estréla tremê e ouvindo prosa. Todo dia assim e a gente num cansa: tem sempre o que cunversá e sempre tem beleza o sumi do Sol. Tenho sessenta e tantos ano, e té hoje num injuei da vida. Queria vivê mais sessenta... Hoje tô véio e perrengue, mais já fui moço: trabaiva a semana tôda, e domingo farriava pra valê...

Suspirou.

— Já vou ino também...

O velho levantou-se com um pouco de dificuldade e se despediu. Tonico viu seu vulto desaparecer atrás das árvores, olhou a Lua ainda uma vez e entrou. Um cachorro latiu, e seus últimos latidos, já espaçados, dissiparam-se dentro da noite.

«Todo dia assim — dizia o velho — e a gente num cansa». Que será que o fazia persistir na monotonia dos dias?

«Gostaria de vivê mais sessenta...»

Talvez a única razão pela qual o sol ainda não desistiu de andar no encalço da Lua...

☆ ☆ ☆

O SEGREDO DA ROSA

Data de quase quinhentos anos o emprêgo da expressão latina *sub rosa* (sob a rosa) para indicar uma confidência rigorosa, o segredo absoluto. Tem-se como explicação de sua origem que Cupido subornou Harpocrates (o deus do silêncio) com uma rosa, a primeira que houve neste mundo, para que êle lan-

çasse um véu de discrição sobre as andanças de Vênus. Era freqüente ver-se nos salões de banquete da Idade Média uma rosa esculpida no fôrro, a lembrar aos convivas que qualquer assunto tratado à mesa livremente não deveria ser repetido em parte alguma.

ORFANATO SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA

Mantido pelas Irmãs Franciscanas, com quase uma centena de meninas órfãs, necessita do auxílio de todos os corações bem formados, para realizar a sua elevada missão cristã.
Envie o seu donativo, colaborando na manutenção e educação de uma centena de brasileirinhas.
Avenida Queiroz Júnior — ITABIRITO — MINAS GERAIS

CÉREBRO ELETRÔNICO...

Conclusão da pág. 17

são própria,clareando assim sua "mente" para novos estudos. Raytheon está trabalhando agora com a mais complicada modalidade de K-100, destinada a controlar o trânsito, fazer previsões de tempo e interpretar eletrocardiogramas.

O Cybertron prova ser um avanço importante na importante área das pesquisas — diz o Dr. Claude Shannon, professor de Ciências no MIT.

☆ ☆ ☆

SEMINÁRIOS DE GERÊNCIA E MARKETING

Com o apoio da SME-Sales & Marketing International dos EE.UU., acaba de ser instalado no Rio de Janeiro, pela Associação dos Diretores de Vendas, o CPG — Centro de Prática de Gerência e Marketing do Brasil.

O CPG reúne a experiência acumulada de mais de 30.000 executivos e de 240 entidades em todo o mundo, filiados ao SME (EE.UU.) e se constituirá num núcleo de desenvolvimento e aperfeiçoamento de nosso pessoal de gerência e marketing do mais elevado nível.

O CPG é administrado por um Conselho Consultivo formado pelos mais destacados dirigentes de negócios do País, por 6 comissões técnicas constituídas por gerentes profissionais altamente especializados e por uma diretoria executiva, órgãos estes que traçam os programas de desenvolvimento e educação de gerentes e determinam as diretrizes técnicas da entidade.

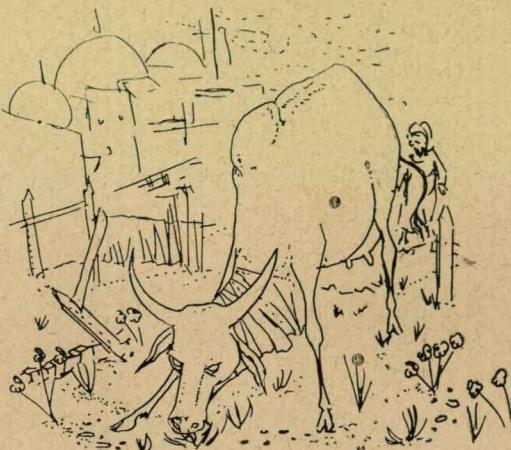
Conta com o apoio das nossas mais importantes empresas, e os gerentes e executivos de qualquer firma podem participar de seus programas.

A sede provisória do CPG é na rua México, 119, 15º andar, grupo 1.502, tel. 22-3476, Rio de Janeiro.

☆ ☆ ☆

Um homem obstinado não possui opiniões; antes, são elas que o possuem. — Alexander Pope.

NA ÍNDIA
QUEM MANDA
É A VACA



«Todo aquêle que matar uma vaca estará condenado a sofrer no inferno por tantos anos quantos forem os fios de cabelo do corpo do animal assassinado». — (Sagradas Escrituras dos Hindus).

A NOTÍCIA espalhou uma onda de horror em tôda a Índia. Os jornais hindus classificaram o fato como algo de altamente calamitoso. E qual o motivo dêsse alarme todo? E' que cerca de 200 vacas das indústrias que se encontravam num curral de repouso mantido pelo estado haviam morrido em consequência de alimentação deficiente. Ficaram aglomeradas em frágeis telheiros de bambu, mergulhadas no lodo e no estrume, até se transformarem em opulento pasto para os abutres.

Ao tomar conhecimento do ocorrido, o governo ficou grandemente embarcado e tratou de ordenar ao Secretário da Viação que removesse as restantes para aposentos mais confortáveis.

Verdade é que o Ministério da Agricultura passou a considerar o culto à vaca como um impiedoso sugador dos cofres públicos. Sem embargo, milhares de hindus continuam a afirmar que «a vaca é nossa mãe». A Índia é o país que possui o maior rebanho vacum do mundo. Seus 202 milhões de cabeças daquela espécie (quase um quarto do rebanho mundial) competem por alimentação com seus 400 milhões de habitantes.

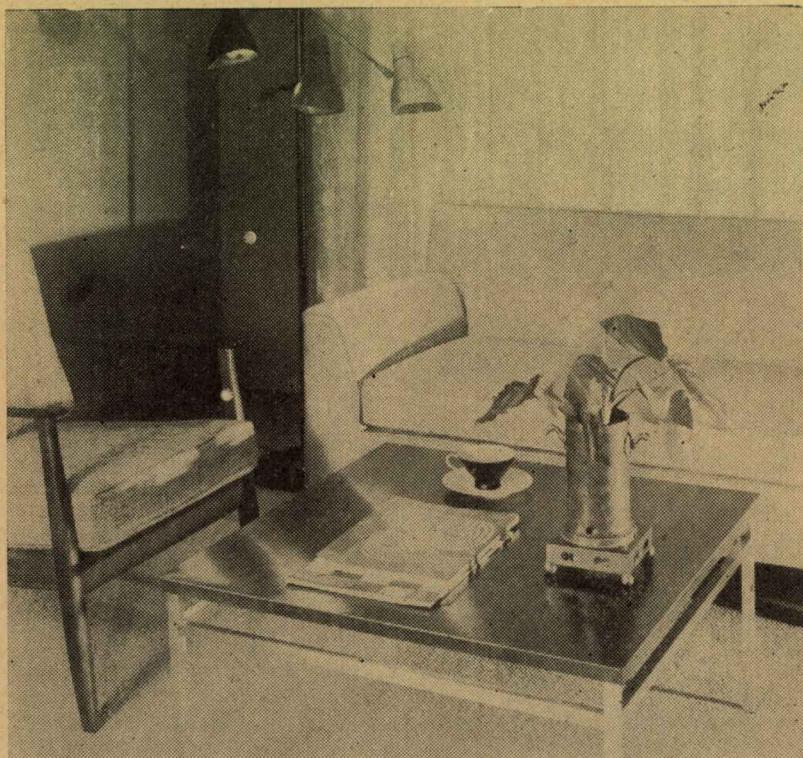
Em virtude de se recusarem os hindus devotos a matar vacas, milhares delas vivem em liberdade a perambular pelas aldeias e cidades, tirando partido de seu incontestável direito de cavoucar qualquer jardim ou de congestionar o tráfego, quando cismam de cheirar cestos de lixo, como acontece em Calcutá. Em algumas cidades menores, muitas pessoas humildes ainda são vistas acompanhando as vacas para apanharem e sorverem sua urina, na ingênua crença de que não existe outro líquido mais poderoso para a purificação do corpo e da alma.

Conquanto a tradição hindu proiba o abate do gado vacum, hindus progressistas defendem-na. Todavia, esta prática é francamente proibida em oito estados da Índia e reservada apenas a animais bem velhos em muitos outros.

De acordo com uma estimativa feita em Nova Delhi, 10% das vacas velhas e inúteis devoram o rendimento de 40 dos 300 milhões de acres cultivados.

— O homem come vacas em outros países, mas aqui, é a vaca que está comendo o homem — disse um líder progressista, sob o maior sigilo, evidentemente.

Clamando por mais dinheiro e por maior número de estabulos de repouso para as vacas, o próprio Nehru disse: — O Ocidente não cultua a vaca, mas cuida dela. Nós a cultuamos mas não cuidamos.



Um canto de sala aproveitado com bom-gôsto, onde predominam as reposantes cores claras. A mesinha em estilo moderno, e trabalhada em pau-marfim, o mesmo acontecendo com a cadeira que compõe o grupo. (Furniture Accents, Inc.).

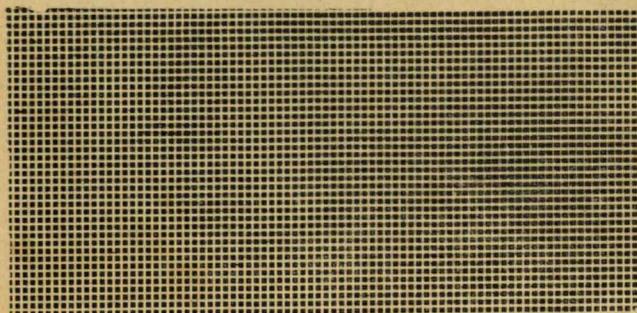
Bazar
Feminino

Um viva à elegância, com êste modelo trabalhado em «tweed» ou linho peruano. Decote redondo, muito em moda atualmente, mangas amplas e saia lisa. O fecho é colocado na frente, abaixo de dois botões cobertos. — Foto

Apla



Moda

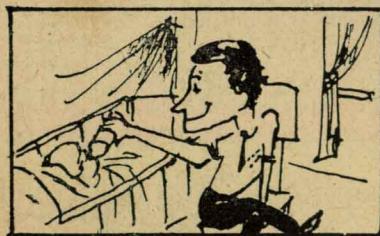




O vistoso modelo é composto de saia lisa contendo uma preguinha atrás, acompanhada de blusinha de jérsei em xadrez com decote ligeiramente quadrado e fechada atrás por um «clair».

B A Z A R

Salvai o vosso MATRIMÔNIO



SERIA possível traçar, para uso das pessoas que se unem diante de Deus e dos homens, um esboço dos reveses e perigos que ameaçam a instituição familiar? Um velho provérbio anglo-saxônico coloca em evidência o "seven year itch", isto é, o *prurido do sétimo ano*. Seria esta uma inquietude singular? Alguns estudos recentes, realizados pelo "Marriage Guidance Council", revelam que o prurido do sétimo ano não passa de uma fábula, coisa que acontecia aos nossos bisavós. Nos matrimônios hodiernos, as dificuldades e dissabores começam muito antes. Quando? Os conselheiros

matrimoniais da Inglaterra constataram nos últimos cinco anos um fato singular. Numerosos casais, dispondo de tudo para serem felizes, perderam a serenidade depois do nascimento do primeiro filho. O professor Harold Christensen, notável sociólogo, observou que milhares de casamentos falharam fragorosamente porque as esposas ficaram de tal maneira absorvidas pelo seu primeiro filho, que os maridos se sentiram *isolados e estranhos*, indo, em consequência, buscar simpatia e compreensão em outros lugares.

"Não se esqueça, jovem mãe"

CREME DE LEITE COMO COMPLEMENTO

AS frutas constituem, sem dúvida alguma, uma sobre-mesa popular. Mas, naturalmente, elas se tornarão mais apetitosas e convidativas, se acompanhadas por um delicioso creme de leite.

Experimente fazer esse creme, com as variações de sabor que lhe são permitidas, e prepare como a sobremesa ficará deliciosa.



— escreve um especialista em assuntos dessa natureza — "de que o seu marido necessita de conforto e de segurança, sobretudo quando você tem o seu dia ocupado pelas papinhas, fraldas e horários, a ponto de levá-lo a achar que não haverá nada mais além disto. De fato, não é agradável beijar uma mulher que esteja com os ouvidos em pé e os olhos arregalados, pronta para captar o menor movimento do neném. Em tais momentos, o marido tem a impressão de que você o considera um objeto sem valor, ao passo que o neném é qualquer coisa de especial e única".

Creme de Leite para frutas

2 copos de leite fervido
2 ovos
1/4 de xícara de açúcar
1 colher de chá de essência de baunilha
1 pitada de sal

Modo de fazer: Bata os ovos ligeiramente, adicione-lhes o açúcar e depois o leite quente. Leve a cozinhar, mexendo constantemente, até que a mistura fique bem condensada. Retire do fogo e adicione o sal e a baunilha, misturando bem. Gele antes de servir com frutas frescas.

A respeito dêste delicado problema, que por comodidade chamaremos a "insídia do recém-nascido", aqui vai a palavra do dr. A. J. Brayshaw, secretário do "Marriage Guidance Council".

— Antes de dar conselhos aos casais inexperientes ou infelizes, procuramos sistematizar as tarefas familiares. Cada jovem mamãe naturalmente fica encantada com o seu primeiro filho. Entretanto, não deve cometer o erro de se deixar absorver inteiramente por ele, senão o marido se sentirá desprezado, o que pode ser causa de profundas incompreensões. Se a mãe deseja salvar o amor do marido e a harmonia familiar, deve empreender um esforço consciente a fim de conservar em bom estado as relações físico-sentimentais, não obstante as múltiplas necessidades da criança.

Existe um sistema prático para superar a "insídia do recém-nascido"? A atriz Anne Rogers responde afirmativamente e dá as suas razões:

— Assim que o pimpolho chega — diz ela — a esposa deve levar o marido a colaborar nas mínimas coisas e fazê-lo compreender que a sua ajuda é de fato importante. Quando eu tive Timóteo, meu marido Michael (diretor de orquestra) ajudou-me muitíssimo. Preparava mamadeiras, passava fraldas a ferro, balançava o berço quando o garoto chorava em plena noite. Assim, Timóteo pertenceu a nós dois desde o seu nascimento, pela simples razão de que ambos nos ocupávamos dele. Michael jamais se sentiu estranho ou desprezado porque nunca lhe dei tempo para isto.

Como não apreciar estas esplêndidas idéias da senhora Anne Rogers? São as mesmas propostas pelos sociólogos do "Marriage Guidance Council". Muita gente duvida que os maridos latinos aceitem

passivamente a "afronta de lavar fraldas ou de fazer sopinhas" e alegam que tais planos são executáveis apenas na Inglaterra, onde os homens são os mais mansos e os mais educados do mundo. Entretanto, afirma o dr. Brayshaw que isto é apenas uma questão de tempo. Daqui a dez anos ou menos, também os latinos estarão emancipados do que ele chama de "complexo da vaidade viril", em favor da estabilidade conjugal.

As estatísticas demonstram, com sua árida eloquência, que existem motivos cada vez mais sérios que provocam as crises matrimoniais. O número dos divórcios na Grã-Bretanha superou a cifra dos 28 mil por ano, isto é, cerca de quatro vezes o número que se verificou antes da guerra. Por outro lado, o número dos casos "graves" de que se ocupa o "Marriage Guidance Council" na esperança de evitar posteriores divórcios também está em contínuo aumento. A Organização, fundada pelo doutor Herbert Gray, em 1938 "assistiu" a 12 mil casais em 1958, 15 mil em 59 e outros tantos no ano passado. O "Marriage Guidance Council" é formado por dirigentes e conselheiros voluntários e tem oitenta centros de assistência nas principais cidades inglesas.

Além do nascimento do primeiro filho, um outro motivo que leva os casais a recorrer freqüentemente ao "Marriage Council", para se orientarem na maneira de evitar uma ruptura, é a aproximação do quadragésimo ano de idade ou, a grosso modo, o período no qual os filhos, já crescidos, deixam a casa.

E' a esta altura que se produz um "vazio" nos hábitos e nos afetos dos "quarentões" e quanto mais a mãe tivar sido altruista e exemplar, tanto mais a partida dos filhos a deixará inconsolável. To-

davia, se a mulher não encontra forças para reagir à melancolia e "planificar" a velhice, o homem está pronto a procurar alhures os "últimos raios de alegria e de amor".

A terceira crise aparece com os sessenta anos, época em que o homem se aproxima da aposentadoria. Também nesse período a mulher deve ajudar o marido com uma inteligência positiva. Deve restituir-lhe a confiança em si mesmo; a vida não acaba para os que se aposentam. O mundo ainda se lhes apresenta cheio de descobertas, de docura. Que poderia fazer a esposa nesse caso? Simplesmente isto: discutir com o marido os planos futuros, não importa se caíeiros e modestos. Às vezes basta um jardim para encher uma vida. O importante é que o homem sinta que é "importante", que "deve viver", que sua esposa "depende dele". A vida a dois é uma arte difícil, uma arte que exige uma vida de trabalho. Freqüentemente, observam os sociólogos, as mulheres caem na ilusão de que para conservar os maridos tranqüilos bastam bons pratos e beijos afetuosos sábado à noite! Não! Exige-se muito mais. O homem moderno, sujeito à pressão da civilização contemporânea, tem necessidade de encontrar na esposa a "carga", a "barteria" das próprias ilusões frustradas.

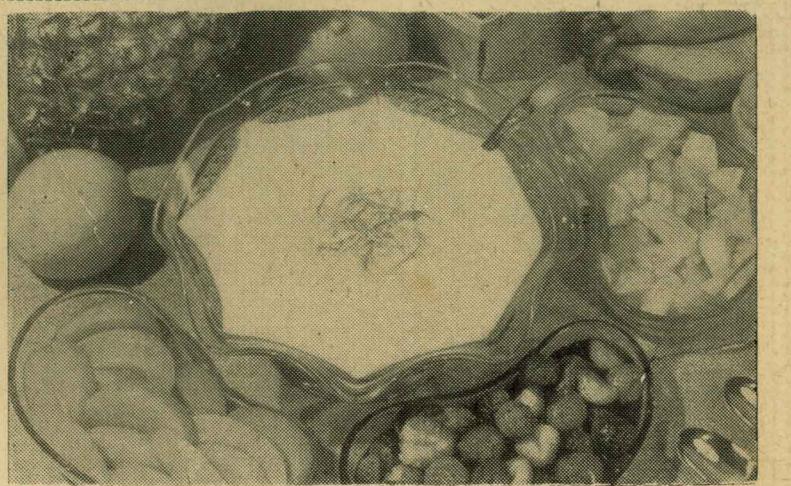
"O segredo para enteder o seu marido" diz uma psicanalista londrina "consiste em você retirar da cabeça a idéia de que é uma criatura, forte, segura de si e auto-suficiente. Pode ser que você pareça ser tudo isto, mas não é. Portanto, se deseja torná-lo feliz restitua-lhe cada dia a porção de confiança e de coragem; diga-lhe que acredita nêle. São três palavras milagrosas, que atuam melhor do que qualquer vitamina". — Nantas Salvalaggio.

Creme de Leite com Amêndoas

BASTA substituir a essência de baunilha da receita anterior por meia colher de chá de essência de amêndoas. Sirva com bananas, pêssegos, morangos e abacaxi.

Creme de Leite com Limão

UBSTITUA a baunilha da receita principal por uma colher de chá de essência de limão. Sirva com morangos, pêssegos e abacaxi.



João Racini

(Conclusão da pág. 9)

agradasse a forma porque Molière a pusera em cena, ou por outros motivos, Racine leva sua tragédia para o Hotel Bourgogne, que competia teatralmente com o Palais Royal, dando-se o caso extraordinário para aquêles tempos, de ser representada, por duas companhias rivais. Racine foi acerbamente criticado por esse ato, que constituía uma evidente ofensa a Molière, a quem devia muitos favores. Mas isto serviu apenas de preâmbulo ao drama da vida de Racine.

Figurava na companhia dirigida por Molière, uma elegante e bela atriz de nome Duparc. Muitas coisas se têm dito sobre as relações de Molière com a artista, inclusive que a cortejava com entusiasmo juvenil.

O jovem Racine, não só levou sua peça ao teatro rival, como arrastou também, com ele, a atriz Duparc, por quem nutria grande amor. E um abismo enorme abriu-se entre os dois amigos.

Como é de prever, a Duparc tinha ainda outros admiradores, não menos célebres; La Fontaine e Corneille. Ao que parece, este último foi posto à margem por ser velho. E o poeta vingou-se com estes versos intencionais.

"Marquise, si mon visage
A quelque traits un peu vieux
Souvenez-vous qu'à mon age
Vous ne vaudrez guére mieux"

Foi veemente a paixão de Racine, e não seria difícil descobrir em suas tragédias, mais de uma cena inspirada no seu arrebatamento pela formosa artista. Tem-se dito que Racine, em "Andrómaca" cantou sua paixão. É possível. A cada passo surgem versos que traduzem as torturas de sua alma, cheia de dúvidas e ciúmes.

"Ah! ne puis-je savoir si j'aime ou si jehais?"

E' explicável a desesperação de Racine, pois a Duparc, segundo todos os testemunhos, era uma mulher infiel e leviana, galante e sedutora. Não é de admirar portanto, que algumas cenas de "Andrómaca" sejam o comentário angustioso do que realmente se passava entre o poeta e a artista. "Andrómaca" foi representada em princípios de 1668.

Meses depois, inesperadamente, morria Duparc em circunstâncias misteriosas.

Nos anos que se sucederam de 1668 a 1677, escreveu Racine uma série de obras imortais. Em 1679, depois de concluída a tragédia "Fedra", resolve subitamente abandonar o teatro profano e entregar-se a uma vida mais sossegada, pondo em prática os ensinamentos obtidos em sua juventude. Esta insólita reviravolta coincide com a abertura do processo conhecido como a "questão do veneno", na qual Racine, por acusação de certa Voisin, aparece seriamente comprometido.

Para dar uma idéia da repercussão que este caso teve na opinião pública, bastará saber que a atriz Chammeslé recusou-se a recitar os seguintes versos de "Fedra".

"Je confesserai tout, exil, assassinat,
Poison même!"

Mas seria realmente esse processo a determinante resolução de Racine? Teria mesmo alguma coisa com o poeta a misteriosa morte da Duparc? Seria difícil descobrir a verdade. Seria esse o enigma da mudança brusca do poeta? Para o violento e notável crítico Brunetiére não há dúvida nenhuma: — "A ver-

dadeira razão — diz ele — a única e poderosa razão é que Racine tremeu de medo quando a revelação do terrível "caso" pôs em evidência todo o horror de um mal que se sentia cúmplice".

A afirmação é bastante precisa. É possível que o severo crítico, para emitir juízo tão grave, se tenha apoiado nas declarações da Voisin e de Gorle, ambas muito comprometedoras para Racine. É possível, também, que tenha tido presente a nota enviada ao juiz, pelo ministro Louvois, no seguinte teor: "As ordens do rei, necessárias para efetuarem a prisão do sr. Racine, vos serão remetidas tão logo que as recequeirais".

Vejamos agora a opinião dos que não concordam com a acusação fulminante de Brunetiére. Um biógrafo de Racine escreve: "Como provar, ao cabo de doze anos, que a Duparc morrera envenenada?"

Não se pôde efetuar um exame cadavérico que surpreendesse vestígios de veneno, nem se pôde estabelecer as circunstâncias em que Racine poderia ter envenenado a moça. Como esclarecer tudo isso numa época em que a ciência médica era tão incerta e obscura?

Por outro lado, o móvel do crime não aparece mais claramente. Ciúmes? Não basta dizê-lo. Mas, se o ciúme pode, às vezes, ofuscar a razão até certo ponto, sob a pressão violenta da ira, em compensação, não se satisfaz matando lentamente com doses de peçonha, que supõe cálculo e premeditação. É o próprio Racine que assevera neste caso:

"S'il ne meurt aujourd'hui, je puis l'aimer demain".

Que prova subsiste, então, contra o grande trágico? O testemunho da Voisin, bruxa sem escrúpulos e perfida, conforme houve quem afirmasse.

Outros críticos, como Lamaitre, Funck-Brentano, etc., embora não aceitem totalmente essa acusação orientória contra o poeta, são de parecer que o processo em questão foi a causa da estranha resolução de Racine.

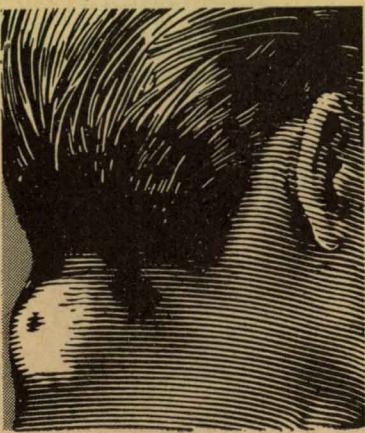
Funck-Brentano ainda vai mais longe. Para ele não haveria dúvida quanto à cumplicidade de Racine, se a acusadora tivesse declarado: "Eu vendi a Racine o arsênico para envenenar a Duparc".

Outra versão ainda, e talvez mais verdadeira: A Duparc achava-se em estado interessante; e como a maternidade fosse importuna, tudo fizera para evitá-la. A seu pedido intervieram as mulheres práticas, com ou sem autorização de Racine. E o que fizera para resolver a situação é impossível verificar".

Em resumo, são muitos os biógrafos que opinam que o suposto enigma da vida de Racine não passa de uma desprezível balela, tão fantástica como admissível. Os que assim se expressam recordam os antecedentes religiosos de sua educação e os incessantes pedidos de sua tia.

Mas o que é certo e inexplicável, foi que aos 37 anos de idade, em plena mocidade, quando toda gente esperava de seu gênio obras que aumentassem sua já imensa glória, João Racine, resolve, bruscamente, abandonar o teatro profano.

A esta determinação violenta, de ordem intelectual, segue-se outra de ordem privada e moral, vivendo como um recatado burguês. Que teria havido para motivar mudança tão insólita e imprevista? Até hoje os biógrafos estão procurando a resposta exata, sem poder encontrá-la. — Roberto Moura Torres.



V-6-B

Furunculoses

Eczemas, Úlceras das pernas, Crostas de leite
Curas garantidas em 65 países de todo o mundo.

Com sómente 4 a 6 semanas de tratamento F-DIVA (cápsulas e pomada) consegue-se mesmo em casos rebeldes de eczemas, furunculoses, crostas de leite e úlceras das pernas, resultados surpreendentes.

F-DIVA não é um remédio sintético, mas um concentrando de substâncias nutritivas naturais que a medicina reconheceu como indispensáveis à saúde da pele. Mesmo aos recém nascidos F-DIVA pode ser aplicado.

Quase em todos os países do mundo, da Argentina ao Canadá, da Finlândia a Portugal, os produtos suíços F-DIVA (nos outros países sob o nome VITAMINA F-99) tornaram-se conhecidos no combate às doenças da pele, graças à sua eficiência comprovada.

Tratamento combinado .

① Uso interno : 1 cápsula F-DIVA diariamente favorece a cura de dentro para fora (para os recém nascidos recomenda-se gotas).

② Uso externo: Diariamente uma aplicação de pomada F-DIVA atua diretamente sobre a pele afetada e ajuda na obtenção de um efeito rápido.

Exija expressamente o tratamento combinado F-DIVA (cápsulas e pomada) nas farmácias e drogarias.

**Peça Folheto ilustrado grátis ao
Dep. A 1 à C. Postal 5.003 S. Paulo**

F-Diva

**Fabricado sob licença F-99 dos
Laboratórios Diva S.A.-Zurique-Suíça**

«O amor de mãe redime,
salva e encanta: o
amor de mãe é
o verdadeiro amor».

Eu direi o teu nome, ó minha Mãe, às águas livres do rio que me acalentava a infância inquieta: e o rio aumentará o volume das águas que os rios também choram quando sofram.

Eu direi o teu nome às ruínas da nossa casa onde espalhaste o bem da tua misericórdia: e ouvirei repetida em cada pedra do caminho a aleluia cristã do teu nome sonoro.

Eu direi o teu nome à igreja humilde e pequenina do nosso bairro pobre e o sino compassado teu nome levará além do céu sem raias nas asas ágeis das andorinhas viajeras.

Eu direi o teu nome às barcaças que levavam os pretos cativos e do fundo delas surgirão, um a um os vultos desgraçados arrastando-se de joelhos para beijar-me as mãos.

Eu direi o teu nome às árvores, às casas, a tudo que deu alma e vida e sonho à nossa vida; e quando voltar, sentirei minh'alma aliviada do peso dessa dor que vem da tua falta. (Olegário Mariano).

☆ ☆ ☆

De Vargas Vila — Ah! se alguém pudesse exprimir o que diziam em seus alvos silêncios, aquelas mãos! Mão macias, mãos graves, mãos suaves; luminosas como um astro! Brancas mãos de alabastro, que pousáveis em minha fronte de criança; o arminho de vossa frágil epiderme ainda perdura como nuvem de algum âmbar extra-humano, projetada na tristeza de minha alma; cada uma dessas mãos foi, em meu braço, como uma suave asa cariçosa; uma rosa a cuja sombra eu adormecia; oh! minha mãe! de tuas mãos os arcanos desceram até mim! e eu existi; pelo Santo mistério dessas mãos.

☆ ☆ ☆

Não pude dizer nada, mas estava tão acostumada a me preocupar com os filhos que me parecia estranho ver os filhos se preocuparem comigo. (Hellen Grace Carlisle).

De Michel Quoist — Minha Mãe, o nome dela é Maria, diz Deus. Sua alma é tóda pura e cheia de graça. Seu corpo é virgem, e mora nela uma luz tão radiosa que, na terra, não me cansei jamais de fitá-



LEONOR TELLES

la, e ouvi-la, admirando-a. E' linda, minha Mãe, tão bela, que deixando os esplendores do Céu, ao lado dela não senti saudades. No entanto diz Deus, eu sei o que é ser carregado pelos anjos e, pois bem, não vale nem de longe os braços de u'a Mãe, podem crer.

☆ ☆ ☆

Quando amanheci para a vida, sem fulgor, minha luz estava em ti. Quando entardeci para a vida, sem manhã, meu caminho estava em ti.

Numa noite pesada como todas as angústias, partiste abruptamente, inesperadamente.

Minha luz e meu caminho se apagaram.

Hoje, quando penso nos teus olhos claros, quando te revejo, Mãe, na minha tristeza que é um pouco da tua tristeza sem motivo, sinto que te aproximas de mim na luz que vem do céu, no ar que respiro. E minhas mãos venosas, tão leves como as mãos pequeninas de outros

tempos, estendem-se vazias para o espaço na procura inútil dos teus braços... (Manoelito de Ornellas).

☆ ☆ ☆

Gracielle Salmon — Preces por ti, ó Mãe, não, eu não faço, que pelas mães a Virgem Santa pede. Ela é quem sabe de todo cansaço, é a Mãe das Dores quem as mágoas mede.

E' Ela só quem te sustenta o braço se a prosseguir já a fadiga impede, e pondo, Mãe, carinho em teu abraço, também aos beijos teus ternura cede.

Pedir por ti? se és tu minha oração! Santa, que trago no meu coração, que nunca recrimina, só perdoa. A seguir-te de joelhos, como vida, tenho a alma a rezar: "Santa querida, Mamãe, Mamãe, ó minha Mãe tão boa".

☆ ☆ ☆

Mamãe, preciso dizer-lhe como a admiro e amo, embora o expresse pouco e mal. Um amor como o seu é de uma tal firmeza que acho que é preciso muito tempo para compreendê-lo. Mamãe; é preciso que eu o compreenda melhor cada dia, e que você receba a recompensa de sua vida dedicada a nós. Tenho-a deixado demais na solidão. E' preciso que eu me torne um grande amigo para você. (Antoine Saint-Exupéry).

☆ ☆ ☆

De W. H. Hudson — Mamãe, mamãe — murmurou com voz baixa, mas com súbita animação. — Mamãe morreu. Seu corpo está debaixo da terra e se transformou em pó, assim... — e remexeu de novo a areia com o pé nu. — Sua alma está lá em cima, onde estão as estrelas e os anjos, vovô disse... Eu estou aqui, não estou? Mas eu falo com mamãe, apesar disto. Tudo que vejo eu lhe mostro, e lhe falo, durante o dia na mata, quando estamos juntas. E, à noite, quando me deito, cruzo os braços no peito, assim, e digo: mamãe, você está nos meus braços, vamos dormir juntas. Às vezes eu pergunto: Mamãe, por que nunca me responde quando eu falo com você? Mamãe! Mamãe!...

☆ ☆ ☆

Minha mãe! Tenho visto nesta vida, mãos de seda, suavíssimas, fidalgas, mãos cativas, libertas — mãe querida! e mais leves que a dança azul das algas.

Mãos latinas ou gregas, mãos talhadas de uma argila especial, divina e fria, mãos que inveja não causam — quem diria? — a essas mãos pequeninas e cansadas.

Eu desejo essas mãos na hora da morte, apontando-me a Pátria Eterna — Deus! Pondo a última luz no último Norte... Muito mansas, fechando os olhos meus. (Mercês Maria Moreira).



TESTES PROVARAM!

Com 3 bons punhados de
NOVO OMO, V. lava até
40 camisas ou 12 lençóis
de casal. Nenhum outro
produto rende tanto!

NOVO OMO
lava montanhas de roupas
no mesmo molho e
dá brilho à brancura!

NOVO OMO é diferente — é o mais aperfeiçoado detergente que existe! 3 bons punhados formam um molho de espuma abundante, que lava montanhas de roupas e dá brilho à brancura! Lave com NOVO OMO — para maior limpeza e maior economia!



“Brilhe” como dona-de-casa!

Modernize, econômicamente, seu sistema de lavar roupas.

Mude hoje para NOVO OMO, o moderno detergente!



EUCLIDES M. ANDRADE

Livros
e Letras

Os desertos, de RICARDO RAMOS

RICARDO Ramos estreou em 1954 com "Tempo de Espera". Os críticos notaram sua entrada na ficção, o que era bom sinal. Depois, veio "Terno de Reis", sempre no mesmo gênero, contos. Agora, ainda no território das histórias curtas, Ricardo Ramos nos oferece "Os Desertos", livro que as "Edições Melhoramentos" acabam de entregar ao público, conforme noticiamos na edição anterior desta revista.

Nesse novo trabalho, o contista aproveita algumas composições inseridas em suas obras anteriores, ao mesmo tempo que nos entrega contos de densa poesia como "Mangueiras ao Vento" e outros. Ricardo Ramos é um escritor que merece de fato esta qualificação. Seu estilo é enxuto, e ele sabe penetrar naquela camada que fica um pouco além das aparências. Este nos parece seu maior mérito. Sua sensibilidade não paira na superfície; anda, vibrável e com a força de uma antena, por entre aquelas coisas simples que escondem muitas véses a substância de uma pessoa e de um acontecimento. O criador de Valdo tem olhos para apreender essas coisas, e isto é bom.

Percebe-se às véses em algumas de suas histórias aquelle hiato, onde sentimos que o artista está apenas manufaturando, e não criando no sentido melhor da palavra. Mas qual o escritor, por grande que seja, que não navega nessa águas?

Não há dúvida, pois, que Ricardo Ramos, com os "Os Desertos", vem consolidar sua merecida inclusão entre os bons contistas brasileiros.

A DIFUSÃO Pan-Americana do Livro lança mais um trabalho de Silveira Neto; trata-se de "O Estado e o Poder", ensaio com que o jovem professor conquistou, ano passado, a livre docência de Teoria Geral do Estado, na Faculdade de Direito da Universidade de Minas Gerais.

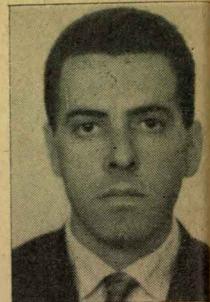
Certos autores que se intitulam ensaistas, mas que apenas alinhavam estações, deveriam percorrer os capítulos de "O Estado e o Poder" para surpreender em suas páginas aquela clareza, aquela precisão de linguagem e aquela sobriedade que vincam esta obra de Silveira Neto, lembrando os bons ensaistas franceses.

Neste trabalho, o autor, mais do que em obras de ficção, domina inteiramente seu instrumento de trabalho. Sente-se que seu elóquio flui, sereno e leve, fazendo com que a leitura da obra, ao lado da síntese e da substância cultural que proporciona, entregue ao leitor aquela alegria que Nietzsche dizia sentir quando deparava com um livro onde havia a presença de um verdadeiro estilo.

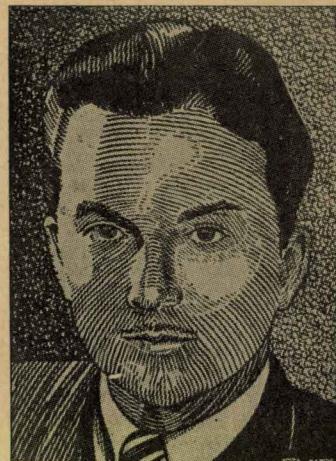
Temos lido Silveira Neto e nunca encontramos tanto sabor em sua elocução quanto neste "O Estado e o Poder". E' por isto que o recomendamos aos leitores de "Livros e Letras"; fazendo antes uma referência indispensável à Difusão Pan-Americana do Livro que, graças ao talento e à coragem de editor Luís Domingues, tem oferecido obras de valor ao público brasileiro.

SILVEIRA NETO

O
ESTADO
E O PODER

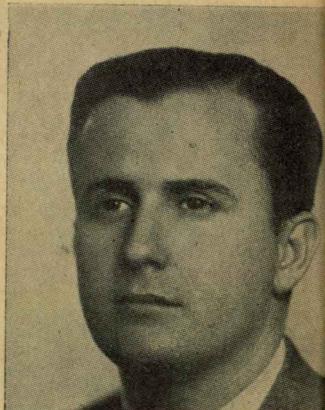


J. G. DE ARAÚJO JORGE



LUIZ OTÁVIO

O Trovador do Brasil



NAO há no Brasil quem não conheça Luís Otávio — quase se pode afirmar isto, tal a penetração desse legítimo trovador entre o nosso grande público. Revistas e publicações as mais variadas estampam sempre uma pequena composição de Luís Otávio. Ele já se tornou mesmo — por uma espécie de escolha tácita do público brasileiro — um autêntico trovador de nossa terra.

Isto se justifica, pois Luís Otávio sabe aprisionar como ninguém, nos quatro versos de uma trova, muita substância e muito lirismo.

Agora, a Vecchi acaba de lançar de sua autoria "Cantigas de Muito Longe" e "Trovas", em volumes com formato de bolso e bem cuidada capa. Nesses trabalhos senti-



MARIA CLARA MACHADO

ALTEROSA

mos tôda a fôrça emotiva de Luiz Otávio. Há quadras, mesmo, que são verdadeiras obras primas no gênero, como esta, por exemplo: "Que sina, que padecer/ foi a Sorte aos cegos dar:/ — Não ter olhos para ver/ e tê-los para chorar..."

Em "Trovas", já em 3.ª edição notando-se que a primeira não é tão antiga assim, o que prova a boa divulgação de seus livros, todas as composições são traduzidas para o francês por Osmar Barbosa. O tradutor foi feliz, conseguindo levar para a língua de Molière, muito daquela substância poética que se encontra nas felizes criações de Luiz Otávio.

J. G. de Araújo Jorge e Luiz Otávio são, aliás, os organizadores da "Coleção Trovadores Brasileiros" iniciativa coroada de êxito que a Vecchi vem mantendo já há muito tempo. Nas próximas edições desta revista trataremos das "100 Trovas", de Adelmar Tavares, que é o volume n.º 5 desta coleção e, em seguida, do livro de Waldemar Pequeno.

Um Velho

Jornalista

CONHECEDOR da literatura inglesa, e dos problemas estéticos em geral, J. Guimarães Alves é ainda um dos nomes mais representativos do jornalismo mineiro. Militando na imprensa há mais de duas décadas, movimenta-se em um jornal com absoluta desenvoltura, desde a "cozinha" até os editoriais, bem como nas oficinas e até mesmo na "clichérie".

Não é, pois, surpresa para ninguém, sua brilhante gestão à frente da Imprensa Oficial, onde o Governador Magalhães Pinto o colocou muito acertadamente. Os números falam bem eloquientemente sobre o que tem sido sua atividade à frente daquela repartição.

A informação que desejamos transmitir aos leitores a respeito de Guimarães Alves é bastante auspíciosa para os apreciadores da boa literatura: ele já tem, inteiramente prontos, os originais de três livros de poemas e material ainda para alguns volumes de ensaio. Nossos editores, que entregam ao público tanto autorzinho "bas-bleu", naturalmente se interessarão por esses trabalhos, embora Guimarães Alves tenha nos informado que não pensa em publicar por ora, essas suas criações.

Valeriano e a Academia

O POETA Valeriano Rodrigues, que o público se acostumou a admirar, desde o lançamento de "Azul e Branco", vem dando extraordinária vibração à "Academia de Trovas" de Belo Horizonte. Reunindo cultores dos mais representativos desse gênero — que está na alma e na admiração do povo — Valeriano Rodrigues conseguiu, com sua iniciativa de fundar uma associação de trovadores em Minas, marcar um tento positivo em sua carreira de homem de letras.

O Mundo da Criança

"O MUNDO da Criança", em 15 volumes farta e cuidadosamente ilustrados, em apresentação da Editôra Delta S/A, vem sendo uma fonte de alegria para aqueles que vivem ainda no mundo encantado da infância.

O trabalho trata, em linguagem adequada ao mundo infantil, das artes, da natureza, da ciência, da música e de vários outros temas de permanente interesse.

Poesias Singelas

TULLIO de Castro publica em Jaú, "Poesias Singelas", livro onde canta as belezas de sua cidade, em rimas eivadas de emoção.

Antigo professor e inspetor de ensino, Tullio de Castro consegue reviver nesse seu trabalho muito dos encantos da bela cidade paulista.

O Mundo e os Megatons

OS leitores de ALTEROSA já conhecem bastante Cosette de Alencar e sabem que ela consegue levantar, com uma palavra, um mundo de emoções. Acostumados com o manso lirismo do saudoso Gilberto de Alencar, dessedentam-

se agora com a sensibilidade de Cosette.

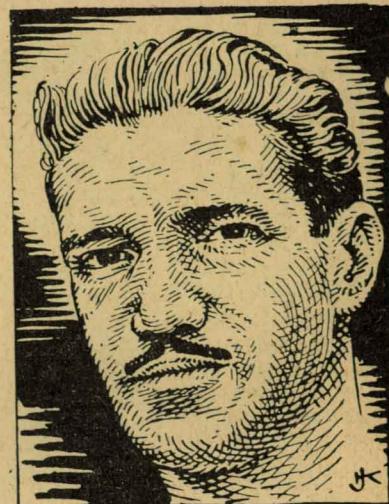
Na edição de dezembro, por exemplo, a cronista de Juiz de Fora abordou como ninguém o tema que tanto preocupa o mundo de hoje: o problema das explosões nucleares. Do medo ou da inquietação — que certos jornalistas bizarros fazem questão de aumentar com suas reportagens exageradas — ela extraiu lirismo e poesia. Não fugindo à realidade, ou fechando os olhos às coisas que acontecem, mas, pelo contrário, abrindo-os bem e conseguindo ver aquela "verdade da inocência", no bôjo da qual Charles Morgan levantou tôda sua obra.

LIVROS NOVOS

EDIÇÕES AGIR — A Livraria AGIR Editôra acaba de lançar: "Educar Para a Responsabilidade", de Maria Junqueira Schmidt, com 328 páginas e que está sendo vendido a Cr\$ 350,00. É um livro que propõe ao Pai, ao Mestre, ao Animador da educação popular, uma visão humanística da tarefa formativa. Da mesma editôra, vem de aparecer "O Natal na Praça", na Coleção Teatro Moderno, de autoria de Henri Chéon; "Teatro" ("Cavalinho azul", "O Embarque de Noé" e "A Volta do Camaleão Alfase") de autoria de Maria Clara Machado, com capa de Fernando Gerardo e fotografias de Carlos; e "Uma Face nas Sombras", romance de Paulo Novaes e Capa de Maria Helena Souza Freitas.

Edições Vecchi — Últimas edições da Vecchi: "São Francisco de Assis", de G. K. Chesterton, lançado

(Conclui na pág. 55)



J. GUIMARÃES ALVES

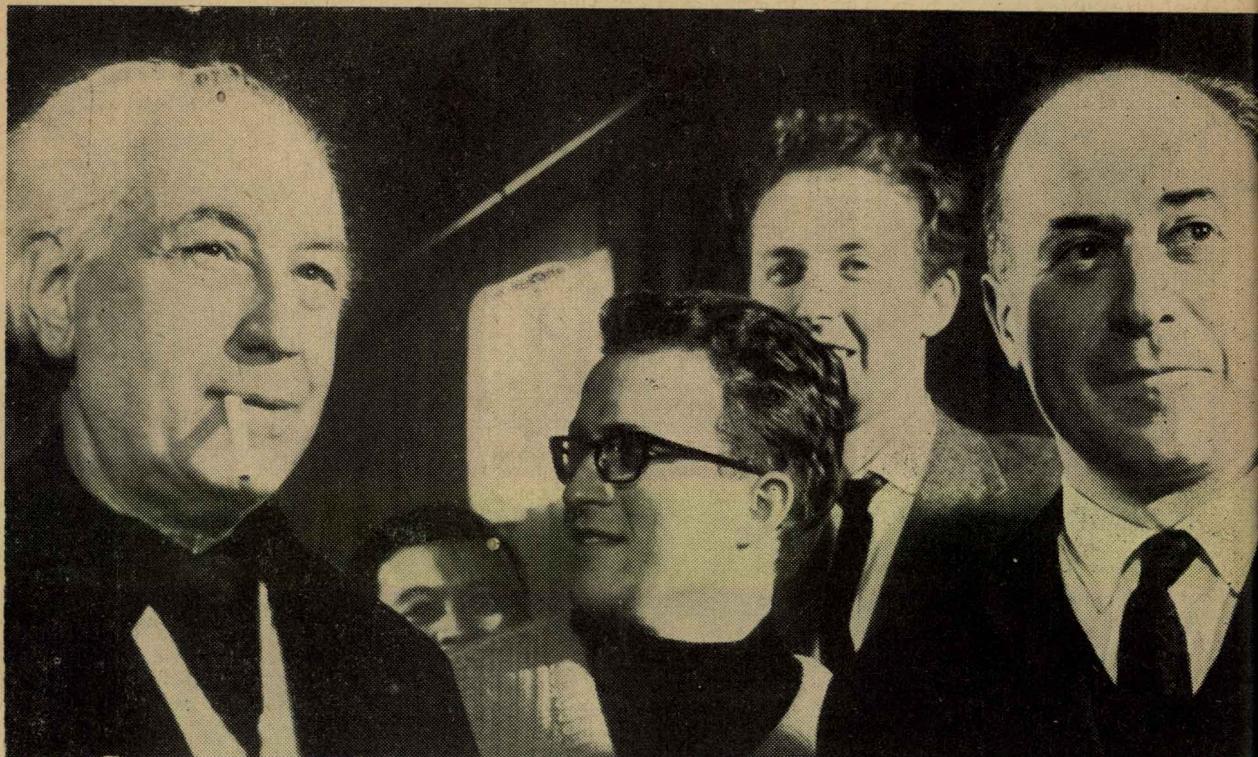
PARIS (Via Panair) — Durante meio século de existência, a sétima arte passou por muitas peripécias e só agora começa a ser uma arte madura, adulta, com sua história e seus historiadores próprios.

Uma das grandes universidades europeias acaba de criar a primeira cátedra de história do cinema, que será ocupada por um conhecido crítico cinematográfico

estudantes de mais de cinqüenta países, entre os quais o Brasil figura (quantitativamente) em quarto lugar, após a própria França, os Estados Unidos e o Egito.

Como todos os institutos de estudos superiores existentes na França, o IDHEC é um organismo universitário, com estrutura e programa sólidamente definidos. Sob a presidência do grande cineasta Marcel l'Herbier e sob a

tagem-script, som, câmara e cenografia. As provas vestibulares para cada uma dessas seções são diferentes: para as seções de cenografia, som e tomadas de vista são exigidos, dos alunos franceses, diplomas das Escolas Nacionais de Belas Artes, Engenharia e Fotografia, respectivamente; para todas as seções é necessária a posse da sessão dos dois «baccalauréats», que correspondem no Brasil aos



O famoso cineasta francês Abel Gance em visita ao IDHEC, em companhia do diretor Rémy Tessonneau, em meio a um grupo de alunos.

co — , seus institutos de altos estudos com métodos de ensino adequados no campo técnico assim como no artístico, sua legislação, seus acordos e convênios internacionais — sua «bossanova» revoltada contra tudo aquilo que, para as gerações precedentes já se tornava tradição, convenção, regulamento tácito aceito sem contradições.

Entre as capitais do Velho Mundo, Londres e Moscou possuem verdadeiras «universidades» do filme, e Paris criou, em 1944, um Instituto de Altos Estudos Cinematográficos (Instituto des Hautes Etudes Cinématographiques = IDHEC), que hoje em dia é a melhor escola superior de cinema na Europa, freqüentada por

dinâmica administração do sr. Rémy Tessonneau, secundado pela sra. Françoise Nicolas, o instituto acha-se agora em fase de franco desenvolvimento, contando no seu corpo docente nomes de primeira ordem, tais por exemplo o realizador vanguardista Jean Mitry e o historiador de cinema Georges Sadoul, além de muitos outros.

Em 1947 foi criado, no Lycée Voltaire, um dos mais antigos e afamados da Capital francesa, um curso preparatório para os exames de admissão ao IDHEC. Cérc de quarenta novos alunos estão sendo admitidos anualmente no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos que possui seções de realização-produção, mon-

diplomas de ginásio e do colégio clássico ou científico. Para candidatos estrangeiros, há, além dos diplomas nacionais equivalentes, um exame de cultura geral, técnica e intelectual.

De mais ou menos, quarenta candidatos franceses que se apresentam cada ano para o exame de admissão à sessão realização-produção, seis apenas são admitidos. Dos cérc de trinta jovens que procuram admissão às outras sessões, menos de metade consegue matrícula. Entre os candidatos estrangeiros há também rigorosa seleção. O ano letivo começa em novembro, indo até junho; em outubro, há conferências de introdução, de caráter facultativo.

Cada aluno estrangeiro deve as-



Formado no IDHEC em Paris, Francisco de Assis Villela Neto está hoje na primeira fila dos jovens cineastas brasileiros. Aqui está êle com a barba que deixou crescer para fazer um papel numa fita francesa.

A NOVA BOSSA DO CINEMA NACIONAL ESTUDA EM PARIS

OLGA OBRY
(Especial para «ALTEROSA»)

A trágica cena final do filme «Ritmo», que Villela Neto realizou no IDHEC.



Bossa Nova



sinar com o IDHEC um compromisso de honra, obrigando-se a não exercer a profissão na França durante um período de doze anos, contados a partir do encerramento do curso, cuja duração é de dois anos de estudos intensivos, com média de 30 horas de aulas por semana. As exigências são particularmente rigorosas na seção de realização-produção que conta o maior número de técnicas diversas e implica em

grandes responsabilidades. O Governo francês proporciona bolsas de estudos aos alunos nacionais e estrangeiros, cujo valor é de 130 NF para os primeiros e de 450 NF para os últimos. Estes são selecionados pelo Ministério das Relações Exteriores.

Uma média de 75% entre os estudantes franceses e 66% apenas entre os estrangeiros chegam ao fim dos dois anos de estudos. Quase 700 alunos foram diploma-

dos desde a fundação do Instituto. Entre os diplomados estrangeiros, oriundos de 57 países, os brasileiros ocupam, com uma dezena de bons elementos, lugar de destaque. O diretor Rémy Tessonneau caracterizou a equipe brasileira de cineastas com as seguintes palavras: «Eles detestam a teoria e muitos são péssimos nesse setor, mas eles pegam o cinema no ar... O conjunto de filmes brasileiros realizados no IDEHC talvez seja o mais representativo da nossa escola».

O sr. Tessonneau pretende criar um centro experimental post-escolar que proporcionaria cada ano a um antigo aluno francês do IDHEC a possibilidade de realizar um filme de longa metragem; tal prática, aliás, já existe no Instituto paralelo de Moscou, onde os cineastas merecedores de tal distinção são nomeados por concurso após o término de seus estudos.

Entre os cineastas da nova bossa francesa que passaram pelo IDHEC, citamos Alain Resnais (*«Hiroshima, mon amour»*), Louis Malle (*«Les Amants»*, *«Lazie dans le Métro»*), Albert Lamorisse (*«Le Ballon Rouge»*). O Ministro Paschoal Carlos Magno que visitou o IDHEC quando esteve de passagem em Paris, e assistiu à projeção de filmes de alunos brasileiros, manifestou o desejo de fundar, na sua *«Aldeia»* de artistas, uma escola de cinema nos mesmos moldes, e um estúdio para produção de filmes de jovens cineastas patrios. Entre aqueles que se formaram no IDHEC, alguns,



O tunisiano Ben Salem, aluno do segundo ano, fazendo a «mise-en-scène» de um filme no estúdio do IDHEC.

aliás, já se tornaram conhecidos entre nós: Rodolfo Nanni, Martins Gonçalves, Bernardo Grossmann, Marcos Marguliès (cujo «Descobrimento do Brasil» é um documentário premiado), Rui Guerra, Eduardo Coutinho, Villela Neto. Outros — Carlos Alberto Souza Barros, Trigueirinho Neto, Gerson Tavares, saíram do Centro Cinematográfico de Roma.

Francisco de Assis Villela Neto escolheu, para a fita que apresentou nas provas de fim do curso do IDHEC um conto de Charlie Chaplin, breve e trágico: «Ritmo», fazendo dele a adaptação, o roteiro e a realização. O crítico cinematográfico do «Estado de São Paulo» Novais Teixeira qualificou este trabalho como «esforço honesto e exercício escolar brilhante», acrescentando: «Com sobriedade, medida exata de tempo e espaço, Villela Neto imprimiu clima e ritmo ao seu «Ritmo». Mais um novo cineasta de Paris para o Brasil». A história é a de dois amigos que, por força dos acontecimentos políticos na Espanha de 1940 tornam-se inimigos — um condenado à morte, outro comandante do pelotão de execução. O ritmo imprimido aos seus gestos e palavras arrasta-os consigo até ao de-

senlace fatal, sem que ninguém tenha culpa nem vontade de matar.

Villela Neto voltou ao Brasil com grandes projetos, com entusiasmo e ternura, com conhecimentos técnicos sólidos, com imensa vontade de trabalhar em prol do progresso do cinema nacional. Continua lutando contra a indiferença e a rotina, tal Dom Quixote contra os moinhos de vento. Vencerá? Ou terá que se conformar com o provérbio de que «santo de casa não faz milagre»? Com «Orfeu Negro», o cineasta francês Marcel Camus trouxe a prova de que um filme de assunto brasileiro, com atores brasileiros falando em português dentro da paisagem carioca é capaz de conquistar o mundo. Mas, convém não esquecer que também «O Cangaceiro», fita cem por cento brasileira, obteve enorme êxito na Europa, com todo o mundo assobiando e cantarolando a «Mulher rendeira». Sem dúvida, é preciso ter muita paciência, muita fé, muita perseverança. Mas, sem dúvida também, o «slogan» da Loteria Nacional serve igualmente para o cinema nacional e sua bossa nova: Seu dia chegará!

•

LIVROS E LETRAS

Conclusão da pág. 51

agora em 4.^a edição, em tradução de J. Carvalho. «Olhos Inesquecíveis», romance de Luciana Peverelli. «Nós Dois, Sós...», romance de Paolo Emilio D'Emilio, traduzido por Galvão de Queiroz; «Peixes e Outros Produtos do Mar», um novo manual culinário de Maria Sibyllia, profusamente ilustrado, ensinando o preparo e saborosos pratos à base de peixes e outros produtos marinhos.

Edições Melhoramentos — R. A. Freundenfeld, é o autor do volume de 116 páginas, intitulado «O Aleijadinho» e fixando o homem e sua obra num luxuoso livro-álbum de fotografias, lançado agora em 3.^a edição, pela Melhoramentos.

ANTOLOGIA PONTAGROSSENSE

QUARENTA poetas de Ponta Grossa comparecem com sua inspiração e sua sensibilidade nessa «Antologia Pontagrossense», organizada com muito bom gosto por Ribas Silveira.

De maneira geral, o nível dos trabalhos apresentados é satisfatório. Apresentam-se com suas criações os seguintes autores: Augusto Rocha, Antônio Araújo, Maria Cândida de Jesus, Mário Xavier, Fidélis Alves, Hugo Borja, José Cardoso, Deodoro Quintiliano, Anita Philipowski, Ribas Silveira e muitos outros.

EPOPEIA DA CRUZ VERMELHA

NUMA edição da Melhoramentos, está sendo lançada agora a biografia de Jean-Henri Dunant, o criador da Cruz Vermelha Internacional, instituição que responde por um sem número de benefícios a toda a humanidade. O livro, com farta documentação fotográfica, é de autoria de Fernand Gigon e a sua tradução estêve a cargo de Oscar Mendes.

NO sentido de incentivar os valores novos de nossas letras, a Cia. de Seguros "Minas-Brasil" patrocina o Concurso Permanente de contos desta revista, nas seguintes bases:

1º) — O original deve ser datilografado em uma só face do papel, em espaço nº 2, com o máximo de 8 e o mínimo de 3 laudas, formato ofício.

2º) — Motivo e ambiente nacionais.

3º) — Observância dos princípios morais que regem os costumes da família brasileira.

4º) — Argumento isento de tragédias fortes e mistérios tenebrosos, fixando, de preferência, as emoções do ambiente de família, do lar, e as narrativas de fundo moral sadio e honesto.

5º) — Os trabalhos devem ser rigorosamente inéditos e uma vez publicados terão seus direitos autorais reservados por ALTEROSA.

6º) — É permitido ao concorrente assinar o trabalho com pseudônimo. Neste caso, deverá mencionar, também, seu nome e endereço completos, para a remessa do prêmio que eventualmente lhe couber.

7º) — Serão atribuídos Cr\$... 2.000,00 e Cr\$ 1.000,00, aos trabalhos classificados respectivamente para 1º ou 2º prêmio, a critério exclusivo do crítico literário desta revista. Eventualmente outro trabalho poderá ser também aproveitado, embora não classificado para os prêmios, se merecer Mengo Honrosa conferida pelo mesmo critico.

8º) — Os prêmios serão enviados por ALTEROSA aos autores dos trabalhos classificados, em 30 dias após a publicação dos mesmos, em cheque bancário, pelo Correio.

9º) — A relação dos trabalhos classificados aparece sempre nas edições de ALTEROSA, na seção "Colaboração de Leitores".

10º) — Não se devolvem originais, ainda que não sejam aproveitados.

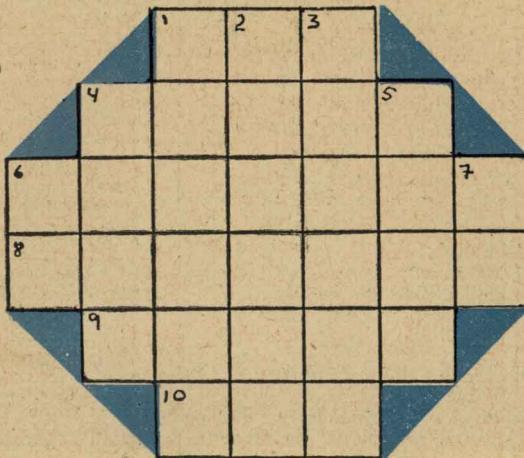
Colaborações de Leitores

PARA conhecimento de nossos leitores que concorrem com trabalhos para o Concurso «Minas-Brasil» e com outras colaborações espontâneas para esta revista, mencionamos a seguir as produções recebidas durante o mês de dezembro e que mereceram aprovação da Comissão Julgadora:

CONTOS: «Tloc-Tloc... Tloc-Tloc...» de Ricardo Luiz Hoffmann, «O Campinho das Peladas» de Nege Allem, «O Pecado de Jorginho» de Luiz G. P. Cardoso, «Meu Cão» de Altino Bondesan.

POESIAS: A Noite Triste Em Que Você Não Vem», «Pórtico», «Os Homini Sublime Dedit», «O Sítio de Minha Avô» e 10 trovas de Dieno Castanho; «Mulher Saudade» de Christina Lessa; 1 trova de Paulo Freitas; 1 trova de Cremilda C. Costa.

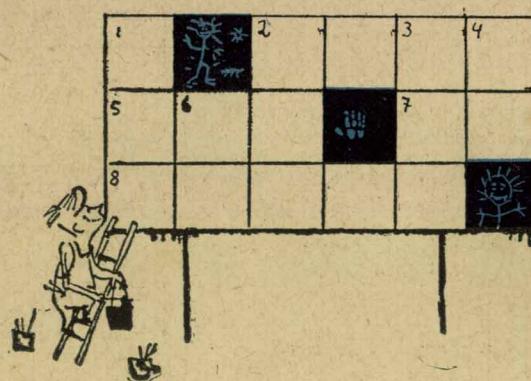
NOVATOS



HORIZONTAIS: 1 — Gemidos. 4 — O descobridor da vacina contra a poliomielite. 6 — Nome feminino. 9 — Fragrância. 10 — Nome de mulher.

VERTICIAIS: 1 — Uamirim. 2 — Ibéricos. 3 — Sereia. 4 — Cura. 5 — Mais um nome feminino. 6 — Terceira letra do alfabeto. 7 — A Igreja Romana.

VETERANOS



HORIZONTAIS: 2 — Algodeiro. 5 — Ave da família dos Cuculídeos. 7 — Interj. designativa de repugnância. 8 — Peixe da família dos Cianídeos.

VERTICIAIS: 1 — Nome de uma letra alemã. 2 — Espécie de sapo grande. 3 — Espaço de um mês. 4 — Exprime espanto. 6 — Note bem.

Soluções Anteriores

VETERANOS — HORIZONTAIS: Abacá, Jesus, acaçá, maior.

VERTICIAIS: Ajam, beca, asai, cuco, asar.

NOVATOS — HORIZONTAIS: Sá, Noel, alia, ta, avir, lime, nas, AHM, Noel.

VERTICIAIS: Sei, álacers, Natal, ala, vinho, imame, an.



A MORTE DE SÓCRATES E A SICUTA

As pessoas que conhecem os sintomas produzidos pela ingestão da cicuta chegam a duvidar que tenha sido esta a erva responsável pela morte de Sócrates, já que existe alguma divergência entre a descrição do passamento do grande filósofo feita por Platão e a real sintomatologia do envenenamento pela perigosa planta. De fato, a cicuta maior contém cicutina ou conina, alcalóide potente e de ação rápida, que provoca vertigens, colapso, taquicardia, calafrios, sufocamento, distúrbios intestinais e perda progressiva da sensibilidade e da motricidade.

Evidentemente a morte de Sócrates devia ocorrer dentro de um estilo digno do grande filósofo e por isso, é possível que Platão tenha achado oportunamente descrevê-la em parte, omitindo os sintomas mais desagradáveis produzidos pelos alcalóides contidos na planta.

Entretanto, Platão acertou quando se referiu à sensação de frio que invadiu lentamente o filósofo e à sua dificuldade cada vez mais acentuada em respirar. A lucidez mental, que permanece viva até o último instante, fato que Platão colocou em grande evidência, é típica do envenenamento pelo alcalóide, sobretudo no caso da ingestão de doses fortes. Além da cicuta maior ou Conium maculatum, existe uma outra espécie, também altamente venenosa: a cicuta aquática, que cresce em lugares pantanosos.

A cicuta é planta semeihante à salsa, largamente utilizada pela medicina. Perde todas as propriedades com o dissecamento e alinha-se entre as plantas de ação sedativa. Todavia, a preparação de medicamentos à base desta erva, dada a sua alta toxicidade, é reservada apenas aos laboratórios farmacêuticos.



Na bonita festa em que foram entregues os troféus "Câmera" aos melhores da televisão, o Sr. Rodolfo Lima Martensen, tendo às mãos o troféu correspondente ao programa "Papai Sabe Tudo", cumprimenta o Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Helder Câmara e o Sr. Cerqueira Leite, diretor da TV-Rio.

Melhor filme da televisão carioca:

PAPAI SABE TUDO

A REVISTA "TV — Programas" todos os anos promove uma completa pesquisa entre os telespectadores cariocas com a finalidade de revelar os artistas, programas e técnicos que conseguiram maior prestígio durante a temporada. O "PAPAI SABE TUDO" conquistou, em 1961, o primeiro lugar na categoria de filmes realizados para a televisão, repetindo o sucesso que conseguirá no ano anterior.

Nós, que também conhecemos e muitos apreciamos essa excelente série de filmes, sómente poderemos concordar com os guanabarinhas. Realmente, o "PAPAI SABE TUDO" é um programa que agrada em cheio. Há movimentação, humor, surpresa, variedade... tudo, enfim, em suas histórias interessantes e muito humanas! São os filmes ideais para o entretenimento das famílias! A gente morre de rir com as trapalhadas aprontadas pela caçulinha Kathy, tão arteira!... se enternece com os problemas sentimentais do lindo "brotinho" Betty ou se diverte com as complicações do desastrado Budd, o rapagão da família... Mas, o que conquista mesmo o coração de todo

o mundo é o afeto que une a todos os componentes da simpática família do "Papai Sabe Tudo"!

A entrega dos troféus "Câmera" foi efetuada em belíssima solenidade realizada no Palácio Guanabara, Rio de Janeiro. Compareceram personalidades de relevo nas artes, no rádio, na televisão e na sociedade do Estado da Guanabara, tendo honrado a festa com sua presença o Arcebispo Auxiliar do Rio de Janeiro, D. Helder Câmara. O prêmio correspondente ao "Papai Sabe Tudo" foi entregue ao Sr. Rodolfo Lima Martensen, gerente da Lintas-Publicidade Internacional Ltda., agência que distribui os filmes para todo o Brasil. O Sr. Lima Martensen, na mesma ocasião, fêz a transferência do Troféu para o Sr. Paschoal Ricardo Netto, que representava as Ind. Gessy Lever S. A., patrocinadoras do Programa. O Sr. Paschoal Ricardo Netto ressaltou na oportunidade a satisfação com que a companhia oferece ao público brasileiro espetáculo de televisão de qualidade assim tão elevada.



Esta é a simpática família do "Papai Sabe Tudo": Budd, Betty, o "papai", a "mãe" e Kathy.



O CAMPEÃO DA AVENIDA, o Campeão das Sortes Grandes, vendeu em 22 de Dezembro da Mineira:

7.507	com 2 milhões
22.527	com 2 milhões
31.955	com 1 milhão
7.506	com 50 mil
7.508	com 50 mil
22.526	com 50 mil
22.528	com 50 mil

Em 29 de Dezembro da Mineira:

3.770	com 2 milhões
3.769	com 50 mil
3.771	com 50 mil

Em 5 de Janeiro da Mineira:

18.144	com 1 milhão
1.823	com 300 mil

Em 12 de Janeiro da Mineira:

21.838	com 300 mil
--------	-------------

Sortes Grandes?

CAMPEÃO DA AVENIDA e... não se discute

Avenida, 770 — Avenida, 612
Caixa Postal 225 — B. Horizonte



- «Le Belvedere»
O Restaurante Inconfundível

- Apartamentos Modernos

- Ambiente Familiar Bom Gosto e Distinção

- Bar Tejuco Ambiente de Arte, Música e Alegria



Av. Amazonas, 120 — Fone : 4-0420
BELO HORIZONTE



CINEMA

Robert Taylor

UM HOMEM MODESTO

EM Beatrice, Nebraska, um escolar chamado Spangler Arlington Brough, com acentuados pendores musicais, decidiu abandonar o saxofone e o banjo para estudar violoncelo. Os estudos de violoncelo nunca fizeram de Spangler um violoncelista, mas guiaram-no indiretamente para que ele se tornasse um ator cinematográfico. Spangler passou a chamar-se então Robert Taylor. Embora não fosse astro de primeira grandeza, durante o quarto de século seguinte, Taylor tornou-se o ator mais constante e um dos mais bem pagos do cinema. De Garbo e Harlow a Ava Gardner e Elizabeth Taylor, incluindo Myrna Loy, Irene Dunne, Joan Crawford, Heddy Lamarr, Vivien Leigh, Katarine Hepburn, Lana Turner, Deborah Kerr, Greer Garson e Julie London — para citar apenas algumas — Taylor namorou a todas. Atualmente ele está trabalhando na televisão, na série «Os Detectives».

Não obstante sua longa carreira cinematográfica, onde se alternaram romance e aventura, Robert Taylor é, provavelmente, o ator menos conhecido, dentre os grandes atores. Isto pode ser atribuído em particular à sua mansidão inata que o conserva fora dos papéis principais. Por outro lado, o fato pode ser atribuído também à sua modéstia excessiva que o impede de acreditar que qualquer coisa que ele faça fora da tela seja digna de nota.

Taylor ainda recorda o que lhe aconteceu em Washington, quando era mais jovem. Estava ele jantando sozinho num restaurante, quando uma matrona postou-se de pé à sua mesa.

— Oh, Sr. Taylor — gritou ela — acho o senhor o homem mais elegante do mundo...!

Taylor empalideceu, deixou a refeição por terminar e tratou de ir embora.

Quando de uma participação no filme «Um ianque em Oxford», na Inglaterra Taylor escolheu uma manhã infeliz para desembarcar em Nova Iorque. Na noite anterior, o novelista Ernest Hemingway tinha chegado às vias de fato com o crítico Max Eastman por motivo da afirmativa desse último de que o escritor tinha «cabelo postiço» no peito. A notícia estava nas primeiras páginas.

— O senhor tem algum cabelo em seu peito, Sr. Taylor? — perguntou um inspirado repórter, quando Taylor perdeu o controle e avançou sobre o jornalista. Foi separado do repórter sem prejuízo para qualquer dos dois. Os jornais daquela tarde não perderam tempo em censurá-lo cruelmente, afirmando que, como pugilista, ele era mais engraçado do que feroz.

As notícias percorreram o mundo inteiro e quando Robert Taylor chegou a Londres a colunista Louella Parsons comentou que o «pobre Taylor vai tentar fazer uma réplica com seu filme inglês». Seu único conforto foi que um grupo de moças inglesas aglomerou no seu hotel e algumas delas até entraram em seu quarto. Taylor ficou agradecido pela saudação.

Com exceção do seu casamento com Barbara Stanwyck e do divórcio depois, Robert Taylor nunca mais deu motivos para noticiários na primeira página dos jornais. Durante a guerra, ele associou-se à Marinha Americana, como instrutor volante, tendo permanecido 2.500 horas no fundo d'água. Seu casamento com Ursula Thiess, uma jovem atriz alemã, foi realizado na cabine de um cruzador no meio do lago Jackson, em Wyoming e não havia repórteres nas proximidades.

Robert Taylor nasceu há 49 anos na peque-



Viajar constitui a preocupação máxima de Taylor, e o ator faz questão de dedilhar no globo a rota a seguir.

•

na cidade de Filley, Nebraska. Seu pai era comerciante, mas certificando-se de que sua esposa sofria de distúrbios cardíacos, resolveu estudar medicina com a finalidade de assisti-la. Depois de formado, clinicou em Crete, no mesmo estado. Taylor jamais viu os pais discutindo. Dr. Brough proibia a esposa de fazer trabalhos pesados e levava a roupa para ser lavada no consultório. A senhora Brough ainda vive. Seu marido, entretanto, faleceu há 28 anos, relativamente bem jovem ainda.

Taylor ingressou no Colégio Doane, em Crete, especializando-se em medicina e economia e estudando música sob a orientação do Prof. Herbert Gray. Quando o prof. Gray se transferiu para o Colégio Pomona, na Califórnia, a quase 50 quilômetros de Hollywood, Taylor acompanhou-o, arrastando seu violoncelo. A decisão foi fatal, pois foi justamente de Pomona, que o jovem saiu para escolas teatrais.

— Eu não era homem de palco — relembra Taylor. — Apenas sentia-me muito solitário e

pensei que no teatro poderia encontrar muitas moças... Foi uma pequena idéia que certamente acabou.

Taylor tinha boa aparência e bom timbre de voz, mas era altamente inexpressivo. Além disso, tinha muita tendência para modificar suas representações, fazendo uma mistura do idioma do ocidente com o holandês (herdado de seu pai).

Quando Taylor foi batizado Spangler Arlington Brough, um amigo da família predisse: — Ele não chegará à maturidade com esse rótulo. O profeta tinha razão. Ida Koverman, secretária executiva de Louiz B. Mayer, então diretor dos estúdios MGM, sugeriu-lhe o nome de Robert Taylor, quando ele passou a figurar na lista de astros da Metro. Aí ele permaneceu por 24 longos anos, mediante o maior contrato já firmado na história de Hollywood.

A princípio, Taylor não demonstrou sua capacidade. Sua produção era fraca e seu salário fixo era de 85 dólares por semana.

— Foi Greta Garbo quem me deu a primeira lição de como re-

presentar — disse ele recentemente, com um sorriso forçado.

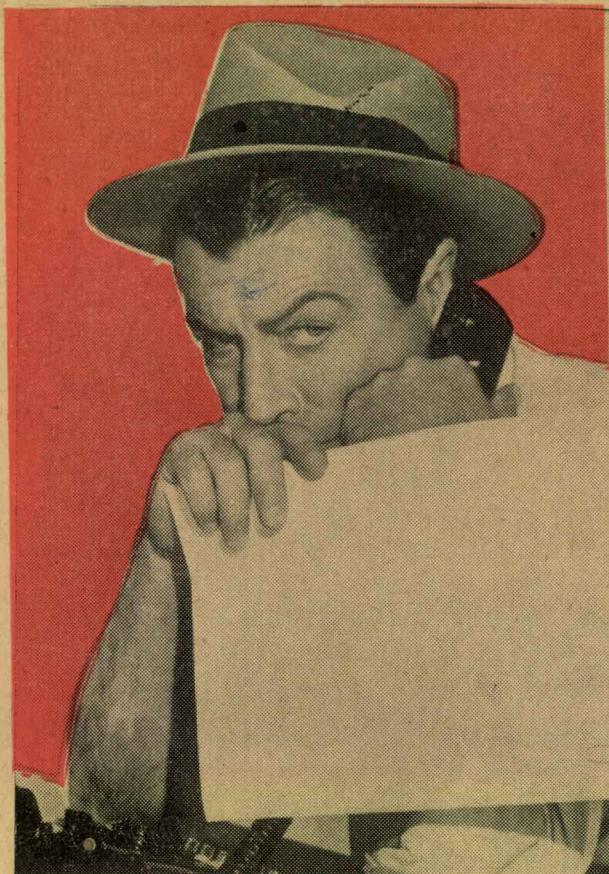
— Quando da filmagem de «Camille» — recorda Taylor — Garbo nunca tinha coisa alguma para dizer a seu Armando, eu, fora das câmeras. E isto continuou por seis longas semanas, atrapalhando-me sobremaneira, pois eu percebia que ela me censurava. Ela jamais tomava conhecimento de minha presença fora do «set». Sentia-me horrivelmente triste porque ela não me reconhecia como uma pessoa.

— Um dia, entretanto, ela sorriu para mim. E não foi só isso não. Sorriu e disse «olá, Bob», com aquela voz rouquenha e amiga. Senti ter alcançado meu lugar ao lado dela e, daí por diante, transformei-me num homem alegre e num ator entusiasmado.

— A coisa melhorou tanto que, enquanto aguardava sua vez de entrar em cena, Garbo não mais se recolhia em seu camarim, sózinha, mas passava todo o tempo comigo. Fizemos vários passeios pelos bosques de Griffith Park, de mãos dadas.

— Rodada a cena final do filme, quando o diretor George

ROBERT TAYLOR



Robert Taylor em plena atividade como um detetive famoso, na série "Os Detetives", que ele está fazendo para a TV.

Cukor manifestou-nos sua satisfação, voltei-me ansiosamente para Garbo, mas ela já estava indo embora. Chamei-a e ela não me deu atenção. Apesar de ambos termos trabalhado ainda por vários anos no mesmo estúdio, nunca mais voltei a vê-la!

— Como Armando — supõe Taylor — eu não passava de um pêso morto em frente às câmeras e Garbo tinha esperança de que eu pudesse ser influenciado por algum estímulo vivo, real. O filme terminou... e o mesmo se deu comigo.

Taylor conheceu Barbara Stanwyck num jantar em Hollywood, oferecido por Zeppe Marx. Sentado ao lado da atriz, ele não achava assunto para conversar com ela. Iniciada a música, Taylor convidou-a para dançar e os dois dançaram o tempo todo. O ator não tinha dúvidas de que

desejava vê-la outra vez. Por isso, tratou de pedir-lhe que marcassem um novo encontro. Barbara hesitou e ele ficou certo de ter sido precipitado. A verdade, porém, era que Stanwyck ainda não estava disposta a aparecer em público depois de seu recente divórcio de Frank Fay. Diante disso, sugeriu a Taylor que fôsse jantar em sua casa.

O ator aceitou o convite cheio de satisfação. Achou a Sra. Stanwyck fascinante como mulher e como atriz. Ela tinha dançado em «nights clubs», atuando em vários teatros, conhecia o «show-business», ao passo que ele nada sabia a esse respeito.

Taylor sentou-se aos pés de Stanwyck para receber dela lições sobre a arte de representar, que ele teria levado anos para aprender. Um ano depois que se haviam encontrado, Taylor telefo-

nou para ela, pedindo-a em casamento. Stanwyck aceitou, mas eles só poderiam casar-se dois anos depois. Embora contrariada, a atriz concordou em esperar.

Taylor tinha 28 anos e Stanwyck 32, quando ambos se uniram pelo matrimônio em San Diego, em maio de 1939. A união durou aproximadamente 12 anos.

— Pode-se dizer — acentuou Taylor — que nossa profissão, que nos havia unido, cooperou para a nossa separação.

Stanwyck é mais feliz junto aos estúdios. Para Taylor, representar tem sido um «modus vivendi», mas não sua fonte total de satisfações.

— Quando eu consegui o dinheiro necessário para viver como desejei pus-me a andar. Aprendi a voar em 1940, comprei um avião e andei por onde bem quis, geralmente pescando ou caçando.



A fascinante Barbara Stanwyck, ex-espôsa de Taylor e que o ajudou muito em sua carreira cinematográfica.

Stanwyck saia por pouco tempo, mas aborrecia-se logo. Quando Taylor não estava fora, filmando (o que ela perdoava), ele estava caçando no norte do Canadá ou no México — e isto a entristecia. Todavia, foi quando ele estava fazendo «Quo Vadis» na Itália, que a confusão estourou. Taylor estava fora há bastante tempo — sete meses em Roma — e de amizades com uma beladade italiana. A senhorita em questão era Lia de Leo.

Stanwyck voou para Roma, viu com seus próprios olhos e teve uma conferência com o marido.

O divórcio foi concedido em 1951. Taylor deu a Stanwyck sua mansão de Brentwood, no valor de 100 mil dólares e 15% de sua renda líquida enquanto ela viver ou até que ela contraia novas núpcias. Stanwyck foi franca a respeito de sua mágoa. — Afinal de contas, por que fingir? — acentuou ela. Ela e Taylor são bons amigos atualmente.

Quando Taylor encontrou sua atual espôsa, observou que ambos tinham covinha no queixo. Um ano depois eles fugiram para

o Lago Jackson, onde se casaram. Hoje existem mais dois queixos com covinha na família: um pertence a Terry, filho mais velho do casal, que tem 5 anos, e o outro à garotinha Tessa, de um ano e meio.

Taylor reside numa casa estiloso fazenda, de tijolos brancos, que ele adquiriu há dois anos. É bem razoável o dinheiro que possui e continua conservador como sempre foi. Foi membro do Comitê pro-Nixon e é Republicano de papo amarelo.

Seu gôsto pelas viagens levou-o a firmar vários contratos para filmes nas mais remotas partes do globo. Seu próximo filme — uma história de aventuras — intitula-se «Formosa» e possivelmente será rodado na estratégica ilha.

— Não tem havido dramas intensos em minha vida — disse o ator, recentemente. — Nunca batalhei por sucesso.

Os anos mudaram-lhe as feições e a estrutura. — Aposto como Garbo jamais me reconheceria agora — diz ele, acrescentando — aliás, com exceção daquele período, ela jamais me reconheceu...



BICO?

Não! Muito mais do que isso

Ea oportunidade de contar com nova e definitiva fonte de rendas. Com um talão de assinaturas, lápis e os minutos de folga, em suas viagens, você terá a sua receita aumentada, colocando assinaturas da Revista ALTEROSA. Como viajante, por certo que você sabe que a nossa revista goza de alto conceito, e que há milhares de assinantes em potencial, esperando apenas que alguém lhes propõa as vantagens de assinar ALTEROSA. Seja um dos nossos agentes de assinaturas, ganhando as boas comissões que pagamos por este trabalho.

Aproveite melhor as suas viagens, vendendo assinaturas de

ALTEROSA

a revista
que todos desejam

Escreva à Soc. Editória ALTEROSA Ltda., Caixa Postal 279, Belo Horizonte, mencionando o seu nome e endereço completo, idade, estado civil, profissão, grau de instrução e fontes idóneas — com que não tenha parentesco — para referências: comerciantes, industriais ou bancos de sua cidade. Garantimos absoluto sigilo sobre o assunto.



— Não terá você o complexo de que é baixinho?

QUITANDINH

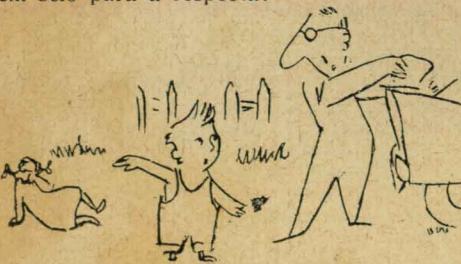
ECONOMIA



EAQUÈLE célebre cantor, cuja avareza é legendária, continua a receber uma correspondência volumosa.

— E você responde a tôdas as cartas? — pergunta-lhe um amigo.

— Oh, sim — diz êle. — A tôdas que trazem sêlo para a resposta.



Filho de Psiquiatra

UM psiquiatra estava lubrificando o seu automóvel, diante da garagem de sua casa, enquanto, passos adiante, seu filhinho brincava com uma menina que lhes era vizinha. De repente, viu o menino dar brutal empurrão na garota, atirando-a por terra. Antes que o aturdido pai tivesse tempo de abrir a bôca para dizer qualquer coisa, o menino voltou-se e lhe perguntou, de estalo:

— Papai, por que fiz isto?

Era um perfeito modelo de sabedoria feminina. E, portanto, aconselhava à filhinha, que acabava de aplicar valente surra num pequeno colega: «Lembre-se que é uma senhorita. Nunca castigue o Armando com pancadas. Use as palavras».

A



PISTA SEGURA

UM sujeito que se julgava caçador de onças pediu à esposa que arrumasse a sua mala com todos os objetos necessários para os vinte dias que ia passar caçando em Mato Grosso.

A mulher obedeceu mas, porque tivesse dúvidas quanto às aptidões do espôso, colocou na mala algo mais do que roupas e objetos de uso pessoal.

Quando o marido, chegado ao local das caçadas, desfez a mala, encontrou, lá bem no fundo, a detalhada gravura de um animal, com a seguinte legenda em caligrafia bem feminina: "Onça é um bicho exatamente assim".

NOTA DEZ

UM grupo de alunos do curso de medicina estava visitando uma maternidade, exatamente num dia que se revelava pródigo em nascimentos e em futuros papais, que se agitavam de um lado para outro, à espera de notícias.

Quando transitava pelo corredor onde se achava o berçário, o grupo, guiado por uma enfermeira da casa, foi de encontro a um jovem cavalheiro, evidentemente um papai estreante.

Apressadamente, ele tentou abrir passagem entre os estudantes, mas a enfermeira, com um tanto de impertinência, o interpelou:

— O senhor também é aluno?

— Isso não, — disse êle, com um sorriso largo. — Acabo de ser diplomado agora mesmo.



UM incorrigível facadista hospedou-se num casarão de Ouro Preto, daqueles tidos e havidos como assediados por fantasmas e aparições.

Na manhã seguinte, em conversa com outros hóspedes, perguntaram-lhe como tinha passado a noite.

— Até que bem — disse ele. — Só que um fantasma esteve de pé ao lado da minha cama.

— E ficou lá por muito tempo? — ecoaram os outros.

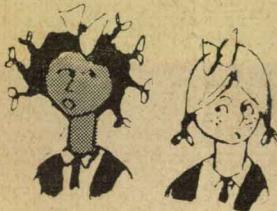
— Até que nem, — concluiu o cinico. — Fugiu apavorado quando lhe pedi cem mangos emprestados.

MAS o outro era um psicólogo prático: só tomava emprestado de pessimistas, aqueles sujeitos que nunca esperam ser reembolsados.

INFLAÇÃO é este tempo em que todo mundo tem tanto dinheiro, mas tanto dinheiro, que já não encontra o que possa comprar com ele.



— Vejo também uma longa viagem.



TEATRINHO ESCOLAR

QUANDO os conflitos em torno da segregação racial alcançavam o clímax no extremado Sul dos Estados Unidos, os orgulhosos pais de uma menina cobriram-se de apreensões, ante a sorte da criança, que, pela primeira vez, ia freqüentar uma escola onde se fizera a integração de negros com brancos.

Ao retornar a casa após sua estréia em escola integrada, a menina foi diretamente ter com a mamãe, que lhe perguntou:

— Como foi por lá, meu bem?

Oh, mãe, — disse a criança, — uma menina preta ficou sentada a meu lado, o dia todo!

Com medo que essa proximidade pudesse vir a traumatizar sua impoluta filhinha, a mamãe sentiu que teria de gastar muito tempo para desfazer-lhe a impressão inicial. Mas, em seguida, fêz-lhe outra pergunta:

— E o que foi que aconteceu?

— Oh, mamãe, — replicou a filhinha, — nós estávamos com tanto medo que ficamos de mãos dadas o dia inteiro...

AVIVISSIMA garota tinha obtido ótimas notas no início do primeiro ano primário. Depois as notas baixaram assustadoramente, dia a dia, tal ponto que um dos seus tios quis saber o por quê.

Interpelada, a menina refletiu um instante, e explicou:

— Acho que eu era mais inteligente quando não sabia coisa nenhuma.

E quando a mamãe, atarefadíssima, recusou-se a abotoar o vestido da filhinha, a sabida menina exclamou com toda a filosofia dos seus sete anos: — Oh, Não sei como viveria sem eu mesma!



NOVA CONSISTÊNCIA...
MAIS FIRME

Jamais você sentirá em suas mãos um sabonete de massa tão uniforme, tão lisa! E até o fim você terá, inalterável, a maravilhosa consistência... a excepcional firmeza do seu NÔVO LEVER.

ALGO DE NÔVO ACONTECEU NO SEU SABONETE LEVER

...ALGO QUE SUA PELE CONTARÁ EM VIÇO, BELEZA, PERFUME!

Desde a extraordinária consistência, a pureza... até o perfume singelo, carinhosamente guardado pela luxuosa embalagem laminada — tudo lhe diz que Nôvo Lever tem nova categoria. E quando a rica espuma-creme do Nôvo Lever envolver gene-

rosamente seu corpo, você saberá que nunca mais outro sabonete tocará sua pele, com tanta docura e suavidade! Em você permanecerá, íntima... discreta... a fragrância rara do Nôvo Lever. E ele será completamente seu, para sempre.

NÔVO LEVER
O SABONETE
PREFERIDO
POR 9 ENTRE
10 ESTRÉLAS
DO CINEMA

SHIRLEY MAC LAIN diz:
"...é o meu sabonete. Observei que
NÔVO LEVER ajuda a manter
delicada e macia minha pele... com
a melhor aparência, todos os dias.
E são lindas as cores do
NÔVO LEVER!"



Faça como SHIRLEY MAC LAIN,
dê ao seu encanto de mulher a carícia da

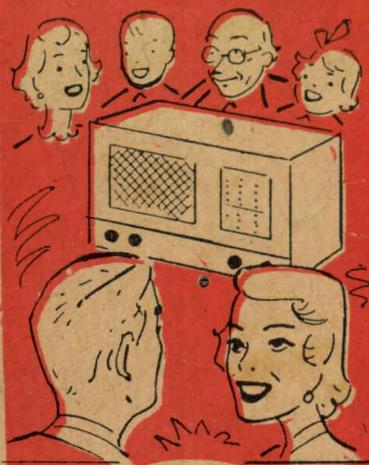
NÔVO
LEVER^{hoje!}

— em nova embalagem laminada

*Conhecido nos EE.UU. e
Europa com o nome de LUX

1968

Companheiras DE TODOS OS MOMENTOS



- Bons programas
- Melhores locutores
- A melhor música
- nos céus de Minas



rádio
MINAS

rádio
PAMPULHA

Direção de
RAMOS DE CARVALHO

Sede-própria: Rua Rio de Janeiro, 430
— 12º andar — Fone 2-9711 — Belo
Horizonte.

Representantes no Rio e São Paulo:
A. LEBRE PINTO - EMISSORAS S/C.
São Paulo: Rua Cons. Crispiniano, 379
— 10º andar — conj. 1001 — Fones
35-7854, 36-2019 e 36-6853.

Rio: Rua México, 111 — 11º andar —
S/1108 — Fone 22-1132.
Enderéço Telegráfico: LEBREPINTO

De súbito



Cosette de Alencar

DE súbito, não é tanto a dor do amor perdido mas a certeza da própria e irremediável solidão que cai duramente sobre sua alma atemorizada e expectante. Amores, sabe-o com certeza absoluta, aparecem sempre, e sempre envoltos na mesma auréola fictícia de maravilhamento tolo. Amores, não é difícil obter-se, quando não se consegue o gênero genuíno, contrafações muito passáveis: e há sempre um momento em que até mesmo as imitações mais baratas adquirem certo ar legítimo. Mas o pior é que, no fim e ao cabo das contas, todos eles deixam aquele ressaibo de insatisfação ansiosa. E aquele frio sentimento de solidão... Horrible. Tem toda a certeza de que é o ultimo amor perdido, já agora com aquele aspecto desfeito dos sentimentos mortos, que lhe trouxe o frenmito de susto. Não foi ele, decerto, mas não é impossível que também ele tenha concorrido um pouco para a eclosão do sentimento doloroso. De repente, sente-se só no mundo, e tem a aguda percepção de que está realmente só. Nenhuma alma sequer para acompanhá-lo o transe, nem um único ser para dar-lhe o conforto de uma palavra de compreensão verdadeira. Como num salão de festas, a vida é uma palinódia original, em que cada qual procura, em meio ao esfuziar de risos e palavras, gestos e acenos, encher um vazio irremediável. Sim, irremediável.

Pode lembrar alguns dos amores mortos com precisão absoluta: e tem na memória desenhos de mãos, lembraças tépidas, vagos ecos de palavras ditas. Mas sabe, de modo definitivo, que em nenhum momento, mas em nenhum mesmo, encontrou correspondência real, compreensão, afinidade... Contactos de mãos, lampejos de espírito, deve ter sido tudo. Mais nada. Sabe que esteve sempre só, inteiramente só. E os demais, todos os demais, mesmo os que estiveram às vezes tão próximos, tão chegados, foram como fantasmas. Só isto, fantasma.

Sempre esteve só desde que nasceu. E sabe, sem nenhuma sombra de dúvida, que sempre continuará só, até o fim. Outros contactos fugidos poderão surgir, bôcas risonhas a dizer coisas, mãos estendidas, olhos molhados de ternura: serão momentos de puro engano. Passarão, e o que subsistirá será esta sensação de agora, funda e lancinante, doendo como uma ferida íntima, impossível de ser confessada. Mais impossível ainda de ser debelada.

Sentimento assustador, não raro. De que adiantam as galas do mundo? Não acredita, agora, que lhes possa compartilhar a doçura com ninguém.

Sabe que está só, que há um abismo intransponível entre sua pessoa e os demais, que aliás o fenômeno é universal — e ninguém pode acompanhar ninguém. De modo algum.

Ninguém pode valer a ninguém, é da condição humana a solitária caminhada entre os dois pontos conhecidos: a porta da entrada, a porta da saída. E por mais que, entre elas, entre as duas portas, a paisagem tenha sido bela, feita de graça pura e alegre colorido, o certo é que se andou sempre só, inteiramente só. Como uma pequena ilha a boiar no infinito oceano da indiferença humana. Ilha perdida e solitária, mundo esfacelado, imagem patética da impotência humana.

Sente um arrepião quando pensa nisto, como se um vento frio passasse por perto e lhe sussurrasse um segredo. De fato, há um mistério nesta compreensão súbita e desolada de uma realidade imutável.

Súbito? Talvez nem tanto. Talvez apenas lentamente amadurecida através uma série contínua de desenganos brutais. Sentia aos poucos, formada aos pedaços, acumulada longamente — e, de repente, eclodindo sob a forma de uma certeza inamovível.

Relanceia os olhos à sua volta: nada mudou na paisagem habitual e, justamente, as pombas que moram no telhado do barracão do vizinho passam diante de sua janela, sacudindo as asas num ruflar pesado, sonoro e indizivelmente triste. Triste? Nem tanto. Indiferente apenas. Tudo na mesma, o céu risonho, o leque das palmeiras do adro — mas sabe que tudo mudou. Sente isto, como se lhe tivesse dito uma voz gelada, vinda da noite dos tempos, impassível e neutra. Justamente, neutra.

-viajando pelo Brasil..

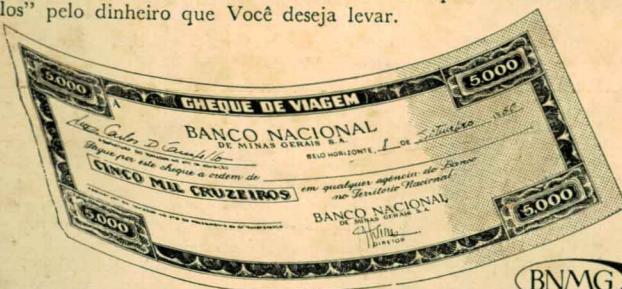
EM
FÉRIAS
OU A
NEGÓCIOS



CHEQUES DE VIAGEM

garantidos pelo Banco Nacional de Minas Gerais

É realmente uma garantia para seu dinheiro, o uso dos Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais. Você está a salvo dos riscos de uma perda ou mesmo de um roubo. E Você pode usá-los como dinheiro... mas um dinheiro que só a Você pertence! Proteja o seu dinheiro, viaje tranquilo com os Cheques de Viagem do Banco Nacional de Minas Gerais! Não custam nada para Você. Basta "trocá-los" pelo dinheiro que Você deseja levar.



BNMG

BANCO NACIONAL
DE MINAS GERAIS S.A.

Segurança completa

Mesmo em casos de perda ou roubo, seus cheques estão protegidos e podem ser reembolsados. São impressos como dinheiro, em papel infalsificável.

Facilidade maior

Estes cheques são emitidos sob a forma de cédulas, nos valores de Cr\$ 1.000, Cr\$ 5.000 e Cr\$ 20.000 cada um. Você escolhe os valores e as quantidades que desejar.

Circulação nacional

Onde chegar, Você poderá transformar seus cheques em dinheiro. Basta apresentá-los na agência local do Banco Nacional de Minas Gerais.

Autenticação pessoal

Ao receber seu cheque, Você tem que assiná-lo na hora. Depois, para transformá-lo em dinheiro, Você o assinará de novo. A segunda assinatura é que lhe dá valor!